

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

LEITURAS *LEITURAS:*
A RECEPÇÃO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

ELIANE SANTANA DIAS DEBUS

Florianópolis, agosto de 1996.

ELIANE SANTANA DIAS DEBUS

ENTRE VOZES E LEITURAS:
A RECEPÇÃO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira. Orientador; Prof. Dr. Lauro Junkes.

Florianópolis, agosto de 1996.

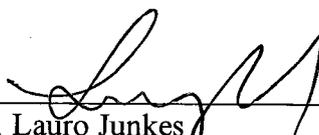
**“ENTRE VOZES E LEITURAS: A RECEPÇÃO DA
LITERATURA INFANTIL E JUVENIL”**

ELIANE SANTANA DIAS DEBUS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LETRAS

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina.

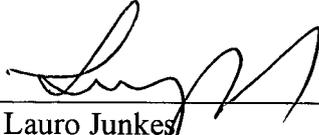


Prof. Dr. Lauro Junkes
ORIENTADOR



Prçí^t2(rAlckr5ainLubE^s Santos
COORDENADOR DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



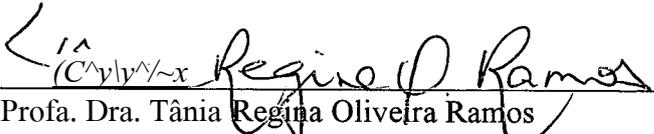
Prof. Dr. Lauro Junkes
PRESIDENTE



Profa. Dra. Regina Zilberman (PUC/RS)



Profa. Dra. Sueli ^Ö^gneti



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
SUPLENTE

c^o ^ee«,

^ompAoheiro 4e maUii» histórias

AGRADECIMENTOS

A Lauro Junkes, por ter acreditado no projeto de pesquisa, pelo incentivo durante o curso e atenção dispensada durante as orientações da dissertação.

À Maria de Lourdes Krieger, pela gentileza e confiança no empréstimo das cartas.

Aos professores, funcionários e colegas do curso.

À Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal de Santa Catarina, que possibilitou a participação no Programa Experimental de Incentivo Didático-Científico a alunos de Pós-Graduação, no qual atuei por dois semestres, junto à disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, no curso de Pedagogia.

À CAPES e ao CNPq, órgãos **que viabilizaram esta pesquisa.**

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS ..	1
1 PANORAMA DA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS NO BRASIL	
1.1 A Construção do Sentimento da Infância.....	^
1.2 A Literatura e a Criança Brasileira.....	^^
1.3 A Produção Literária para Crianças e Jovens em Santa Catarina.....	19
1.4 Os Discursos da Crítica	40
2 LEITURA. LITERATURA E LEITOR:CAMINHOS COMPARTILHADOS	
2.1 A Leitura; a que será que se destina?.....	47
2.2 A Literatura Infantil e Juvenil; a quem será que se destina?.....	55
2.3 A Estética da Recepção; um novo olhar sobre o leitor	55
2.4 A Estética da Recepção e o Objeto de Pesquisa.....	73
3 A INTERAÇÃO AUTOR, OBRA E LEITOR	
3.1 Maria de Lourdes Krieger: uma caminhada literária.....	77
3.2 A Construção Narrativa: em busca do diálogo com o leitor.....	81
3.3 A Voz e a Vez do Leitor.....	93
- A (des) mitificação do autor.....	95
- Quebra de expectativas.....	98
- As estratégias textuais; os vazios no texto.....	2Q3
- O leitor que lê e se vê, ao se ver, escreve: a identificação.....	107
- Dramas e tramas da leitura no espaço escolar.....	11 q
- O professor frente à obra.....	^
- Uma literatura específica? critérios do leitor.....	13
- O adulto lê a obra.....	j I ^
3.4 As Cartas; além do papel e da tinta.....	117
	j20

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO..... 122

BIBLIOGRAFIA

Publicações de Maria de Lourdes Krieger..... j 2^

Publicações de Escritores Catarinenses para Crianças e Jovens..... 127

Bibliografia Teórica..... **133**

ANEXOS..... **139**

RESUMO

Esta pesquisa de dissertação vem centrada na Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina, uma prática bastante recente, que começa a se consolidar a partir da década de 70. Com base na análise das obras de Maria de Lourdes Krieger e em cartas emitidas por leitores observa-se como se efetiva o processo comunicacional autor, obra e leitor nesse gênero literário. Ao refletir sobre essa triplice relação, os conceitos dos estudiosos da Estética da Recepção Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser se afiguram como referencial teórico possível, na medida em que desenvolvem formulações importantes sobre essa interação. Não se tem, contudo, como proposta a aplicação prática de uma teoria específica, mas a incorporação de idéias que possam auxiliar e contribuir para a leitura da voz do leitor. Crê-se que, por meio do testemunho do leitor, seja possível refletir sobre algumas singularidades desse gênero literário: a especificidade do seu destinatário e sua vinculação histórica com a escola.

ABSTRACT

This research is based on the children's literature which is a quite new practice that started to be consolidated in the seventies in Santa Catarina. Upon the grounds in the analysis of Maria de Lourdes Krieger works and some letters sent by readers, it becomes possible to realize how the communication process between author, work and reader is built in this literature kind. Pondering over this relation of triplicity, the concepts of Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser, who are studios of the Esthetics of Reception, are figured as a possible *théorie* reference by the time it starts to develop important formulations in this interaction. There is not as proposal, however, the practical application of a specific theory, but the embodiment of ideas that could help and contribute for the reading of the reader point of view. We believe that, through the reader's witness, it would be possible to ponder over some singularities of this literary kind: the specificity of its receiver and its historical relationship with the elementary school.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A proposta desta dissertação tem como eixo central a discussão da Literatura Infantil e Juvenil e o leitor a que se destina. Para delimitar a amplitude do tema, nada mais justo do que estudar essa produção literária realizada em nosso Estado, bastante significativa. Optamos por centrar nosso olhar mais atento sobre a atuação do leitor na recepção dos livros infantis de Maria de Lourdes Krieger¹, autora nascida e atuante no estado de Santa Catarina.

Ao tomarmos para análise a sua produção literária, temos como objetivo verificar como se efetiva a comunicação autor, texto e leitor. Para tanto, não tomamos somente o texto em si, mas as reflexões dos próprios leitores, por meio das correspondências remetidas à autora.

A produção literária para crianças e jovens vem, nas duas últimas décadas, acentuando-se como um discurso válido e possível de análise em várias áreas de estudo, principalmente na área de Letras, como demonstra o documento elaborado por Nádya Gotlib² ao CNPq, em que a autora avalia os principais grupos emergentes nos estudos teóricos na área de Letras: a literatura feita por mulheres, a literatura africana, a literatura popular (oral e de cordel) e a literatura infanto-

1 Suas primeiras obras foram assinadas como Maria de Lourdes Ramos Krieger. Até a metade de 80 aiccmíram-se obras assinadas como Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks. A autora q}ta, porém, na segunda metade da década de 80, pela assinatura definitiva de Maria de Lourdes Krieger, até mesmo nas obras reeditadas.

2 Referência ao documento de Nádya Gotlib no ensaio de Heloísa Buarque de Hollanda; “A Historiografia Feminista: Algumas Questões de Fundo” In: FUNCK, Susana B. (org.) *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis: Pós-graduação em Inglês/UFSC, 1994.

juvenil. Heloísa Buarque de Hollanda aponta os traços comuns dessas narrativas e sua emergência como resultado de novos paradigmas;

São aquelas que até pouco tempo foram identificadas como áreas marginais, não consideradas, ou quase não consideradas, legítimas pela historiografia canônica e cujos produtos foram tradicionalmente definidos como gêneros “menores” na medida em que se apoiavam em literaturas orais, correspondência, narrativas populares, cuja “qualidade” era sistematicamente posta em questão pela crítica literária.^

No caso específico da Literatura Infanto-Juvenil, alguns fatores, além do extrato popular e da oralidade, colaboraram para seu estigma de literatura “menor”; sua gênese marcada pelo vínculo escolar e o adjetivo, que determina um leitor. E a sua maior marca talvez aí esteja; um texto literário que traz nas suas dobras um leitor específico.

Não se pode dizer que a literatura destinada ao leitor infantil e juvenil deixou as margens e ocupa hoje o centro das discussões, mas o acréscimo de estudos sobre o tema leva-nos a crer que seja possível o diálogo com esse gênero, principalmente para aqueles que, como nós, estão ligados ao ensino de I grau, em que essa literatura é mais atuante. Por sua vez, a experiência como docente da disciplina Literatura Infanto-Juvenil, no terceiro grau, credencia-nos a dizer que muito se tem a fazer para que as reflexões deixem de ocorrer somente no campo pedagógico e que deixe a margem, também, nas disciplinas do curso de Letras.

Tomando as palavras de Jean Starobinski, de que “a escolha de um projeto de estudo (...) supõe, já, uma interpretação prévia; inspirada por nosso interesse atual”⁴ podemos dizer que a escolha do discurso literário voltado para crianças e jovens não foi motivado por superestima e auto-confiança, tão pouco por desconhecimento da tarefa que tínhamos pela frente, mas movida pelo desejo de

3 Id. p. 453.

4 STAROBINSKI, Jean. “A Literatura”, h; GOFF, Le Jacques & NORA, Pierre (org.) *História: Novas Abordagens*. Trad. Hairique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 132-141.

contribuir com a discussão dessa produção literária e abrir caminhos para os estudos desse gênero em Santa Catarina, onde não existe tradição de pesquisa sobre esse fazer literário, apesar de já termos várias obras dirigidas ao público infantil e juvenil.

Vários motivos nos levaram à escolha da escritora catarinense Maria de Lourdes Krieger, entre eles:

1. A sua importância no cenário das produções literárias para crianças e jovens em Santa Catarina: juntamente com Werner Zotz (1968-1992) e Sérgio Jeremias (1984-1994), é uma dos autores mais atuantes na área.

2. Sua obra é composta de 14 livros: 9 para o público infantil e 5 para o público juvenil, pelo que podemos trabalhar com textos direcionados tanto para o X pequeno leitor, como para leitores jovens.

3. E por último, mas não menos importante, porque, ao direcionar nosso olhar sobre o leitor e sua recepção de leitura, podemos contar com o arquivo particular da autora com correspondências de leitores - 580 cartas, datadas de 1979 a 1995 - revelando as expectativas dos leitores quanto à experiência estética, tanto intelectual quanto afetivamente.

Como analisar um discurso literário voltado para crianças e jovens, que obedece a algumas especificidades quanto ao receptor? Edmir Perrotti⁵ observa que a conjunção literariedade e condição de recepção é o grande desafio da literatura e de todas as artes. Tomamos como referencial teórico para a reflexão sobre o tema os posicionamentos de vários pesquisadores e estudiosos sobre a produção literária infantil, como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e Glória Fondé, que têm contribuído para esse estudo, na medida em que tal produção tem suas especificidades inerentes ao gênero.

Acreditamos, contudo, que o referencial teórico voltado para a literatura como um todo é possível, no momento em que a Literatura Infantil e Juvenil também obedece a critérios esteticamente literários, pois, como afirma Ajtonio

5 PERROM, Edmir. *O Texto Sedutor m Literatura Infantil*. São Paulo; ícone, 1986.

Cândido, “o subsolo da arte é um só”⁶. Nas palavras de Cecília Meireles, “tudo é uma arte só”⁷. Por isso, ao refletir sobre a relação autor, obra e leitor na produção de Maria de Lourdes Krieger, os conceitos dos estudiosos oriundos da Escola de Constança, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, afiguram-se como um referencial teórico possível, na medida em que desenvolvem formulações importantes sobre essa interação. Não temos como objetivo, todavia, a aplicação prática de uma teoria específica, mas a incorporação de idéias que nos podem auxiliar, contribuindo para a leitura da voz do leitor, ou seja, a interação da obra com o seu receptor (texto-correspondências).

Cientes de que a produção literária de Maria de Lourdes Krieger não obedece a uma postura isolada, mas inserida no contexto histórico-social, marcado pelas transformações frente à criança e às tendências literárias do gênero, faz-se necessário inseri-la num contexto mais amplo das produções para a criança no País e em nosso Estado. Por isso, ao conjugar vozes e leituras, estruturamos o texto em três capítulos.

No primeiro, diacronicamente, estabelecemos o surgimento da atenção para com a criança, motivada por todas as transformações por que passava o ocidente no século XIX, e a necessidade de uma literatura específica para a sua formação. Da produção literária européia para a brasileira, poucas alterações ocorreram até a segunda década deste século. Destaca-se a obra de Monteiro Lobato, que insere a preocupação com o leitor enquanto ser crítico. Visualizando o crescimento do gênero na década de 70, inserimos a produção catarinense que se efetiva a partir daí. Levanta-se, também, a produção teórico- crítica no Brasil e em Santa Catarina.

Vista na primeira parte mais a produção do texto para o público infantil e juvenil, examina-se no segundo capítulo o papel da leitura e da literatura na formação do leitor; o destino dessa literatura no âmbito escolar, via ligação com o

6 CÂNDIDO, Antonio. "Sílvia Pelíca na Liberdade". In: LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, R^{ina}. *Um Brasil para Crianças: Para Conhecer a Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Global, 1988. p. 329-333.

⁷ MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

leitor. Explicitam-se as reflexões dos estudiosos da estética da recepção e no que esse referencial teórico poderá auxiliar-nos.

No terceiro capítulo toma-se o conjunto da produção literária de Maria de Lourdes Krieger, para observar seu percurso literário, desde seus primeiros textos publicados no suplemento infantil *O Estadinho* (1973) até sua mais recente produção, *Irmão-Sanduiche* (1993). Num primeiro momento, observaremos a temática de suas obras e a construção das narrativas, que estratégias textuais a autora utiliza para dialogar com o leitor, contribuindo para ruptura com os valores estabelecidos para esse gênero. Num segundo momento, ater-nos-emos às obras que são mais representativas na interação entre narrador, texto e leitor, destacando o potencial comunicativo da obra. Interagindo texto e correspondências - a voz do leitor-, restringimos o corpus de análise aos seguintes livros: *Recordações de Um Agente Secreto* (1979), *Um Amigo Muito Especial* (1980), *Nos Ombros Fortes de Papai* (1986), *Segredos do Coração* (1990), *Ana Levada da Breca* (1991), *Irmão-Sanduiche* (1993).

As 580 correspondências recebidas de 15 Estados do Brasil (Alagoas, Bahia, Brasília, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo), tanto das capitais como de municípios do interior dos estados, foram delimitadas em 36, sendo que abarcam manifestações de três tipos de receptores: a criança, em fase inicial de leitura, o adolescente e jovem, já com uma bagagem de conhecimento lingüístico, e o adulto.

**1 PANORAMA DA LITERATURA PARA CRIANÇAS
E JOVENS NO BRASIL**

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido.

Marcel Proust

1.1 A Construção do Sentimento da Infância

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança
Todo o mundo é composto de mudança.
Tomando sempre novas qualidades.*

Camões

O soneto de Camões, mais que uma percepção das transformações do século XVI, focaliza as mudanças operadas nas relações afetivas e sociais, ao se cruzarem com novos valores e, não sendo elas limitadas a um determinado período, descortinam um novo panorama em freqüente mutação. Como canta Caetano Veloso; “Eu vi um menino correndo, eu vi o tempo brincando ao redor do caminho daquele menino”, nem só o menino brinca; o tempo também, serelepe, entra no jogo e (des)constroe a imagem do menino.

Por isso, para compreendermos o percurso das obras literárias destinadas às crianças em nosso país, faz-se necessário observarmos como se processou a construção do sentimento da infância, possibilitando o aparecimento de uma literatura específica para esse público, o que está estreitamente vinculado às transformações histórico-sociais, aos valores morais e às teorias educacionais de determinado período.

A consciência de que a vida e a passagem do tempo eram regidos pela estrutura circular da natureza manteve o comportamento da família na Europa Ocidental, até a Idade Média, vinculada ao sistema de linhagem. A periodização da vida seguia essa concepção naturalista.

Philippe Ariès⁸, examinando a representação da infância em iconografias, aponta para uma imagem da criança, até a Idade Média, como um adulto em escala reduzida. A criança não vivia distinta do mundo adulto. Alguns historiadores

8 ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro; Guanabara, 1981. p. 29-69.

registram esse fato como conseqüência da fragilidade das crianças, que morriam em grande número, enquanto aquelas que sobreviviam: “ninguém pensava nelas como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de se comportar”⁹.

A indiferença frente à morte de uma criança, para Ariès, era uma conseqüência direta das condições demográficas da **época** ¹⁰.

A educação da criança era efetivada pela prática da aprendizagem: ela aprendia com os mais velhos, o que tomava inviável a classificação por idade. Convivendo no mesmo espaço de aprendizagem do adulto, ela participava também de sua vida social; por conseqüência, de sua literatura. A criança da classe nobre lia trechos dos clássicos; a do povo ouvia as histórias de cavalaria, as lendas e toda literatura oral que circundava o meio dos adultos: ao redor das fogueiras, nas tavernas e em outros lugares onde houvesse um narrador com um bom repertório e um público ouvinte. O predomínio da literatura oral como prática coletiva era visível, também, nas classes privilegiadas, com o acréscimo da leitura oral do texto escrito.

Tal quadro começa a adquirir novos matizes no final da Idade Média. Ariès levanta três fatores externos, histórico-político-culturais que contribuem para essa mudança de mentalidade: primeiro, o espaço social até então regido pela comunidade, que passa a receber interferência do Estado e sua justiça; em segundo lugar, o aumento da alfabetização e a difusão da leitura; um terceiro fator seriam as novas formas de religião que se estabeleceram nos séculos XVI e XVIII.

9 DARNTON, Robert. "Histórias que os Camponeses Contam: O Significado de Mamãe Ganso". In: ___. *O Grande Massacre de Gatos*. Trad. Scaia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 47.

10 ARIÈS, op. cit., p. 58.

11 ARIÈS, Philippe. "Por uma História da Vida Privada". In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (org.). *História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes*. Vol. III. trad. Heldegard Feist. São Paulo: Conqjaohia das Letras, 1992. p. 8-19.

A ascensão da ideologia burguesa ao poder, no século XVIII, transforma as relações sociais. Retira o homem da sociabilidade anônima - a rua, a praça - para uma sociabilidade restrita: o lar, a família¹² ^ acentuando a definição das esferas pública e privadas, valorizando a família e suas relações afetivas, separando a infância da idade adulta. Estabelecem-se, assim, novas regras para o comportamento educativo da criança; para J. Donzelot¹³ essa reorganização gira em torno de dois pólos distintos: a “medicina doméstica” e a “economia social”. O primeiro eixo está centrado na aquisição de conhecimentos e técnicas que permitem à classe burguesa assumir a vigilância dos filhos, tirando-os do controle dos serviçais; o segundo eixo agrupa as formas de organização da vida dos pobres, sem depender de muitos gastos para o Estado, por meio de entidades filantrópicas, como os orfanatos, preservando a vida e garantindo à sociedade mão de obra barata.

A aprendizagem institucionaliza-se, substituindo gradativamente a aprendizagem transmitida pela experiência dos mais velhos. O senso comum da escola medieval, que aceitava todos os alunos (“estudantes-clérigos”) na mesma sala, indiferente a sua faixa etária, é substituído pelo colégio já numa acepção moderna, fator que também contribuiu para o prolongamento da infância.

Emerge um novo mercado de consumo: guias, dicionários de higiene para a família, roupas, brinquedos e uma literatura específica para a criança. Essa revolução triunfará nos séculos XIX e XX.

A literatura de civilidade do século XVII recebe um novo companheiro para dividir o espaço com o leitor infantil: os contos de fadas. Essa produção literária aparece sistematicamente na França, pelas mãos de Charles Perrault, que coleta e adapta narrativas populares¹⁴, revestindo-as de valores comportamentais de sua

12 Id. *ibid.*, p. 8-9.

13 DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Trad. M.T. da Costa Albuquerque. 2.ed., Rio de Janeiro; Graal, 1986. p. 21-22.

14 CADERMATORI, Lígia. *O Oug é Literatura Infantil*. São Paulo; Brasiliense, 1986. p. 33.

classe, a burguesia. Sua visão de homem erudito, contudo, não está dissociada da literatura oral, inter-relacionando a cultura gráfica com a popular.

Com o desenvolvimento da Pedagogia, no século XVIII, acentua-se a função didática e moralizante dos contos de fadas. Na Alemanha do século XIX, Jacob e Wilhelm Grimm coletam e adaptam os contos populares alemães, numa campanha de valorização folclórica, alargando a antologia dos contos de fadas. As palavras de Bortolussi nos confirmam o destino desses textos;

A primeira edição de Kinder-und Hausmärchen, dos irmãos Grimm, publicada em 1812, mantém uma completa fidelidade às versões orais originais, sem a inclusão de nenhum detalhe supérfluo. A segunda edição, de 1814, sem dúvida, está destinada ao público infantil, e nela os Grimm suprimiram as passagens inadequadas ao espírito infantil. ¹⁵

Na Dinamarca do século XIX, Hans Christian Andersen publica seus primeiros contos de fadas. Diferenciando-se dos anteriores, é o primeiro a compor tais narrativas sem colher diretamente da fonte oral, mas procede à mesma feitura estrutural e temática do maravilhoso e da exemplaridade.

Esses contos de fadas coletados germinam de uma profunda relação dialógica entre o popular e o erudito, o oral e o escrito ¹⁶ que se desvanece numa narrativa monológica e autoritária, em que imperam o individualismo e suas verdades absolutas, com personagens que representam modelos de qualidades e virtudes que a sociedade buscava instaurar, pois a infância passa à condição preparatória para os compromissos futuros, necessita ser orientada; para isso colabora a estrutura temática dessas narrativas, que desembocam numa visão maniqueísta, com nítida distinção opositiva entre bem e mal, belo e feio, verdade e mentira, direcionadas a espelhar exemplos e consensos.

¹⁵ BORTOLUSSI, Maria. *Análisis Teórico del Cuento Infantil*. Madrid: Alhambra, 1985. p. 31.

¹⁶ Basta lembrar a noção de texto redimflisi<mada por Julia Kristeva como "sistema de signos" em *La Revolution du Langage*, assim a linguagem oral da narrativa maravilhosa é transposta para outro sistema significativo: a linguagem escrita, e é assim rearticulada.

1.2 A Literatura e a Criança Brasileira

Acompanhando o surgimento do gênero na Europa, percebe-se que o estrato popular e o folclore foram de suma importância na formação das narrativas infantis, não acontecendo o mesmo no Brasil, sem dúvida não por falta de um repertório popular.

A produção literária para crianças brasileiras não surge da literatura oral e do folclore, das histórias dos negros, dos mitos indígenas e, porque não, das narrativas européias, via Portugal, ou seja, das três culturas de formação da nossa terra. Leonardo Arroyo vai registrar a influência dessas narrativas orais para a criança brasileira do período colonial, imperial e nos primeiros anos da república, por meio dos livros de memória de alguns escritores, entre eles: José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira: “Os meninos do século XIX, não só dos campos, mas das cidades também, viviam com estórias dramáticas na cabeça”!¹⁷. Era visível a presença da literatura oral nessa época, pois o código escrito era dominado apenas por uma elite.

A literatura infantil, contudo, se delineia no Brasil, nas últimas décadas do século XIX, através das adaptações de Figueredo Pimentel e Carlos Jansen, como um fazer literário de cunho europeu, distante da realidade das crianças brasileiras. Uma literatura de prolongamento, fato presente em todos os países colonizados, esquecendo o substrato brasileiro, espelha-se na cultura alheia.

Na primeira década deste século, para modificar esse quadro, surgem as obras nacionais, patriótico-ufanistas de Olavo Bilac, em parceria, ora com Coelho Neto, ora com Manuel Bonfim, seguindo-se Júlia Lopes de Almeida e Tales de Andrade, inspiradas em obras européias, que sucederam a traduções-adaptações, mas com um caráter de nacionalização. Exemplo disso é o *XQXO Cuore*, do italiano Edmond Amicis, que vai gerar um “similar nacional” com a obra *Através do Brasil*,

¹⁷ ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira: Ensaio de Preliminares para a sua História e suas Fontes*. São Paulo; Melhoramentos, 1968. p. 59.

de Olavo Bilac, em parceria com Manuel Bonfim¹⁸. A produção literária, nessa época, é marcada por preocupação moralista, exaltação do trabalho, disciplina, obediência e, acima de tudo, um cantar à belezas da pátria. “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!/ Criança! não verás nenhum país como este!”, versos que ecoam ainda nos ouvidos de gerações embaladas pela onda de civismo daquele período e retomado no período ditatorial pós-64.

A literatura para criança era confundida e tratada como literatura escolar, intimamente ligada à Pedagogia. Sua introdução se dava nos bancos escolares, e disso não escapou nem mesmo Lobato. Seu primeiro livro, datado de 1921, *Narizinho Arrebitado*, que daria, segundo Leonardo Arroyo¹⁹, a independência ao gênero, também faz concessões, trazendo no frontispício da primeira edição os dizeres “literatura escolar”. Mas é necessário observar que um novo processo se desencadeava na tessitura literária da época, observado lucidamente por Silviano Santiago, em seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”: “A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o novo mundo”²⁰.

Tal movimento de desvio foi tomando forma na literatura brasileira no princípio deste século, mais precisamente nas décadas de 20 e 30. Os conceitos de unidade e pureza foram também se desvanecendo, enquanto o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade (1928) passou a ser relacionado como marco desse movimento. Ou seja, a consciência da influência européia e o rompimento com uma visão paradisíaca de isolamento do país foram tomando forma na produção literária dos escritores da época, que conscientemente assimilaram, devoraram e transformaram as novas tendências em materiais próprios. E é nessa

LASOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 1994. p. 88.

19 ARROYO, op.cit., p. 65.

20 SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do Discurso Latino-Americano". In: _____. *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 18.

confluência de busca de identidade e consolidação da autonomia cultural que Monteiro Lobato inaugura a literatura infantil brasileira . Autor criticado como antimodernista, devido ao artigo “Paranóia ou Mistificação”, quando da exposição de Anita Malfati, em 1917, acaba inserindo o pensamento modernista em seus textos para crianças.

Os textos de Lobato fragmentam os conceitos maniqueístas: certo e errado, bom e mau. O caráter didático e moralizante vai cedendo lugar a uma produção autêntica, rompendo com a dependência dos textos estrangeiros para o público infantil; os aspectos lingüísticos inerentes ao modernismo, como o tom coloquial, o uso de onomatopéias e os neologismos, são presenças constantes em seus textos . Ao criar o micro-universo do Sítio do Picapau Amarelo, une a realidade ao imaginário, inserindo em seus textos discussões até então negadas ao mundo infantil: guerra, problemas ecológicos, sociais, etc. Glória Pondé afirma que:

*Lobato mergulha na mestiçagem, no folclore, no sincretismo, para inspirar-se nesses elementos e criar, não com uma perspectiva exótica, mas como uma forma de integração e elaboração crítica do real. O regional e o particular não se fecham, contudo, para o universal, muito pelo contrário, atualizam-no e recriam-no pela ótica da criança brasileira (...)*²¹

Ao ler as obras de Monteiro Lobato, percebe-se que não há supressão de contato e influências; seus textos se relacionam intertextualmente com obras e personagens de outros discursos literários e com a realidade social do período. Em *Reinações de Narizinho* (1931), personagens dos contos tradicionais - Cinderela, Branca de Neve, O Pequeno Polegar, Barba Azul, O Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho e outros - misturam-se aos personagens do sítio - “conspiração dos heróis maravilhosos para fugirem dos embolorados livros de dona Carocha e virem viver novas aventuras no sítio de dona **Benta**”²² Aparecem em seus textos

21 PONDÉ, Glória. *A Arte de Fazer Artes: Como Escrever Histórias para Crianças e Adolescentes*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985. p. 73.

22 LOBATO, Monteiro. "Cara de Coruja". In: *Reinações de Narizinho*. 50.ed. , São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 96.

personagens contemporâneos, saídos das histórias em quadrinhos ou do cinema: Popeye, o Gato Félix, Tom Mix. Personagens de carne e osso como Shirley Temple, em *Memórias de Emilia* (1936), além de figuras importantes no cenário político da época, como o general De Gaulle, Mussolini, Rei Carol da Romênia em *A Reforma da Natureza* (1941).

As adaptações dos clássicos *Peter Pan* e *Dom Quixote* vêm revestidas de linguagem simples e recebem a participação das personagens do Sítio. No processo antropofágico de leitura da obra do outro, Monteiro Lobato adapta a obra de Hans Staden, na medida em que insere na sua (re)leitura a voz de Dona Benta e as interpelações de Pedrinho, surgindo daí o discurso sobre a identidade do povo indígena;

Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça aos selvagens do Brasil eles seriam amigos - observou Pedrinho.

- Certamente - respondeu Dona Benta - Mas os conquistadores do Novo Mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um sentimento só os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e para conseguirem, não vacilaram em destruir nações inteiras, como os astecas do México e os incas do Peru, povos cuja civilização já era bem adiantada²⁴

Dona Benta vai além, ao comparar o ato canibal dos indígenas com as atrocidades do homem branco;

Não há termo de comparação entre o modo pelo qual os índios tratavam os prisioneiros e o que era de uso na Europa. Lá a “civilização” recorria a todos os suplícios, inventava as mais horrendas torturas (...) Não há monstruosidade que em nome da lei de Deus os carrascos civilizados, em nome e por ordem dos papas e reis, não tenham praticado. 24

23 LOBATO, Monteiro. *Hans Staden*. 27.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 27.

24 Id. *ibid.*, p. 28.

Pelas correspondências de Monteiro Lobato a seu amigo Godofredo Rangel, percebe-se o quanto ele está voltado para essa produção, não só como escritor mas também como divulgador e promotor dessa literatura, por meio da expansão editorial no país²⁵.

Sua ligação com Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, dois promotores da Escola Nova no Brasil, mostra o rompimento dos textos de Monteiro Lobato com a escola tradicional e a busca de um novo tratamento para a infância, por sua vez vinculado à escola. Considere-se esse fragmento da correspondência a Viana, em 1934:

A minha Emilia está realmente um sucesso entre as crianças e os professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo que não agüente o resto do ano. Só aí no Rio, 4.000 vendidas num mês. Mas a crítica de fato não percebeu a significação da obra. Vale como significação de que há caminhos novos para o ensino das matérias abstratas (...) O livro como o temos tortura as pobres crianças - e no entanto poderia diverti-las, como a Gramática da Emília o está fazendo. (...) O Anísio Teixeira acha que é toda uma nova metodologia que se abre. Amém.²⁶

Alguns contemporâneos de Lobato se dedicam à produção de textos destinados à infância, como Menotti dei Picchia, José Lins do Rego, Viriato Correa, Érico Veríssimo e outros, mas sem darem continuidade à linha de Lobato, preferindo, em sua maioria, seguir a linha voltada para a exemplaridade, num discurso monológico e fechado.

Em fins de 60, a literatura destinada ao público infantil e juvenil já começa a desenvolver-se sensivelmente e a década de 70 é denominada por muitos como o período do “boom” na Literatura Infantil. Na esteira de Lobato, muitos escritores, entre eles Cecília Meireles e Clarice Lispector, contribuem para um novo olhar

25 No ensaio "A Modernidade em Monteiro Lobato" (*Letras de Hoje*, n.º 49, 1982) Marisa Lajolo desairolve argumentos que sugerem a participação ativa de Lobato na viabilização da circulação do livro no País.

26 NUNES, Cassiano. (Org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Prq)aganda, Record, 1986. p. 96.

sobre a literatura infantil que, a partir de **70**, vai se transformar, se não totalmente, pelo menos em grande parte. Constata-se, assim, o que Antonio Cândido denomina de causalidade interna. A influência da produção infantil não se dá mais através de modelos estrangeiros, “mas de exemplos nacionais **anteriores**”²⁷. Um discurso voltado para o diálogo com a criança, inspirado nas obras de Monteiro Lobato.

Se em **1942** Lourenço Filho avaliava que **70%** da produção literária destinada à criança brasileira consistia de traduções de textos estrangeiros, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, avaliando a produção entre **1975** e **1978**, constata que **46,6%** são textos **nacionais**^S. Mudança ocorrida paulatinamente tanto no campo da produção, como da promoção e divulgação desse gênero. Senão vejamos:

Surge em **1966** a Fundação do Livro Escolar. Data de **1968** a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que vai exercer papel preponderante para a fomentação do gênero, selecionando acervos, formando mediadores de leitura, organizando programas de promoção de leitura, instituindo prêmios que ressaltam a produção editorial nessa área e participando de projetos de divulgação do livro, que se estendem por todo o País, a partir da década de **80**. Entre eles se encontram a Ciranda de Livros (**1982-1985**); Viagem da Leitura (**1987-1988**); Livro Mindinho, seu Vizinho (**1987-1988**); Leia, Criança Leia (**1988-1989**); Meu Livro, Meu Companheiro (**1988-1991**) e o projeto Recriação (**1988-1989**)²⁹.

Em **1973**, vem arregimentar as fileiras da luta pela valorização do gênero o centro de Estudo de Literatura Infantil e Juvenil. Em **1979**, em São Paulo, é fiindada a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. O Instituto Nacional do Livro, fiindado em **1937**, começa na década de **70** a co-editar, por meio de convênios, um número expressivo de obras infantis e juvenis.

²⁷ CÂNDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaio*s. São Paulo: Ática, 1987. p. 153.

²⁸ LAJOLO, Marira & BERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 85 e 124.

²⁹ Informações cedidas pela secretária geral da FNLIJ, Elizabeth D'Angelo Serra, em correspondência datada de 29 de setembro de 1995, documnto G- 95/0367.

A Lei 5.692/71, de Diretrizes e Bases da Educação, com a ampliação do nível de escolaridade, vem acelerar o processo de fomento do gênero, também, ao recomendar a leitura de autores nacionais no ensino de primeiro grau.

Paradoxalmente, a efervescência do gênero vai dar-se no período de maior repressão do País: a ditadura militar. Censura em cima de censura. Já é sabido que muitos escritores de literatura infantil e juvenil - entre eles Ruth Rocha e Ana Maria Machado - tematizaram as próprias relações de opressão e censura, num período em que tudo era proibido e calado. Tais obras foram publicadas e chegaram até nós como um registro metafórico da época, observando-se, por exemplo, o que afirma Ana Maria Machado:

Hoje, quando eu olho em conjunto essa parte de minha produção nesse período, vejo que esses contos falam de exílio, de reafirmação de rebeldia frente ao poder, de confiança na capacidade de autoconstrução da personagem, de solidariedade, de esperança, de respeito ao indivíduo e de valorização do que é brasileiro. **30**

Sylvia Orthof diz que muitos escritores e ela mesma “aproveitamos a literatura infantil para abordar assuntos que sofriam o risco da censura em outras áreas”.³¹

A prosa dos anos 70 e 80 no Brasil voltou-se para três tendências: a prosa de intriga fantástica e estilo onírico, o romance reportagem e as narrativas autobiográficas. No contexto da primeira tendência, inserem-se muitas das narrativas para o público infantil e juvenil, que também buscam uma forma de subverter as imposições do regime militar.

Não devemos esquecer que o grande avanço do gênero se dá pela diversidade temática e formal. Temas até então intratáveis começam a ser abordados: o sentimento de perda pela morte, a separação dos pais, as mudanças

30 machado, Ana Maria. "A Literatura Infantil nos anos 70". In; *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro; (63); 26-33, out-dez, 1980.

31 ORTHOF, Sílvia. “As (re) descobertas e mudanças agitam a literatura infantil”. In; *Diário Catarinense*, domingo, 06 de julho de 1986. p. 8-9.

sexuais na adolescência - a primeira menstruação, a preocupação ecológica. Já não se coloca a criança num “cercado”, como ser ingênuo que deve ser resguardado das agruras do dia-a-dia. A editora Comunicação cria a polêmica “Coleção do Pinto”, que vai tratar de temas específicos da realidade quotidiana das crianças e adolescentes. No aspecto formal, a preocupação com a linguagem e o fazer artístico se acentuam.

Ocupando espaço no mercado editorial, esse gênero atravessa as fronteiras e começa a ser reconhecido internacionalmente, bastando lembrar que, em 1982, Lygia Bojunga Nunes recebeu a Medalha Hans Christian Andersen, concedida pelo IBBY (Internacional Board on Books for Young People), pelo conjunto de sua obra. Considerado o Prêmio Nobel da Literatura Infantil, foi a primeira vez que ele foi conferido a autor fora da Europa ou dos Estados Unidos. Em 1981 Ana Maria Machado recebeu o prêmio “Casa de Las Américas”, por seu livro *De Olho nas Penas*.

Da perspectiva da existência de uma produção a nível nacional para o público infantil e juvenil, e que essa sofreu alterações em seu tratamento, busca-se inserir nesse contexto maior a produção efetivada no estado de Santa Catarina, pois: “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes estados”³²

E é numa relação de contraste e similitude com o restante da produção nacional que os textos para crianças e jovens vão sendo construídos em nosso Estado.

³² CÂNDIDO, Ant<Mio. *Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1985. p. 139.

1.3 A Produção Literária para Crianças e Jovens em Santa Catarina

O povoamento irregular, a falta de comunicação com centros urbanos mais desenvolvidos, a ausência de um ensino regular e tantos outros fatores contribuíram para o isolamento cultural não só da Ilha como de todo o estado de Santa Catarina do resto do País. “Um pedacinho de terra/ Perdido no mar!...”. Imagem edênica, cantada no século XX, que ousamos transportar para o espaço da colonização: “o catarinense da época Colonial e dos primeiros tempos da Independência vive em êxtase com a Natureza mas em quase completa alienação com o mundo da Cultura, do Poema, da Ficção e do Ensaio”³³.

Até então, ao menos nessa parte de Santa Catarina, colonizada por açorianos, conviviam, provavelmente, as crianças com a literatura oral: histórias bruxólicas, de boitatás e peixes gigantes lutando com bravos pescadores. Tantas outras histórias orais vicejavam, sem dúvida, no interior de nosso Estado.

Dois fatores histórico-sociais influenciam o desenvolvimento das letras em nosso Estado: o surgimento da imprensa (1831) e o estabelecimento de instituições escolares, principalmente as de humanidades (1843), ambos localizados na capital da Província; geograficamente, ainda, um pedaço de terra entre a imensidão do mar. Socialmente, no entanto, novas relações começam a ser construídas.

A imprensa vai facilitar a publicação literária, que começa a surgir isoladamente, com forte tendência romântica. Já na última década do século, os jovens ^{literatos}³⁴ começam a se reunir, em oposição às idéias românticas, em torno das novas correntes literárias: Realismo, Parnasianismo e Simbolismo, denominando a nova postura de “Idéia Nova”. Há então um interstício até a década de 20 deste século, quando desponta um movimento de postura acadêmica que retoma um conceito de arte do século XIX, depois conhecido como Geração da Academia.

33 SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense* Florianópolis: Lunardelli, 1985. p.25.

34 Entre eles : Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueredo.

O mundo havia passado por duas guerras mundiais, no eixo Rio-São Paulo, o Modernismo entra numa fase de amadurecimento; no entanto persiste, ainda, na produção literária de Santa Catarina, o envelhecimento do que foi Idéia Nova, retomada pelo brilho fosco da Geração da Academia. A tentativa modernista chega ao Estado com 25 anos de atraso, a partir de 1947, com o Grupo Sul, denominados originalmente “Círculo de Arte Moderna”, em que jovens inquietos se contrapõem ao fazer literário reinante e gestam no ventre da Ilha uma nova concepção de arte “ (...) embora dentro dos moldes do já existente, isto é, de lutar pelas posições estético-literárias do Modernismo e por implantá-las em Santa Catarina, mesmo com o atraso de um quarto de século”³⁵

Essa renovação não navega águas tranqüilas, sustentando polêmica acirrada, por meio de jornal local, entre “velhos” e “novos”, do primeiro momento até período posterior, quando as idéias do grupo já estão difundidas. Basta tomarmos a obra de Arnaldo S. Thiago, *História da Literatura Catarinense* (1957), em que o autor observa:

Com o churrilho de modernismo incompetente e completamente va(sio) de beleza e de sentido, em que chafurdou a pobresinha da literatura nacional, o que vemos, desolados, é a decadência nas letras a par de exagerado orgulho dos nossos intelectuais, que até intratáveis se tornaram...³⁶

O mesmo autor reforça sua descrença no Modernismo, no âmbito da literatura “aplicada” à infância, ao analisar o texto crítico de Lydio Martinho Callado, “Branca de Neve e o Capitão Marvel”, publicado no *Anuário Catarinense* de 1950:

³⁵ JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul* Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelü, 1982. p. 25.

³⁶ THIAGO, S. Arnaldo. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: 1957. p. 215.

Por estas expansões sinceras de uma alma desencantada diante dos grotescos fenômenos literários do modernismo, com aplicação à infância, bem se pode avaliar o exato conhecimento que tem da cruel realidade das letras desta época da indisfarçável decadência nas artes (...). ³⁷

Vê-se que não há desconhecimento das produções literárias no País e, sim, a não aceitação de como o fazer literário é realizado.

A partir da iniciativa dos jovens do Grupo Sul, contudo, a literatura de Santa Catarina começa a se desenvolver e acompanhar o que se faz no país. Isso pode ser constatado, por exemplo, no desenvolvimento do conto na década de 70, que se dá par a par com a confluência do gênero nos outros estados brasileiros, o que já foi destacado por Marilda de Souza Coutinho. ³⁸

A produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina, no entanto, é um fazer bastante recente e quase que inexistente até a década de 70, se avaliarmos pelo viés de constância, difusão e volume de obras.

Celestino Sachet³⁹ divide em dois momentos a história da literatura infanto-juvenil em Santa Catarina. No primeiro momento faz referência a quatro escritores que teriam produzido na década de 50: Lausimar Laus, Heitor Luz Filho, Balbino Martins e Adolfo Bemard Schneider.

Esses quatro autores não escreveram exclusivamente para crianças e, na maioria das obras teóricas, não há referência sobre suas produções para crianças e jovens. Lausimar Laus foi a que mais efetivou esse exercício, com quatro livros: *Brincando no Olimpo*, *Os Sonhos de Candoquinha*, *As Aventuras de Zé Colaço* e *Histórias do Mundo Azul*, Heitor Luz Filho teria escrito *Uma Aventura no Céu*, Balbino Martins, *Um Grande Entendimento* e Adolfo Bernardo Scheneider, *O*

37 Id. *ibid*, p. 413

38 COUTINHO, Marilda de Souza. *O Conto Catarinense na década de 70*. Florianópolis: 1986. (Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina).

39 Sachet, *op.cit.*, p. 169-175.

Coeihinho do Halo Azul. A tentativa de entrar em contato com a totalidade das obras foi infrutífera'^'.

Celestino Sachet denomina de “pioneiros” esses escritores e acrescenta a eles os nomes de Nilson Melo e Léo Vitor que, apesar de publicarem em princípio da década de 70, possuem uma linha centrada na “visão-do-adulto”, comprometidos a formar modelos de comportamento nos leitores por meio de narrativas “encantatórias”. O segundo momento dar-se-á a partir dos anos 70, com uma produção voltada para a “visão-da-criança”, com temas do cotidiano, enfatizadas as obras de Wemer Zotz e Maria de Lourdes Krieger.

Fica-nos difícil falar dos pioneiros da década de 50, na medida em que suas obras inexistem nos dias atuais, com exceção das de Lausimar Laus e Adolfo Bernardo Scheneider. Por sua vez não colocaríamos no mesmo plano as obra de Nilson Melo e Léo Vitor, pois suas produções são posteriores e se efetivam a partir de 70. Colocando-as no mesmo plano, estaríamos concordando com uma homogeneidade que não existe no todo da produção infantil catarinense pós-70.

Comungamos, todavia, com a opinião de Celestino Sachet, quanto aos dois tipos de diálogo-visão dos textos dirigidos ao leitor infantil: um, no qual predomina uma visão adultocêntrica, a impor-se monologicamente à criança, transmitindo determinados conteúdos no intuito de educar; outro, centrado no diálogo com o leitor, aproximando-se dos desejos e anseios infantis, sem preconceitos, chamando-o à reflexão perante o desvelamento do Outro. Do mundo ficcional ao real. Pode-se aqui falar de uma relação dialógica entre autor, obra e leitor. Se a primeira concepção visa a um receptor passivo aos ensinamentos, na segunda encontra-se uma narrativa capaz de desfigurar relações opressivas e configurar um novo papel: contribuir para a sua emancipação.

Os textos de Lausimar Laus, representativos do primeiro momento, nos dão uma pequena mostra da literatura e da visão de infância desse período. Conhecida e estudada nos bancos escolares por seus romances de colonização germânica, fica

40 Exceção são as de Lausimar Laus, cedidas por sua filha, em 1995, ao professor Lauro Junkes, e o texto dramático de Adolfo Bernard Schneider, cedido pelo professor Celestino Sachet para esta pesquisa.

esquecida sua produção para crianças, escrita na década de 50, anterior ao seu primeiro livro ficcional *Fel da Terra* (1958) e que carregam consigo a marca do texto escolar.

Brincando no Olimpo, publicado em 1953 pela gráfica do Jornal do Brasil, teve a sua primeira publicação em capítulos em *Vida Juvenil*, durante o ano de 1949, sendo baseado e inspirado no livro de P. Commelin, *Nova Mitologia Grega e Romana*. Depois de uma exaustiva apresentação dos deuses mitológicos, o narrador convida o leitor a “entrar no território maravilhoso de Júpiter”. O narrador trava um diálogo de perguntas respondidas por ele mesmo e percebe-se que está acompanhado de um grupo de crianças, seus colegas. As informações sobre o reino e toda sua mitologia são entrelaçadas com as descobertas das personagens-crianças.

Sonho de Candoquinha, publicado em 1955 pelo Ministério da Agricultura e distribuído nas entidades escolares. A narrativa gira em torno do menino Candoquinha que, por não gostar de comer verduras e legumes, sofre pressão da mãe e é transformado em lagarta da couve, pela fada dos legumes, e vê todos os seus conhecidos transformados em legumes. Convivendo naquele reino estranho, vai aprendendo as propriedades dos legumes, sua importância e, ao despertar do terrível sonho, torna-se um comedor de frutas e legumes: “Daquele dia em diante, Candoquinha foi o modelo dos bons comedores de frutas e legumes. Nunca mais fêz berreiro, nem deu mais trabalho a dona Miroca”. (p.27)

Histórias do Mundo Azul (s/d) é composto de quatro histórias; “A Fada do Açúcar”, “A Lenda da Borboleta”; “O Anão e o Gigante” e “Manuelzinho”.

A primeira narrativa é protagonizada por uma menina que, embebida pelas histórias do avô a respeito da fada do açúcar, perde-se em meio ao canavial e, ao mesmo tempo em que se angustia, se tranqüiliza pela possibilidade de encontrar a fada. Esta surge, apresentado-se com seu verdadeiro nome; “Saccharum Officinarum” e todo um séquito de acompanhantes; “Beta Vulgaris” (açúcar da beterraba), irmãs glicose (açúcar da fécula e da uva), princesa lactose e assim por diante. A fada narra á menina sua rota desde a saída da Ásia, até sua chegada no Brasil; “Foi no tempo das Capitânicas Hereditárias, aquele ponto da história que já aprendeste na escola”, (p. 16)

A narrativa termina com a menina despertada pelo avô. Ela havia adormecido em meio ao canavial.

“O Anão e o Gigante” foi premiado no Concurso de Histórias Infantis da Semana da Economia, promovido pela Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro(s/d). É feito em versos e conta a história de um “anão trabalhador” e de um “gigante vadio”. O gigante, que se vê sem fortuna e sem pão, vai procurar conselho do anão e este lhe responde.

- *Vive feliz como eu.*
Tranqüilo e a cantar.
Mesmo sendo pequeno,
Todo aquele vivente
Que trabalhe contente,
E saiba economizar! (p. 36)

“Manuelzinho”, filho da “preta Tibúrcia”, não gostava de trabalhar. Estava perto do Natal e o menino, convencido pela mãe de que estava alimentando o burrinho de Nossa Senhora, começou a cortar capim, certo de que seria compensado e receberia um presente de natal. Tibúrcia, por sua vez, vendia os feixes de capim e guardava o dinheiro e no Natal comprou uma violinha de cordas douradas para Manuelzinho. Este acreditou que o presente era de Nossa Senhora e tanto se acostumou a trabalhar, que nunca mais teve preguiça.

Em “A Lenda da Borboleta”, a criação do mundo é recontada. O Gênio da Vida cria, por meio de uma rosa, uma linda moça para governar o jardim, ensinando-lhe a linguagem do Bem e do Bom. Mais tarde, vendo seis camélias “muito brancas e puras”, faz saírem delas seis pequenos seres e lhes oferece o nome de crianças. A rainha, zangada pela arte das crianças, agride-as e, pela primeira vez, o mundo conhece lágrimas. O Gênio da Vida castiga a rainha, transformando-a em lagarta. As lágrimas da rainha transformam-se em fios de seda e o gênio da vida, vendo tamanha beleza, devolve-lhe a vida entre as flores, na forma de borboleta.

Em *As Aventuras do Zé Colaço*, Lausimar Laus cria o narrador Rifão para contar as aventuras de Zé Colaço e de seu Façanha. Segundo a autora, essas peripécias mostram “o valor do Senhor Bom Senso, de Dona Bondade e de Seu Juízo”. O texto é construído em versos e ilustrado em forma de quadrinhos. Ao todo são dez histórias, apresentando os dois personagens em “armações” das mais inusitadas. Em tom anedótico, todas terminam com moral formulada em cima de provérbios populares:

Essa história vem provar

o mal que a cobiça fêz.

Quem muito quer abraçar

Perde tudo de uma vez. (p. 12)

Na bôca do povo irmão

Há um ditado sensato:

“Não fiques por não ter cão

Vai à caça com teu gato ”. (p. 17)

Todas as histórias apresentam uma forte tendência formativa e informativa. Há a preocupação em orientar a criança, mostrando o embate entre o bem e o mal, o prêmio e o castigo, os valores que devem ser preservados. A literatura é utilizada para passar informações escolares. A escritora não foge da linha de textos direcionados para criança, da década de 50. Inserida no contexto histórico-social da época, essa literatura tinha como objetivo principal preservar nas crianças os valores culturais vigentes na sociedade.

A partir da década de 70 a produção literária para crianças e jovens começa a se desenvolver visivelmente no Estado, tanto no campo da produção, como promoção e divulgação, para o que colaboram instituições comprometidas com a promoção e divulgação da leitura e do livro; entre elas podem-se destacar quatro:

A Associação Catarinense de Editores e Livreiros (ACEL), fundada em 1972 pelo editor Odilon Lunardelli, com o objetivo de unir os que trabalham com o livro, contribuindo para o desenvolvimento do comércio livreiro e para a divulgação do livro. Ficou desativada por mais de dez anos, retomando seus trabalhos em 1985, com uma diretoria eleita conforme o estatuto da Associação. A ACEL promoveu a

I Feira do Livro de Florianópolis, a 07 a 16 de novembro de 1986, e vem dando continuidade a esse projeto.⁴¹

O Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina (SBPSC), vinculado ao Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas tem orientado os bibliotecários e auxiliares de bibliotecas para a importância e a valorização do leitor infantil, criando em várias bibliotecas do interior do Estado o “Cantinho Infantil” e instituindo a “Hora do Conto” como atividade permanente.

O Serviço Social do Comércio (SESC) de Santa Catarina, seguindo os padrões do SESC nacional, promove feiras de livro infantil desde a década de 80.

A Livraria Cuca Fresca, fundada em 1982, a primeira livraria especializada em literatura infanto-juvenil em nosso Estado e a terceira no **Brasil**.⁴² ^ facilitou o acesso às novidades do gênero.

Não existe, contudo, um projeto político estadual a longo prazo que promova e divulgue a literatura e a leitura; quando muito, surgem projetos esporádicos que têm a duração de uma administração. Na década de 80 houve um incentivo a nível de produção com o “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, promovido pela LADESC, dentro das atividades do Pró-Criança Cultural, para o ano de 1984. Selecionados os vinte melhores textos, tornaram-se livro no ano de 1985. Em 1986, onze livros são publicados com a reedição do concurso.

Existem trabalhos isolados, a nível municipal, de incentivo à produção de crianças em idade escolar e vários trabalhos são publicados em âmbito restrito das comunidades.

Analisar todas as obras existentes seria exaustivo e não caberia no objetivo proposto desta dissertação, mas, ao mesmo tempo faz-se necessário observarmos o que se tem produzido ao longo das duas últimas décadas. Elencaremos, portanto, as obras e seus respectivos autores, sem comentá-las exaustivamente. Tomamos como

41 Dados fornecidos pelo presidente da ACEL, Vilson Mendes, em novembro de 1995.

42 Segundo informação da revista da Associação Catarinense de Editores e Livreiros *Livro em Revista*. Florianópolis: 1994.

critério aquelas que foram publicadas e chegaram até o público via livro. Para os autores, por sua vez, adota-se o critério de nascimento ou permanência em solo catarinense. Dessa forma, poderemos confirmar a hipótese de que a literatura para crianças e jovens se efetiva em nosso Estado, tanto em quantidade como em qualidade, a partir da década de 70.

As possíveis lacunas na pesquisa ocorrem pela dificuldade de acesso a livros que não foram reeditados e informações a materiais que são editados pelos próprios autores. Ao todo são 67 autores e 168 livros, de que conseguimos obter informações, na tentativa de chegar o mais próximo possível da realidade de publicações. Sistematizamos a exposição de forma cronológica, obedecendo ao ano de publicação do livro; os comentários referem-se às temáticas das narrativas, ora no conjunto da obra do autor, ora em textos individuais.

Werner Zotz nasceu em Joinville, em 1947, viveu muitos anos no Paraná e atualmente reside em Florianópolis. Autor de um único romance para o público adulto (*Semeadura*-91%), vem se destacando a nível nacional com várias obras infanto-juvenis que podem ser divididas em três grupos:

No primeiro, encontram-se *Turuna* (1967), *Balão de Cor* (1967), *Elisa* (1968) e *Ciranda de Barquinhos* (1968), que constituem os seus primeiros trabalhos, “todos esgotados e considerados pelo autor como ‘fora de circulação’⁴³ já em *Barco Branco em Mar Azul* (1978), *Apenas um Curumim* (1979) e *Não-me-Toque em Pé de Guerra* (1982), o autor alcança o ápice de sua carreira, não só a nível de leitores como da crítica. Os textos apresentam três elementos comuns: o velho, a criança e a natureza e abordam temas complexos: o auto-conhecimento por meio do outro, a criança e a descoberta de suas potencialidades. O barco presente nas três obras é símbolo de passagem, ultrapassagem para o novo, para a descoberta.

No terceiro encontram-se *Mamãe é Mulher do Pai* (1983), *Rio Liberdade* (1984), *Garnisé Gabola Acabou Gabiru* (1986) e *Presente de um Domingo*

43 COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da literatura Infantil e Juvenil Brasileira: Séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 1995. p. 1148.

Chuvoso (1992). Eles apresentam características diversas, no entanto não deixam de retratar a busca de liberdade.

Léo Vitor nasceu em Florianópolis, em 1926, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1974. Publicou vários livros para o público infanto-juvenil no início da década de 70. Em parceria com Paula Saldanha criou a Coleção intitulada “Aventuras de Zé Lambão” com narrativas centralizadas na personagem que dá título a coleção. Suas aventuras ocorrem em Pastos Bons, onde mora com a família, com seus amigos Chico Tolo, Bia, Mina e o Araquém, apresentados nos livros *O Circo - a chegada*, *O Circo - os preparativos* e *O Tiro de Sal*. Em *A Surpresa do Natal*, *Ei Touro*, *O Avô*, *o Dick e o Chico Paixão*, Zé Lambão vive suas aventuras na praia, no sítio do Touro Veludo, casa do avô, junto com os avós, o tio Pedro e suas duas filhas, Lalá e Lili, seu Chico e seu Bento, a Ambrosina e a Minervina, criadas da casa. As personagens são permanentes em ambas as séries e apresentadas na contracapa do livro com todas as suas características.

Na coleção “Fábulas”, as narrativas giram em torno de personagens animais; *O jacaré Eufratis I*, *O Jacaré Eufratis II*, *O Girassol Solsol*, *O Macaco Inventor*, *O Ser Evoluído*. A moral é às avessas, como em *O Macaco Inventor* que, devido a sua teimosia, cria o mundo.

Na coleção “Humor” publica: *Amor de mãe é...*, *O Amor é...* e *O Natal é...* . As narrativas trazem de forma bem humorada os pontos positivos e negativos de ser mãe, do amor e do Natal.

Juarez Machado, joinvillense consagrado nas artes plásticas e residindo atualmente em Paris, escreveu dois livros unicamente com imagens: *Ida e Volta* e *Domingo de Manhã*, ambos publicados em 1976.

Maria de Lourdes Krieger nasceu em Brusque, em 1941, reside atualmente em Florianópolis. Autora de 14 livros para o público infantil e juvenil, começa a publicar em 1977. Sua obra será objeto de pesquisa no terceiro capítulo desta dissertação.

Cristóvão Tezza, nascido em Lages, em 1952, reside atualmente no Paraná e escreveu em 1979: *Gran Circo das Américas*. Segundo o autor, o livro foi publicado para o público juvenil, por solicitação da editora. O autor afirma que não

pretendeu direcionar seu texto para o público juvenil⁴⁴. O livro retrata a vida da gente de um circo mambembe e o crescimento do jovem Juliano que começa a integrar o grupo.

Luis Antonio Martins Mendes, em 1979, é premiado no I Concurso Catarinense do Livro Infantil, com o texto ... *E Desligaram a Televisão*. Tece um discurso contra a imposição da televisão para as crianças que vivem aprisionadas em apartamentos.

Lucy Assumpção nasceu em Joinville, em 1917 e reside há vários anos no Rio de Janeiro; publicou, em 1979, *Coração Verde*. Narrativa em terceira pessoa, que gira em torno da menina Sônia e de sua avó Lina, o eixo central da narrativa é o cultivo de uma horta em forma de coração, que a menina recebe de presente da avó, no seu quarto aniversário. O questionamento da menina sobre o nascimento das plantas, animais e pessoas é resolvido pela avó por meio de outro presente; um livro que, aos sete anos, ela poderá ler para tirar suas dúvidas.

Airo Zamoner nasceu em Joaçaba, em 1940 e reside há vários anos no Paraná. Escreveu em 1980 *O Quintal*. A narrativa gira em torno da descoberta de um formigueiro no quintal do menino Júnior. Por meio de um “tubo auditivo” Júnior entra em sintonia e aprende lições das formigas sobre a vida em comunidade.

Albertina Moreira Pedro foi premiada em 1980, no I Concurso Catarinense do Livro Infantil, promovido pela Editora Lunardelli, apoiada pela TV Catarinense e Fundação Catarinense de Cultura, com o livro *Quando os Anjos vieram à Terra*. Como o próprio título indica, a narrativa relata a descida de dois anjos à terra com o objetivo de auxiliar os homens. Num discurso edificante, os anjos passam aos homens modelos de comportamento. Entretido pela voz do anjo-da-guarda, que desce para auxiliar os outros dois, surge um discurso didático-explicativo a respeito da ecologia, dos fenômenos da natureza e dos males causados pelo fumo. A linguagem simples toma-se simplista e pueril.

44 Entrevista com o autor em 9 de junho de 1995 na cidade de Florianópolis, durante o I Livrosul organizado pela ACEL e Câmara Rio-Grandaise do Livro.

Roberto Gomes nasceu em Blumenau, em 1944 e reside há vários anos no Paraná. Professor universitário, atualmente é o diretor da editora da UFPR. Escreveu: *O Menino que Descobriu o Sol* (1982), *Carolina do Nariz Vermelho* (1985) e *Terceiro Tempo* (1985). O primeiro retrata as possibilidades visíveis e invisíveis do relacionamento entre um menino e o seu avô. O segundo é um texto para pequenos leitores, em que texto e imagem se integram para narrar as peripécias da personagem-menina, que “mete” o nariz em tudo. Rompe com a tradição do gênero que castiga ou reprime a bisbilhotice das crianças. A narrativa termina com Carolina arrumando um par, também, de nariz vermelho, pois ela “descobria tanta coisa boa que nem ligava de viver com o Nariz Vermelho”. No último, destinado ao público juvenil, a trama se desenvolve em torno de um grupo de adolescente e suas partidas de futebol.

Deonísio da Silva, nascido em 1944, na cidade de Siderópolis, é atualmente professor universitário em São Paulo. Escreveu até o momento quatro obras para o público infantil: *Os Segredos do Baú* (1982), *Adão e Eva Felizes no Paraíso* (1984), *As Maravilhosas Invenções de seu Mané* (1986) e *A Melhor Amiga do Lobo* (1991). Na primeira e na última obra o autor se utiliza da intertextualidade, ora recriando o paraíso, ora dando nova roupagem ao clássico *Chapeuzinho Vermelho*. As invenções de “Mané” não deixam por menos, ao apresentar como novo o que é desconhecido para a população do vilarejo. Em *Os Segredos do Baú* há a descoberta dos livros e do prazer da leitura.

Sérgio Jeremias de Souza, nasceu em 1965, em Braço do Norte. Começa a escrever para criança em 1984, com *Benina Bernunça com Dor de Barriga*, obra classificada no concurso promovido pela LADESC. Segundo o autor, a partir daí se inicia a sua produção de forma mais intensiva: *Meu Amiguinho Drumps*, *O Mistério na Lua de Egborn*, *As Aventura dos Gnomos Tchulks*, *A Bengala Luminosa*, *Um Anjinho Apaixonado*, *Querem Derrubar Nossa Árvore*, *A Menina que Entendia os Corações*, *A Floresta dos Sentimentos*, *O Samurai e a Caixa de Cristal*, *O guardião dos Sonhos no Labirinto de Vidro*, *Um Monstrinho no Coração*, *No Mundo da Lua*, *O Pequeno Duende Guerreiro*, *O Deus-poeta que Amava a Noite*, *Anjos de uma Asa Só*, *Tob: O Dinossauro*, *A Verdadeira História do Coelhinho da*

Páscoa, Ismukis Azuis e Ismukis Vermelhos e O Pequeno Mugli. Sérgio Jeremias começou a escrever enquanto estudante, sendo hoje padre e exercendo a atividade de orientador no Seminário de Filosofia de Tubarão, no sul de Santa Catarina. Suas narrativas são bem construídas, no que diz respeito à linguagem, acentuando-se em alguns textos uma postura edificante. Em sua bibliografia também constam algumas obras de cunho religioso, para crianças e jovens; *Orações para Jovens, Esta solidão de Amigos e Lembranças da Primeira Eucaristia*.

Nilson Mello nasceu em Florianópolis, em 1927. Escreveu; *Meu Mundo Imaginário, Momentos, As Aventuras de Boca-Doce, Contando Histórias, Estrelinha de Cristal, Lições de Fantasia, Sementinhas, Dez Toques, Os Vagalumes, Tiquinhos, Pequenos Heróis, Os Mensageiros, A Grande Caçada, Companheiros, Trilhas da Fantasia, Bendita Chupeta, Sementes e Fantasias, Os Habitantes do Planeta Sonho, O Mundo dos Pequenos, Degraus, Missões de um Pássaro e Na Terra dos Gigantes*. A obra de Nilson Mello, no seu conjunto, é voltada para a exemplaridade. Pequenos contos compõem os livros que apresentam, em sua maioria, personagens objetos animados em conflito entre o bem e o mal.

Edla Van Steen, romancista e contista, nasceu em Florianópolis, em 1936. Publica em 1984 *Manto de Nuvem*, narrado em primeira pessoa pela adolescente Matilde. Esta conta a história de sua avó Leocádia, que reconstrói, no terraço de um prédio da grande São Paulo, um pedaço de lembrança de seu sítio em Curitiba. A narradora relata as conversas e segredos que tinha com a avó, numa narrativa pontuada de lirismo e respeito aos idosos.

Vicente Ataíde nasceu em Mafí-a, em 1941 e residente há alguns anos no Paraná. Em seu livro *O Dragão da Boca Maldita* (1985) desvenda as mudanças sociais engendradas pelo desenvolvimento do espaço urbano de Curitiba, centralizado na vivência dos meninos de rua da Boca Maldita e nos degraus para a delinqüência. O símbolo do dragão representa o progresso, que engole a ingenuidade infantil, que engole a província e a torna urbe.

Augusto Alberto Neto nasceu na cidade de Osório (RS), em 1946. Cedo mudou-se para o Oeste Catarinense e atualmente reside em Florianópolis. É autor de dois livros infantis, publicados em 1985; *Xiii... Roubaram um Pedaço da Lua e*

Deu Mico no Milharal. No primeiro, a efabulação está centrada no desaparecimento da lua, percebida pelos curumins de uma aldeia. O autor recria, o imaginário indígena por meio de uma lenda sobre as fases da lua. No segundo, reconstitui o desbravamento do Oeste Catarinense por outro viés, dando destaque para os micos que habitavam a região na época de sua colonização. O texto em prosa é narrado em terceira pessoa e pontado de versos, quando da fala dos micos. Estes, habitantes naturais da terra, são expulsos pelo “bicho homem” e seus últimos lamentos se dão num ipê-roxo que guarda até hoje, segundo a lenda, o murmúrio dos micos.

Egiê Malheiros nasceu em 1928, na cidade de Tubarão, e reside em Florianópolis. Figura atuante no cenário literário catarinense, foi participante ativa do Grupo Sul e atuou como diretora-secretária da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Escreve em 1986 *Desça, Menino!*, um texto que focaliza o poder da união e organização de um grupo de alunos contra o poder autoritário e burocrático da escola, que resolve aumentar o prédio justamente onde se localiza uma mangueira, momento em que as crianças se rebelam. Subindo na árvore, elas conseguem demover o corte, e a construção do prédio tem prosseguimento sem afetar a natureza.

Marta Martins da Silva nasceu em 1953. Natural de São Paulo, reside desde o início da década de 80 em Florianópolis, onde estabeleceu a Livraria Cuca Fresca, única do Estado especializada em Literatura infantil e juvenil. É autora de quatro livros: *Maricota e Cocota* (1984), *Maria Mania* (s/d). *Semana Suada* (1986) e *História sem Nome ou pra quem tem Macaquinhos no Sótão* (1988). O primeiro texto apresenta um resquício da literatura tradicional, de caráter didático. Nos três textos seguintes a autora brinca com as palavras e coloca as personagens crianças de forma inusitada, como em *Semana Suada*, onde uma bunda relata a sua triste semana com catapora.

Do Concurso literário realizado pela LADESC, em 1984 e 1985, foram publicados os textos escolhidos, em uma “Coleção Pró-Criança”, pela Imprensa

Oficial de Santa Catarina; 20 títulos no primeiro ano e 11 no segundo, sendo que alguns escritores foram premiados nos dois anos consecutivos^{^^};

Sérgio José Meuer nasceu em Florianópolis, em 1961, publicou: *Mino, O Passarinho do Sino* (1985) e *Palito Cabeça de TV* (1986).

Danuza Meneghiello, natural de Cruz Alta (RS), e **Fábio Brfiggemann**, natural de Lages (SC), ambos residentes em Florianópolis, publicam; *A Lenda do Peixe Boi* (1985) e, em 1986, Danuza Meneghella retorna com *A Terra do Passavento*.

Gladys M.G. Teive, natural de Guaramirim, reside em Florianópolis desde 1971 publica: *A Baleia da Praia da Armação* (1985), *Dorotéia e o Vento Sul* (1986).

Outros autores tiveram um único texto publicado nesse concurso. Em 1985:

Luiz de Freitas: *A Floresta do Rima Tudo*; **Ana Lize Brancher**, de Capinzal, residindo há vários anos em Florianópolis: *Gugu da Barriga Verde*; **Paulo J. da Silva**, de Tijucas: *Dr. Barbado: O Rei da Lagoa*; **Ana Rita dos Santos Lopes**, de Rio Negro, residindo em Mafra: *A Mais Fabulosa Confeitaria do Mundo*; **Irene Ritzmann Husmann**, natural do Rio de Janeiro, residindo há vários anos em São Bento do Sul: *Um Dia na Vida do Sol*; **Roseli Schutel**, reside em Florianópolis: *A Laranja Bailarina*; **Silvia Brum**, natural de São Paulo, 1961, reside há vários anos em Joinville: *A Palavra Mágica*; **Silvia Karina Coral e Anne G. Levisky**, ambas com 13 anos na época do concurso, residiam na cidade de Meleiro, sul do Estado: *O Chapéu e a Chapeia*; **Sinclair da Silva**, natural de Ibirama, 1963, reside em Blumenau: *A Minhoquinha Dançarina*; **Eduardo Saavedra**, nasceu em Araranguá, em 1968, e reside em Florianópolis: *As Traquinagens da Tainha Troe*, **Carla Calazans**, natural de Lages, 1968: *Kinkin, O Pinguim*; **Ana Janete Pedri de Andrade Lopes**, natural de Jaraguá do Sul: *O Amiguinho Círculo*; **Paulo R. A. Machado**, natural de Lages, reside em Florianópolis: *O Pingo de Chuva*; **Neide M.S. Areco**, natural de Indaial: *O*

Pintalho, Edith K. Foltronieri, natural de Rio do Sul; *Pituca*, Vera Maria Silvestri Cruz, reside em Criciúma; *Uma Sociedade Interessante*.

Em 1986 são publicados os livros de;

Raquel Régis Ávila, nasceu em Tubarão, 1951, reside em Florianópolis; *Renata Cara de Batata*; Maria Sylvia Carneiro, de Florianópolis; *A Lenda das Cores*; Ruth de Farias Coral, de Tubarão; *Amigos Inseparáveis*; Júlio César Ramos, de Biguaçu; *Presente da Natureza*-, Elizabete Verônica Tomé, de Florianópolis; *Vivinha para Sempre*; Else Sant'Anna Brum, de Joinville; *Miguelito, o Pirulito*, Deisi Albertoni, de Rio do Sul, nasceu em 1972; *Um Planeta Diferente*; Marita Deeke Sasse, natural de Florianópolis; *Uma família Feliz*.

A coleção apresenta narrativas bem diversas em sua construção e temática. Vale ressaltar os títulos; *Benina Bernunça com Dor de Barriga*, *A Baleia da Praia da Armação*, *A Lenda do Peixe Boi*, *A Terra do Passavento*, *Dorotéia e o Vento Sul*, *Gugu da Barriga Verde* e *Dr. Barbado: O Rei da Lagoa*, que abordam de forma lúdica e criativa temas de Santa Catarina, como o folguedo do boi-de-mamão, a origem da denominação “barriga verde” e lendas sobre os animais marítimos.

Ricardo Hoffmann nasceu na cidade de Criciúma, em 1937 e reside em Florianópolis. Romancista de nome firmado, tem o inusitado e o maravilhoso como presenças constantes em suas obras para crianças e jovens, dando vida e voz às plantas, aos objetos e aos animais. No livro *O Trenzinho Fora da Linha* (1987) aborda as travessuras do pequeno trem longe dos trilhos e o castigo ao retornar para o lar. Do trágico, as plantas devoradas pela formigas em *O Circo das Plantas* (1988) e o casal de beija-flores Tzin e Tzian empalhados num laboratório escolar, em *Pequeno Coração* (1990), ao alegre e esperançoso *Hotel dos Bichos Desamparados* (1988), em que a menina Leatrice resolve criar um hotel para os animais desabrigados.

Marília Crispi de Moraes nasceu em 1971, em Curitiba, residente em Santa Catarina desde seus primeiros meses de idade. Escreveu dois livros, *Aventuras dos Três Primos* (1988) e *A Longa Viagem de Splin* (1990). Os dois textos

apresentam personagens em aventuras fora de seu habitat. O excesso de aventuras colabora para a monotonia das narrativas .

Maria de Lourdes Scottini, natural de Blumenau, publica pela Eko: *Crutsana. Os Defensores da Natureza* (1989). Uma narrativa voltada a conscientização ecológica. Com a ajuda do menino Tiago e o Querubim, Crutsana (uma pequena ostra) e os animais marinhos despoluem o mar.

Janete Gaspar, em *As Três Irmãs* (s/d), constrói uma narrativa incoerente. O enredo gira em torno de três irmãs que se perdem; sabe-se que estão indo para Tubarão, mas não de onde vêm. A narradora personagem é a única sobrevivente e, depois de três anos de privações na mata, retorna ao lar. As mortes das outras duas personagens são tratadas como fatalidade. Erros ortográficos, de acentuação e pontuação pululam ao longo das 39 páginas do texto.

Amilcar Neves nasceu em Tubarão, em 1947. Contista nacionalmente reconhecido, em 1993 escreve para o público jovem *Pai Sem Computador*. O discurso narrativo é comandado pela personagem André, um adolescente de 15 anos. A ação se dá na Ilha de Santa Catarina, focalizando fatos próximos da vivência dos leitores: jogo de futebol, escola, namoros. Dados de informática e computação são inseridos na narrativa pelo pai de André, que é analista de sistema.

Glória Maria Alves Ferreira Cristofolini, em *Chico Preguiça* (1994), apresenta ao leitor um menino saudável, alegre e bonito, que fica doente, triste e feio por ser preguiçoso e é recompensado por todos quando aprende a ser aplicado e educado, deixando de ser “Chico Preguiçoso” e passando a ser chamado de “Chico, o Amigo”. Narrativa voltada para a exemplaridade.

José Vitor Centeno nasceu em Camaquã, RS, em 1947, residente há 18 anos em Santa Catarina e publica, em 1994, *A Família Dudu: La Granda Kunveno*. O enredo é organizado em torno da família Dudu (Di, Dadá, e Florzinha) e Simples e Complexo, dois amigos da família. Todos são transportados para dentro do carro que voa pelo espaço até chegar ao “Encontro interplanetário para o fortalecimento da fraternidade”. Todos os participantes com “formas humanóides” de vários planetas têm algo em comum: o esperanto, “a língua fraternal e neutra”. O texto é redundante em várias passagens, tomando a narrativa cansativa e monótona.

Elizabete Verônica Tomé, residente em Florianópolis, premiada na segunda edição do concurso da LADESC, publica em 1995; *Fresquinhas e Vaidosas*. O texto se prende mais no seu conteúdo; passar para as crianças a importância das frutas no desenvolvimento infantil.

Ivana Coldebelia, natural de Joaçaba, publica recentemente, pela editora Eko, o livro *O Senhor Zero*. A narrativa é didática e dá vida aos números, entre eles o zero, que acaba descobrindo o seu valor, com a ajuda da senhora adição .

Else Sant'Anna Brum, natural de Joinville, premiada na segunda edição do concurso da LADESC, publica pela Eko; *Cri-Cró* (1992) e *Retetêu: o primo do sapo que foi à festa no céu* (s/d). A primeira narrativa tem como personagem principal Cri-cró, o grilo diferente, que acaba por fim aprendendo a fazer cri-cri; o que poderia ser um discurso sobre alteridade dilui-se. Na segunda, Retetêu consegue retornar da festa no céu, diferente de seu primo (paródia a narrativa tradicional) e traz uma mensagem do Criador para que os homens conservem a natureza.

Vilma BayestorfT, natural de Florianópolis, escreve em 1994 *O Empinador de Pipas*, narrativa voltada para a solidariedade. O menino Zinho recebe de seu melhor amigo Renato, um menino paralítico, o auxílio para participar de um concurso de pipas.

Vanda Lúcia ShâfTer nasceu em Taquaras-SC, em 1952. Publica em 1995 pela editora Paulus *A Dança das Flores*, narrativa que gira em torno de um baile entre as flores, tumultuado por uma briga e apaziguado por dona abelha, que as faz ver a importância do néctar das flores.

Augusto de Abreu nasceu em São Paulo, em 1960 e reside há 15 anos em Florianópolis. Publica em 1995, *Quem Faz o Ovo?*. A narrativa tece o conflito entre o coelho e as galinhas, quando da distribuição dos ovos de Páscoa, solucionado por meio da cooperação entre ambas as partes. A inovação fica por conta das imagens em terceira dimensão.

Os livros *Florianópolis Conta sua História para as Crianças* (1979), de Stela Maria Napolini, e *Blumenau- sua história* (1980), de Marita Deeke Sasse são incluídos como literatura infantil, pois essas obras não apresentam o caráter

estritamente didático e informativo, contando suas histórias da história de forma poética e criativa.

Na poesia destacam-se;

AnaMaria Kovács, natural do Rio de Janeiro e residente em Blumenau há 20 anos. Escreve em 1988 o livro *Sonhos de Criança*. O livro é composto de 24 poemas, sem preocupação didática a autora brinca com as palavras.

Alcides Buss nasceu em Rio do Sul, em 1948. Autor de vários livros de poesias para o público adulto. Com *A Poesia do ABC*, em 1989, lança um trabalho voltado para o público infantil que, em 1990, recebe o prêmio “Revelação”, da Associação Paulista de Críticos de Arte. Trabalhando palavras de A a Z, o poeta constrói de forma lúdica seu abecedário.

Janice Cardoso de Bittencourt Pavan natural de Imbituba publica, em 1990, *Amor-Criança*. Ao todo são 61 poesias escritas entre 1967 a 1990, não se distanciando na forma de escritura, como se os poemas de 1990 pertencessem à década de 60. Encontram-se em todos os versos os rastros de uma educadora, tentando transmitir “conselhos” a seus “pimpolhos”: “Ser professora é ser mãe de vinte crianças, por duzentos e dez dias, para a vida toda” (p.49).

Em 1993, a autora leva a público *Luz no Jardim* (1993), já em discurso narrativo, que não se diferencia do primeiro trabalho, estruturado em um contexto em que as ações benevolentes são premiadas.

Alzemiro Lídio Vieira nasceu em 1943; é residente em São José e escreveu em 1990 *Gotas de Afeto*. O livro nasceu depois de sua participação no Projeto Arte-Criança, promovido pelo Departamento Artístico Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina. O livro é composto de 25 poemas que, em sua maioria, obedecem aos esquemas de rimas preestabelecidos com destaques para dois poemas que fogem desse esquema: “Pescador” e “Girassol”. Os poemas centram-se mais na reflexão do seu conteúdo do que na construção do fazer poético.

A produção literária de crianças e adolescentes fica difícil de ser registrada, porque se espalha pelo Estado em publicações de edições particulares, mas podemos destacar :

Patricia Angélica Dutra nasceu em Florianópolis, em 1961, publica em 1976, pela Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina, o livro *Seis Peças Infante-Juvenis*. Como o próprio título sugere, o volume é composto de seis textos dramáticos; “O ABC do Sonho”, “Dorinha e a Gotinha de Orvalho”, “O herói do Farol”, “Você e a Ciência”, “A Busca” e “O Pequeno Reformador”. Todos os textos apresentam uma mensagem de paz e solidariedade entre os homens.

Miguel Alexandre Pires Noronha natural de Florianópolis, escreve na década de 80 *Um Pequeno Inventor*, publicação do autor.

Giovana Terezinha da Silva nasceu em Florianópolis, em 1980, publica em 1991 *O Sonho de Juvenal*, e em 1994 a obra é publicada em Espanhol com o título *El Sueño de Juvenal*, pela editora Papa-Livro. A narrativa gira em torno do sonho do menino Juvenal, que com a ajuda do sol e da chuva o realiza; brincar sobre o arco-íris.

Marcelo dos Santos publica, em 1995, *Massa Dura*, pela editora Ribeirinha. O autor cria uma situação inusitada entre a personagem e a sua brincadeira com a massinha de modelar.

Rodrigo Wolff nasceu em Florianópolis, em 1975. Publica aos dezoito anos o livro *Certezas*, composto de 26 poemas que, em sua maioria, obedecem a uma temática de cunho social.

Antologia com textos de autores mirins;

História de Crianças para Crianças. Resultado do Concurso literário promovido pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão da UFSC e Fundação Catarinense de Cultura, no ano de 1982, para crianças de 4ª a 8ª séries do 1º Grau de qualquer estabelecimento escolar de Santa Catarina. Dez histórias foram premiadas e 20 receberam menção honrosa. As narrativas apresentam temática diversificada, do mundo encantado dos contos de fadas à denúncia social.

Varal Literário - Poesias. Publicação dos trabalhos dos alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1982.

Barata Viva Não Atravessa Galinheiro, publicado em 1988, é uma coletânea de textos dos alunos do I Grau da Rede Municipal de Florianópolis. A primeira

parte, “fazendo Histórias” traz 12 narrativas, a segunda parte “fazendo versos” apresenta 7 poemas.

Quando as Crianças Escrevem, publicado em 1992, dá continuidade ao trabalho realizado, em 1988, pela equipe de professores de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Florianópolis. O livro apresenta 26 textos, ora em verso, ora em prosa.

A produção literária para crianças e jovens em nosso Estado não é homogênea, quer seja na temática, quer no diálogo com o leitor. Muitas obras infantis continuam a passar uma visão dicotômica da realidade, voltadas exclusivamente ao didatismo, com personagens estereótipos reforçando um discurso autoritário. Por outro lado, percebe-se a produção de obras de qualidade, comprometidas com o leitor.

Partindo dessa tentativa de esboçar o que se tem produzido no Estado, percebe-se que a produção literária para o público mirim aumentou sensivelmente a partir da década de 70 e, se quantidade não é sinônimo de qualidade, podemos dizer que a quantidade colabora para a seleção da qualidade. Santa Catarina possui uma literatura para crianças e esta não pode ser esquecida, deve ser lembrada, avaliada para que possamos ter mais e mais livros a disposição do público leitor.

1.4 Os Discursos da Crítica

Até a década de 80, existiam duas referências teóricas brasileiras sobre a Literatura Infantil: *Problemas da Literatura Infantil*, de Cecília Meireles, e *Literatura Infantil Brasileira*, de Leonardo Arroyo. O livro de Cecília Meireles, publicado pela primeira vez em 1951, é o resultado de três conferências realizadas em Belo Horizonte, em promoção da Secretaria de Educação daquele Estado. Presentifica-se em sua obra o seu papel como educadora, primando a opção de leitura por meio das normas e valores transmitidos; contraditoriamente a autora se opõe a obras vinculadas à Pedagogia como artísticas. Leonardo Arroyo, por sua vez, não distingue as obras de caráter didático- literatura escolar-, pois para ele tanto os textos recreativos como os didáticos podem ser chamados de literatura infantil, ou seja, tudo que à criança se dê a ler. Lourenço Filho e Fernando Azevedo também contribuem para a discussão naquele período, vinculando a literatura à formação educativa da criança, sem falarmos nos compêndios e manuais que se direcionam especificamente aos alunos do curso normal, depois da Lei 3739, de 1957, que institui o assunto literatura infantil no currículo das escolas de São Paulo⁴⁶.

A partir de 80 os discursos teóricos sobre o tema se acentuam e se, até então, primava um ensaio humanístico voltado para o aspecto formativo da obra, relacionado com o aspecto pedagógico, transforma-se para uma preocupação estética e ideológica. As próprias mudanças no fazer literário dos que direcionam seu discurso para crianças e jovens vão acelerar esse processo.

Se até a década de 70 as obras, em sua maioria, apresentavam um caráter utilitário, autoritário, tradicional e monológico, modificam-se e hoje vários

⁴⁶ As obras são elencadas e estudadas no artigo " O Discurso Especializado sobre Literatura Infento-Juvenü na Década de 50", de Gustavo Adolfo R. MeUo Netø In *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo (72): 17-28, fevereiro de 1990.

teóricos⁴⁷ validam a existência de um discurso estético, emancipador, contemporâneo e dialógico nas obras para crianças e jovens, todos aproximando-se de um instrumental estético para a valoração do gênero. Distingue-se, assim, a possibilidade de dois discursos literários: antes de 70 e pós-70.

Pouquíssimos estudos críticos e teóricos podem ser encontrados sobre a produção infanto-juvenil em Santa Catarina. Eles surgem a partir da década de 70, podendo-se citar entre eles que, em *A Literatura de Santa Catarina*⁴⁸, no capítulo destinado à crônica e à Literatura Infantil, o professor Celestino Sachet faz referência somente a Maria de Lourdes Krieger e a suas três obras publicadas até então: *O Natal do Pastorzinho*, *Leleco e os Ovos da Páscoa* e *O Destino do Redondinho*. Já na obra *A Literatura Catarinense*⁴⁹, em capítulo destinado a “tendências e grupos contemporâneos”, o mesmo autor introduz a Literatura Infanto-Juvenil. Indo além do primeiro trabalho, faz a distinção dessa literatura em dois momentos, já descritos anteriormente; inclui os autores Heitor Luz Filho, Lausimar Laus, Balbino Martins e Adolfo Bernardo Schneider, Nilson Mello, Leo Vitor e Wilson Rio Apa no primeiro grupo. No segundo momento, destaca as obras de Maria de Lourdes Krieger, Wemer Zotz e Juarez Machado e cita outros nove autores e suas respectivas obras. Enfatiza uma nova linha a partir da década de 80: os textos que as crianças escrevem, seja em coletâneas escolares ou concursos literários promovidos por órgãos governamentais. Em *A Presença da Literatura Catarinense*⁵⁰, Sachet e Iapohan Soares, no capítulo 7, destinado aos “grupos e tendências contemporâneas”, inserem a coletânea de seis escritores de Literatura

⁴⁷ Divisão que pode ser observada nas obras de Edmir Perrotti: discurso utilitário e estético, de Regina Zübemian: autoritário e emancipador, de Nelly Novaes Coelho; tradicional e contemporâneo e de Ana Maria Filcouski: dialógico e dialógico. O assunto será melhor abordado no capítulo dois desta dissertação.

⁴⁸ SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

⁴⁹ SACHET, *A Literatura Catarinense*, op.cit., p. 169-175.

⁵⁰ T-1, SACHET, Celestino & SOARES, Iapohan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

Infanto-Juvenil: Lucy Assumpção, Maria de Lourdes Krieger, Werner Zotz, Augusto Alberto Neto, Êgle Malheiros e Nilson Mello.

Nas três obras. Celestino Sachet não esquece a Literatura Infanto-Juvenil, mas não dá prosseguir-nemo à expansão de tal estudo. Vejamos o porquê disso. Na primeira obra, Adolfo Bernardo Schneider é citado como um entre os três escritores que se destacam com a temática da colonização, sem que o autor faça referência à sua obra infantil. Heitor Luz Filho, por sua vez, entra na relação de autores bissextos, com o romance *Pedra Grande* (1953), omitindo-se novameme a produção infantil desse autor, destacada na segunda obra citada. Não há um prosseguimento e aprofundamento na antologia publicada em 1989, pois, pelos critérios adotados para seleção, entrariam outros escritores que, pela frequência literária, se destacariam: Juarez Machado, Sérgio Jeremias e Deonísio da Silva, que naquele período já teriam mais de duas obras publicadas. Não podemos, no entanto, tirar o mérito de Celestino Sachet, que até então tem sido um dos poucos a não esquecer esse gênero na panorâmica literária de nosso Estado e nos oferece, assim, oportunidade de reflexão.

*Livro que te Quero Livre*⁵¹ é um trabalho conjunto do escritor Werner Zotz e da professora Sueli de Souza Cagneti. O livro é composto de duas partes, sendo que a primeira, “A Revolução pelo Prazer”, é o resultado de entrevistas feitas por Sueli Cagneti com o catarinense Werner Zotz, em que este responde sobre a existência de uma literatura infantil, seu panorama, a importância da leitura, a profissão de escritor, etc. Na segunda parte, “O Livro na Escola: Liberdade para Voar e Crescer”, Sueli Cagneti relata atividades literárias realizadas na instituição escolar. A obra não se detém a produção infanto-juvenil em nosso Estado, mas enfatiza um de seus escritores, Werner Zotz. Em nenhum momento, entretanto, aborda-se o ser e o fazer catarinense.

⁵¹ CAGNETI, Sueli de Souza & ZOTZ, Wemer. *Livro que te Quero Livre*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986. *

*Livro. Criança e Lazer*², organizado por Maria de Lourdes Krieger, traz vários ensaios sobre a produção infantil brasileira, tendo como colaboradores Lígia Cadermatori, Nelly Novaes Coelho, Égle Malheiros, entre outros, sendo um só dedicado à obra de escritor catarinense, pela aluna de Pedagogia (UFSC) Eliane Emília Machado, intitulado “Dois Curumins da Literatura Infantil”.

A revista *Perspectiva*, do Centro de Ciências da Educação da UFSC, dedicou dois números (1985 e 1987) voltados para a Literatura Infantil, sob a organização da professora Tânia Maria Piacentini. Entre todos os artigos encontra-se uma entrevista do escritor Wemer Zotz concedida a Égle Malheiros, em 1985. Os demais artigos giram em torno da Literatura Infantil como um todo, sem se deterem no âmbito regional.

No número 10 de *Travessia*, revista de Literatura Brasileira da UFSC, dedicado à Literatura de Santa Catarina, encontram-se dois artigos voltados para a literatura para crianças e jovens. No primeiro Égle Malheiros aborda três livros de Wemer Zotz; no segundo, Tânia Maria Piacentini faz uma leitura pela ótica da “desobediência” no livro *Desça, Menino!*, de Égle Malheiros.

Em *A Literatura de Santa Catarina: Síntese Informativa*³, Lauro Junkes dedica um capítulo aos escritores contemporâneos de vários gêneros, incluindo a produção infanto-juvenil que, para o autor, só vem recebendo atenção nos últimos anos, não só em Santa Catarina como em todo o País.

A imprensa catarinense dedica pouco espaço no que diz respeito ao tema, mas não podemos deixar de citar o texto “Às Brincas & Às Veras”⁵⁴, em que Paulo Clóvis Schmitz elabora uma fértil análise sobre o gênero no Estado, a partir da década de 70.

² Maria Lourdes Ramos. (org.) *Uvro, Criança e Lazer* Florianópolis: APUFSC, 1987.

³ S. I. Hornuttiva. *A Literatura de Santa Catarina: Síntese Informativa*. Florianópolis: ed. do autor, 1992.

⁵⁴ SCHMITZ, Paulo Clóvis. “Às Brincas e Às Veias” In: *Ô Catarina* n.º 2, Florianópolis: abni de 1993.

Êgle Malheiros, Werner Zotz e Sueli de Souza Cagneti são alguns dos estudiosos que têm contribuído com ensaios teóricos sobre o gênero, mas sem enfatizar a produção de nosso Estado.

No que diz respeito aos trabalhos acadêmicos a nível universitário, percebe-se a existência inexpressiva de monografias de final de curso em algumas fundações do Estado, além de trabalhos esporádicos em cursos de pós-graduação. Temos um único trabalho de dissertação na área da Literatura Infantil, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1988, por Sueli de Souza Cagneti⁵⁵ no qual a autora aborda a inventividade e a transgressão nas obras de Monteiro Lobato e Lygia Bojunga Nunes.

Na primeira edição do *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*⁵⁶, Nelly Novaes Coelho faz referência a cinco escritores catarinenses: Albertina Moreira Pedro, Deonísio da Silva, Juarez Machado, Maria de Lourdes Ramos Krieger e Werner Zotz; em sua nova edição revista e ampliada, a autora retira o nome de Albertina Moreira Pedro e acrescenta ao quadro os nomes de Airo Zamoner, Alcides Buss, Edla Van Steen, Eglê Malheiros, Marita Deeke Sasse, Ricardo Hoffmann, Roberto Gomes e Marta Martins - dos 734 escritores pesquisados, 12 são catarinenses por nascimento ou residência.

Constata-se, assim, a ampliação do leque de escritores catarinenses voltados à produção literária para crianças e jovens, sem contudo, crescerem as reflexões teóricas sobre o gênero. A pesquisa realizada neste capítulo, tanto no que diz respeito aos trabalhos publicados para crianças e jovens, como no discurso teórico, vem suprir uma lacuna existente nos estudos realizados até aqui. Procuramos, assim, abrir caminhos e deixar pistas para aqueles que porventura ousarem aventurar-se pela caminhada, pouco trilhada, da produção literária de Santa Catarina para o público infantil e juvenil.

⁵⁵ CAGNETI, Sueli de Souza. *A Inventividade e a Transgressão nas obras de Lobato e Lygia: Confronto*. Florianópolis, 1988. (Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina).

⁵⁶ COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira (1882/1992)*. 2.ed. São Paulo: Quíron/Brasília INL, 1984.

Vinculada embrionariamente à escola, a literatura infantil e juvenil participa na formação desse público leitor. Por isso, a leitura, a literatura e o leitor cruzam seus caminhos, na maioria das vezes, mediados pelo espaço escolar. E é com esse contexto que pretendemos tramar, a partir de agora, o nosso diálogo.

2 LEITURA, LITERATURA E LEITOR; CAMINHOS COMPARTILHADOS

Ler as aventuras do herói no torvelinho das letras é para a criança como fisgar figuras e mensagens na agitação dos flocos. Seu alento paira sobre a atmosfera dos acontecimentos e todas as figuras o sentem. A criança mistura-se com os personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. O desenrolar e as palavras trocadas atingem-na com força inefável, e quando ela se levanta está envolta pela nevasca que sopra da leitura.

Walter Benjamin

2.1 A Leitura: a que será que se destina?

Sem pretensão de fazer uma história da leitura, propomo-nos destacar os pontos primordiais de sua construção, visto que, na prática contemporânea de leitura, a relação do livro com o leitor se insere num contexto mais amplo das práticas sociais.

Ao adentrar no Scriptorium da abadia ficcional de Umberto Eco com seus estudiosos, rubricadores e copistas, e nas reflexões de Adso sobre o destino dos livros, constata-se de imediato o poder do clérigo sobre a leitura e a posse do objeto livro. No entrelaçar do tecido romanescos, o tecelão Eco urde fios históricos e ficcionais i^{ue} nos provocam a tomar como exemplo do real⁵⁷

A posse da escrita e leitura pelos copistas monásticos vai transformar-se já no final da Idade Média; contudo, as práticas de leitura dos séculos XVI e XVII continuam vinculadas ao espiritual, uma atividade sagrada, que é realizada por meio dos livros religiosos e promoviam a verdade absoluta. No século precedente, a indistinção do mundo físico e do mundo moral valorizava o elemento físico do livro. O livro era do “como fazer”^{^^}.

Até a Idade Média, aqueles que tinham acesso à leitura liam intensivamente. O mesmo texto, prevalecendo os de caráter religioso ou os almanaques, era lido várias vezes. A partir do século XVIII, a emergência de uma literatura de massa, o desenvolvimento da imprensa pelo linotipo, a alfabetização e a difusão da leitura vão contribuir para que a leitura comece a ser realizada de forma extensiva.

Saber ler, portanto, é a condição essencial para as novas relações de intimidade engendradas entre os indivíduos. Para Roger Chartier, são três as esferas em que o livro e suas leituras assumem uma posição na vida do ocidente:

57 ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Trad. Aurora Fomatii Bemadini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Frcmteira, 1983. p. 91 e 215.

58 DARNTON, Robert. “História da Leitura”, h: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.p.219.

sociabilidade do convívio, intimidade familiar e doméstica e o isolamento

individual⁵⁹

As duas primeiras esferas centram-se nas práticas freqüentes de leitura oral, dos séculos XVI a XVIII, como elemento de sociabilidade; no exército, na roda de amigos seletos, nos grupos de convivialidade; prática comum, também, junto aos camponeses no meio rural. No grupo familiar a leitura se restringe ao número de habitantes do lar, entre as quatro paredes. A terceira esfera, do isolamento individual, solicita a relação silenciosa entre leitor e livro.

Vêm-se, assim, as transformações gradativas da leitura oral como prática coletiva á leitura silenciosa, como prática individual e solitária. Para Darnton, “a mudança para a leitura silenciosa pode ter envolvido um ajustamento mental maior que a mudança para o texto impresso, pois ela transformou a leitura em uma experiência individual, interior”⁶⁰

Darnton toma o estudo de Margaret Spelford sobre a instrução na Inglaterra do século XVII para compreender como a leitura era ensinada. A aprendizagem geralmente ocorria fora da instituição escolar; as poucas crianças que freqüentavam a escola aprendiam a ler antes de escrever. Os textos lidos eram geralmente em latim, ligados á religião e aos seus ritos. “A leitura era com freqüência uma questão de reconhecimento de algo já conhecido, em vez de um processo de aquisição de um novo conhecimento”.⁶¹

Convém ressaltar, pelas palavras de Robert Escarpitt e Ronald Baker, que “O lugar da leitura em uma sociedade e o papel que ela pode e deve desempenhar dependem em primeiro lugar das estruturas da sociedade e das instituições que as

⁵⁹ CHARTIER, Roger. " As Práticas da Escrita". In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (oig.). *História da Vida Privada*. Trad. Hüdegard Feist .Vol. IU. São Paulo; Companhia das Letras, 1991. p. 155.

⁶⁰ DARNTON, "História da Leitura", qp. cit., p. 231 e 232.

⁶¹ Idibid.,p.222.

refletem”⁶² ^ p^s pgios mecanismos desenvolvidos pela estrutura social é que se vai observando o quanto somos privados ou beneficiados pelas práticas de leitura.

No Brasil colônia inexistia um política educacional que privilegiasse as práticas de leitura; o principal programa educacional voltava-se para o ensino religioso e catequético, promovido pelos jesuítas. A maioria dos jovens brancos saía para completar seus estudos (bacharelado ou religioso) na metrópole.

A valorização do ensino da língua materna e da literatura nacional, influenciada pelas idéias de Luiz Antônio Verney, na obra *O Verdadeiro Método de Estudar*, publicada em 1746, na Itália, vai auxiliar na reformulação do novo currículo brasileiro, proposto por Pombal, depois da expulsão dos jesuítas e suspenso de imediato quando da destituição do Marquês.

O ensino da língua pátria facilitava a aprendizagem, tornava-se mais eficiente e expandia a escolarização. Estas funções não se aplicavam aos estudo literários, que continuavam dependendo do latim e, por consequência, da poética clássica. ⁶³

O ensino público em Santa Catarina, no século XIX, era bastante precário; das trinta escolas primárias existentes na Província, em 1829 três eram públicas e vinte e sete particulares. O conteúdo ensinado resumia-se à gramática latina, gramática portuguesa e às quatro operações de aritmética. O ensino secundário não divergia desse quadro; “em 1837, o govêmo criou duas Cadeiras de ensino secundário uma de Retórica, Filosofia racional e moral e Geografia e outra de Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria”⁶⁴

Em 1844, com o aval do governo, os jesuítas estabeleceram o ensino de humanidades; no entanto já existiam, desde 1843, aulas particulares de latim.

⁶² ESCARPITT, Robert & BAKER, Ronald. *A Fome de Ler*. Rio de Janeiro- Fundação Getúlio Vargas/MEC, 1975. p. 124.

⁶³ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Rarefeita: Livro e Literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 37.

⁶⁴ CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2. ed. Rio de Janeiro: ed. Laudes, 1970 143 p.

francês e filosofia, ministradas pelo padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, que publicava trimestralmente o aproveitamento dos seus alunos; os apontamentos dos resultados do primeiro trimestre de 1856, publicados na imprensa local, apresentam-nos o tipo de leitura destinada aos adolescentes catarinenses desse período;

Traduzem Títo Livio (prosa), Virgílio (verso), vão entrar em Horácio, análise, constroem orações latinas, e começam a compôr versos hexâmetros os alumnos ... (...) Traduz Cícero (prosa), Ovídio (verso), vae entrar em Tito Lívio e Virgílio, construe, analisa etc o , ... alumno(..).o5

O ensino da gramática nacional quase que inexistia no ensino secundário, pois se considerava disciplina já sabida pelos alunos, tanto no ensino público como particular. No ensino comum e secundário, a leitura se dava por meio dos modelos da retórica latina, como processo mais imitativo do que apreciativo.

No século XIX, em Santa Catarina, o ensino primário e secundário, tanto público como privado, é bastante irregular, com momentos de clímax e outros de decadência, não existindo uma projeto educacional efetivo.

José de Diniz, em 1918, relata as dificuldades do homem catarinense em ter acesso aos livros, que eram encomendados e dependiam da benevolência de amigos para receber jornais do Rio e São Paulo; lia-se, assim, tudo que chegasse às mãos;

A nossa vida fica assim amesquinhada nessa loucura de ler, de ler sempre, de ler insaciavelmente. Não suponham, por isso mesmo, que devamos escrever muito. Ao contrário. Rabiscamos, parcamente, lamentavelmente, umas certas sensaborias, que estão longe de possuir ainda o mérito vulgar de parecerem-se com as páginas que leia-mos.^{^^}

⁶⁵ CABRAL, Oswaldo R. *Os Jesuítas em Santa Catarina e O Ensino de Humanidades na Pwvíncia*. Florianópolis: Publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1940.

⁶⁶ SACHET, Celestino. *As Transformações Estético-Literárias dos Anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC-EDEME, s/d. p. 37.

As críticas de Graça Aranha, em visita a Santa Catarina em 1924, aos acessos à leitura são lembradas por Altino Flores, em entrevista a Celestino Sachet, em 1972: “deplorável Biblioteca Pública, jornais de péssima qualidade”⁶⁷

O vínculo da leitura e aproximação com o texto literário, via instituição escolar, é visível em toda a história da literatura. Partindo do pressuposto de que sem alfabetizar-se não se pode fazer a leitura das palavras - podemos falar em leitura de mundo com o mestre Paulo Freire -, o processo de leitura exige um receptor que conheça o código escrito e um texto.

Vale lembrar que é a partir do século XVIII que se começa a distinguir a produção literária da não-literária. Já no século IV a.C., Aristóteles preconizava a distinção entre a figura do historiador - aquele que narra fatos reais e acontecidos -, da do poeta - aquele que narra o que poderia acontecer, o ficcional⁶⁸*

Maurice-Jean Lefebvre distingue pelo uso da linguagem o discurso ordinário e o discurso artístico: o primeiro seria o discurso comum, cotidiano; o segundo, o discurso literário, artístico⁶⁹

O binômio ficcional e real, que perdurou por muito tempo e jogou a referência para um campo à parte da literatura na arte modernista, esfacela-se, crê-se, na medida em que um texto literário, em sua trama inventiva, não tem como escapular da inserção referencial. O discurso literário, no entanto, consegue ir além da referência e representação de mundo, ao criar um novo mundo, a partir de dados referentes à vivência do leitor.

A leitura de textos literários proporciona um redimensionamento das vivências do leitor, por meio do mundo re-construído.

^ Ora, se a leitura, em seus primórdios, era vista como um mero processo mecânico de decifrar signos, um passo necessário para a aquisição e domínio do

⁶⁷ Id. *ibid.*, p. 92.

⁶⁸ ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril S/A, 1973.

⁶⁹ LEF Maurice-Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Coimbra: Atadina. ma p@r. 1

código escrito, não havia necessidade de compreensão e interpretação do que era lido. O texto literário cumpria a ingrata tarefa de decodificação.

Maria Helena Martins sintetiza as duas concepções vigentes de leitura: uma de perspectiva behaviorista-skinneriana e outra, de perspectiva cognitivo-sociológica. Na primeira, a leitura é encarada como decodificação mecânica de signos lingüísticos e seu aprendizado se dá via condicionamento estímulo-resposta; na segunda, a leitura é tratada como processo de compreensão abrangente, interagindo condições internas (sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicas, neurológicas) com condições externas (culturais, econômicas e políticas). Segundo a autora, os créditos são depositados na segunda concepção, mas em sua visão, as duas perspectivas - decodificação e compreensão- não estão dissociadas e convivem num processo dialético⁷⁰.

A aprendizagem da leitura, como processo de decodificação de signos, dá-se na escola, mas muitas vezes não se consegue suplantar esse primeiro patamar do domínio do código escrito e penetrar na abrangência da interpretação do que se lê. E a leitura não deve ficar circunscrita ao espaço institucional da escola mas, sim, acompanhar o sujeito-leitor por toda sua vida, se admitirmos que “Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”⁷¹

Resumem-se, dessa forma, os dois tipos de leitores que rondam as palavras: o leitor-objeto, tábula rasa, que absorve a leitura como algo alheio ao seu contexto social e o leitor-sujeito que, ao ler, constrói e reconstrói sua prática e redimensiona sua postura frente á realidade. Crê-se que essa posição depende da forma como é encarado o ato de ler e da difusão de sua prática em âmbito social.

Podemos aqui relembrar os quatro parágrafos da Lei-dura da Leitura, levantados por Ezequiel Theodoro da Silva, pela forma como se estruturam a

⁷⁰ MARTINS, Mana Helena. *O Que é Leitura*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 31-32.

⁷¹ SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981. p. 45.

sociedade e suas instituições: 1=) somente uma minoria, a elite, tem acesso à leitura, 2=) existência de apoio à pesquisa e programas de incentivo, 3=) o seu ensino na escola pelo processo de ensaio e erro e 4=) a fragmentação dos estudos nessa área

72

Parafrazeando Ezequiel, fica-nos difícil vislumbrar a Lei-pura da leitura.

Pura no sentido límpido da palavra, sem mácula, sem restrições; todos com os mesmos direitos de acesso ao texto escrito, pesquisas integradas no propósito de promover o gosto pela leitura; a escola como espaço de descoberta e a leitura prazerosa da troca.

Gloria Ponde⁷³ avalizada por pesquisas realizadas pela UNESCO, afirma

que “o hábito de leitura só se implanta até os doze anos”; por isso a importância de uma literatura que desperte na criança o prazer e o “gosto” pela leitura. Daí a valorização da literatura infantil e juvenil no espaço escolar, atitude que pode ser presemificada desde o seu surgimento, mas que a partir de 70 se acentua, devido, principalmente, à constatação de um hiato entre o acréscimo de produção literária e a estagnação do consumo.

A “crise de leitura” no Brasil, diagnosticada no final da década de 70, retoma problemas discutidos na Europa, principalmente na França, entre 1965 e 1975, sobre a crise dos valores ligados à leitura que surge na escola. Ora, se tomarmos a palavra “crise” como queda de algo que estava em ascensão, podemos falar em crise de leitura no Brasil?

Crê-se que os discursos sobre a leitura se efetivam nesse momento pela vitalização do livro e seu papel social, pela necessidade de democratização e condições de leitura, algo inexistente no Brasil.

A reprodutibilidade técnica propiciou ao objeto livro sair do círculo fechado dos letrados e homens de posse e se estendeu à massa, principalmente a partir do século XVIII. Se, porém, formos avaliar esse quadro profundamente, viceja ainda

⁷² SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & Realidade Brasileira*. 4.ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 15-19.

⁷³ POISTOÉ, Glória Maria FiaBio. "Como despertar o prazer da leitura" In: *Leitura-Teoria e Prática*. Ano 2 - Abril 1983 (nº 1). p. 14.

hoje, principalmente no Brasil, a aura sobre o objeto-livro, como se fosse um alvo matmgivel. Vários fatores colaboram para isso: o custo do livro, a falta de escolarização e a operacionalização de uma política efetiva de democratização da leitura.

Desprovidos de uma política governamental de difusão da leitura, ficamos amarrados e submetidos a campanhas filantrópicas em favor do livro, que servem como paliativo, mas não resolvem o problema. A década de 90, que finda, leva consigo o fim do século e presenciamos em Santa Catarina, não diversamente do resto do País, campanhas filantrópicas como “Anjos de Biblioteca”⁷⁴. As campanhas de caráter assistencialista servem para ratificar que a leitura, em sua errância, na sociedade contemporânea, persiste destituída de espaço.

Vê-se, contudo, que alguns passos foram dados em prol da sua concretização, como a fundação da Associação de Leitura do Brasil, em 1981, no III Congresso de Leitura, realizado em Campinas, provocando e invocando o aumento substancial de discursos voltados para o tema.

O que surpreende, e até mesmo assusta é, depois de uma década de efetiva discussão, a inoperância das práticas suscitadas. Os leitores da palavra-mundo estão vivos, presentes. Onde estão os leitores da palavra escrita? O mérito não cabe em saber quem é o bom leitor, mas em saber onde estão os leitores da palavra-mundo e jia palavra escrita: aqueles que, na construção dialética, constróem a sua leitura.

⁷⁴ Campanha reahzada de 5 a 13 de março de 1996, promovida pelo SINEPE - Sindicato d^ Escolas Particulares, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado e dos municípios. Os alunos do ensino pnvado são convidados a contribuir com a oferta de livros, que serão "doados" às bibuotecas públicas. *Comal do Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina* n° 37 ano 3, p.6-7, março de 1996.).

2.2 A Literatura Infantil e Juvenil: a quem será que se destina?

Sobre a literatura infantil pesa uma certa indefinição conceitual. As críticas convergem sobretudo para duas questões; de uma parte, a questão recai sobre a especificidade de seu leitor, a criança; de outra, a sua vinculação umbilical com a instituição escolar, denunciada como uma produção didática e doutrinadora sem preocupação estética. Os dois fatores estão interligados e colaboram para a conceituação pejorativa e o marginalato desse gênero.

Antonio Cândido utiliza como exemplo o mundo das criança e/ou dos povos primitivos, ao afirmar que os estudos filosóficos e sociais sempre foram realizados pela ótica “do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros”⁷⁵ No caso específico da criança, toma Rousseau que, há mais de 200 anos, já afirmava que a criança não é um adulto em miniatura. Observa, porém, o crítico que, ao se evitar o modelo reducionista, pode-se cair nos exageros das diferenças individuais, colocando a criança numa redoma ou cercado como se vivesse num mundo à parte. Cândido enfatiza, então, as singularidades e as maneiras peculiares que se relacionam com as condições sociais e culturais em que o indivíduo se encontra, que vão determinar a postura frente a essas particularidades.

Partindo dessa colocação de Antonio Cândido, podemos retomar a própria definição na denominação do gênero: Literatura Infantil? Literatura Infanto-Juvenil? Literatura Infantil e Juvenil? Philippe Ariès⁷⁶, ao falar do surgimento do sentimento de infância, no século XVⁿⁱ, refere-se também à valoração da adolescência, criação do século XX. Vencida a etapa de diferenciar a criança do adulto, fez-se necessário diferenciar a adolescência e a juventude como fases distintas, necessitando esse público leitor também de uma literatura específica. Nelly Novaes Coelho classifica a questão, para termos didáticos, da seguinte forma:

⁷⁵ CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, op. cit., p. 41.

⁷⁶ ARIES, Philippe. *História Social da Criança...*, op. cit., p. 48.

Uma questão de terminologia: para facilitar a exposição das idéias, usaremos o rótulo geral Literatura Infantil ou Infantil/Juvenil para indicar tanto os livros infantis (destinados a criança até 9/10 anos de idade); como os infanto-juvenis (para a meninada entre 10/11 anos até 13/14 anos) e os juvenis (para adolescentes a partir dos 14/15 anos). 77

No *Guia de Leitura*, realizado pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, encontra-se como característica definidora da Literatura Infanto-Juvenil aquela que é realizada para crianças e jovens por um adulto, e isso a distingue da literatura que é lida pelo adulto^{^^}.

Para Regina Zilberman e Ana Mariza R. Filipouski, entre os vários problemas da falta de estudo desse gênero, um se relaciona com a sua designação e assim vem especificado em nota de rodapé, na obra *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*:

A literatura endereçada às crianças é tida como infantil, havendo uma confusão entre o objeto em questão e o seu destinatário, embora o destinador, isto é, o sujeito da criação, seja via de regra um adulto. Usaremos também a expressão literatura infantil na falta de outra, porém fica claro que se trata de uma denominação insatisfatória, ainda mais se se compara ao seu provável contrário, uma literatura não especificamente destinada às crianças. Tratar-se-ia de uma literatura adulta ou uma literatura para adultos 79

Marisa Lajolo, por sua vez, assim registra sua opinião;

O jovem, leitor virtual da literatura juvenil, bem como a criança, leitora virtual da literatura infantil, são construções da história. Em face dessa historicidade, não tem sentido atribuir-se universalidade/objetividade/imanência a tais categorias (...) Pode-se

⁷⁷ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. 5.ed. São Paulo: Ática 1991, apresentação.

⁷⁸ *Guia de Leitura para alunos de 1^a e 2^a graus*. Centro de Pesquisas Literárias, PUCRS. São Paulo: Cortez, 1989.

⁷⁹ FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro & ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1982. p. 12.

iz e juvenil ; toda obra que assim □ ^ « ” ^ » « ^ “ erada pelo
 “edtLfo

Para Gôte Klmberg, o conceito de literatura para jovens e para crianças pode obedecer a cinco possibilidades diferentes: primeiramente, seriam aqueles textos considerados desqáveis pelo adulto para a leitura da criança e do adolesce-me; em segundo, para designar a literatura composta especificamente para crianças e jovens; em terceiro, refere-se à própria produção das crianças e jovens; em quarto, textos adaptados ou retirados da literatura do adulto e, finalmente, engloba as que as crianças realmente lêem 81 .

Poderíamos ir além; certamente são muitas as posições sobre o adjetivo que acompanha o substantivo literatura, mas no momento já temos pano pra manga suficiente para terminarmos a costura. Vimos que o “rótulo” infantil ainda é uma pedra no meio do caminho para um olhar crítico mais “sério” sobre o gênero; por outro lado, estão imbricadas questões mais cruciais, como sua ligação assimJtrica com o adulto e suas formas de discurso, sua vinculação histórica com a pedagogia escolar e, mais recente, com o mercado editorial, que acaba acondicionando em pacote o que pertence ao público infantil e juvenil. Na medida do possível, tentaremos centrar nosso olhar sobre essas especificidades inerentes ao gênero.

Para Antonio Cândido, os processos de feitura e de repercussão da obra literária estão interligados, ou seja, a obra só chega ao fim no momento que repercute e atua - o seu fim é um novo começo; a comunicação. Estabelecem-se assim os quatro elementos do processo de comunicação; o comunicante - o artista; um comunicado - a obra; um comunicando - o público e o resultado do processo- o efeito^2

⁸⁰QA
 LATOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura* op. cit., p. 25.

⁸¹ BAUMGARTNE Alfred Clemens. *Le Livre Allemand pour la Jeunesse Actuel*. Priedrid. Verlag: Velber, 1974. ^ 11.

⁸² CÂNDIDO, *Literatura e Sociedade*, qj.cit., p.21

Seguindo a trilha da tríade indissolúvel do processo comunicacional, a produção literária destinada a crianças e jovens obedece a algumas especificidades, visto que um emissor adulto escreve o texto para um receptor-criança.

Acreditamos, porém, que o processo da escritura literária para esse público não obedece à construção de um mundo diferenciado e diverso; simplesmente devem ser respeitadas as habilidades lingüísticas, seu desenvolvimento cognitivo e afetivo que, este sim, atém-se a algumas singularidades. Parece claro que ao pré-leitor ou leitor que não atingiu todo conhecimento das estruturas lingüísticas é necessária uma circunscrição de limites, no que diz respeito ao vocabulário, à estrutura sintática, à elaboração e seleção do material literário. Mas o que ficou registrado por um longo período, e de que nos dias de hoje ainda pressentimos resquícios, foi a inversão de singularidade por deformidade, subestimando a capacidade de compreensão da criança, impondo-lhe textos pueris, carregados de diminutivos e sem nenhum significado.

Contrária é a constatação já afirmada por Walter Benjamin, na década de 20 deste século; “A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não infantil”⁸³

Regina Zilberman destaca que a relação desse gênero com seu destinatário é mais aguda na medida em que “a sedução de dominação própria à linguagem narrativa pode se converter em inclinação adultocêntrica e deixar transparecer a índole **educativa**”⁸⁴. Na maioria das vezes a supremacia do adulto prevalece, ao construir seu discurso literário “para” ou “sobre” a criança e não “com” a criança.

Mansa Lajolo⁸⁵ diz que o questionamento sobre o fazer literário está no significado mais amplo do texto. Para tanto não se deve centrar a análise em cima “do que o texto diz”, mas sim na forma “como o texto diz o que diz”. Assim,

⁸³ BENJAMIN, Walter. *Reflexões: A Criança, O Brinquedo, A Educação*. Trad. Marcus V. Mazza. São Paulo; Summus, 1984. p. 50.

⁸⁴ ZILBERMAN, Regina. “Literatura infantil e o leitor”. In: ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. 3.ed. São Paulo, 1987. p. 87.

⁸⁵ LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura ...*, op cit., p. 50.

adentra-se no campo da variabilidade histórica, visto que a produção literária é uma comunicação histórica, localizada no tempo e no espaço. No caso da literatura infantil, estará vinculada à visão histórica da infância.

Acredita-se que, até a década de 70, ressalvas feitas a Monteiro Lobato, a literatura destinada ao público infantil e juvenil no Brasil era constituída de textos que falavam “para” o leitor, com orientações e posturas formalizadas “sobre” a criança. O tratamento dado à linguagem, o respeito à criança e a tentativa de diálogo “com” a criança é que fazem surgir um novo discurso, a partir de 70.

Edmir Perrotti faz uma distinção desses dois discursos, um de caráter utilitário, vinculado aos padrões moralizantes e pedagógicos, e outro estético, capaz de despertar o leitor para o prazer do texto. O autor, no entanto, aponta o perigo de um utilitarismo às avessas, surgido nos anos 70 que, com pretensões de romper com tradição do gênero, acaba colocando de forma implícita os padrões discursivos tradicionais. “O recurso utilizado é, então, a manipulação dos registros (narrativa/discurso), criando no leitor a ilusão de que não se trata de um ensinamento, até o final, quando este já está dado e o jogo pode explicitar-se”⁸⁶

Na apresentação do livro *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*⁸⁷, Regina Zilberman e Ligia Cadematori Magalhães apontam a relação que se pode estabelecer entre livro e destinatário, desde a reprodução de um modelo autoritário da sociedade, impondo normas e submetendo o leitor ao seu cumprimento, até a um modelo emancipatório que rompe com a submissão, convertendo o leitor à criticidade da sociedade em que está inserido.

Nelly Novaes Coelho distingue dois tipos de discursos: o tradicional e o contemporâneo, levantando, por meio da temática e das peculiaridades, os valores tradicionais e os valores novos que fazem diferir a produção para crianças e jovens de ontem e de hoje. Em outro momento aponta as características estilísticas e estruturais que diferenciam esses dois tipos de discurso⁸⁸

⁸⁶ PERROTTI, op.cit., p. 125.

⁸⁷ ZILBERMAN, Regina & CADEMARTORI, Ligia Magalhães. *Literatura Infantil Autoritarismo e Emancipação*. 3.ed., São Paulo; Atica, 1987.

⁸⁸ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil* op. cit., p. 17-24 e p. 134-138.

Ana Mariza Filipouslti, analisando textos publicados a partir da década de 70, avalia a “incorporação de técnicas e modelos literariamente inovadores” e debruça-se sobre uma tipologia das narrativas, sob a ótica da apresentação do narrador, seguindo os estudos de M. Bakhtin, diferenciando as narrativas- monológica, quase monológica e dialógica-, e estabelecendo uma tipologia da leitura: pragmática, quase pragmática e ficcional^^

NSo podemos vislumbrar uma linha de demarcação na qual o discurso tradicional do gênero tenha sido suplantado pelo discurso contemporâneo; esses discursos se impenetram e convivem lado a lado. A visão de dois discursos, crê-se, existe, mas não afiança a morte do velho para o nascimento do novo. Um dos fatos relevantes para essa convivência quase pacífica, provavelmente, dá-se pela forma como é distribuído e difundido o gênero, via mercado editorial, que explora O filão com unhas e dentes.

A orientação para a leitura dos livros infantis segue, em sua maioria, as orientações dos estádios de desenvolvimento infantil, com suas etapas biológicas e desenvolvimento psíquico; um discurso pontado pela voz adulta do crítico, editores, teóricos; para um público adulto, pais, professores, bibliotecários, etc. Assim, podem ser encontrados vários livros teóricos e catálogos de editoras que apontam as fases de leitura ou idades da leitura, vinculando-se a faixa etária e interesses. Vejamos algumas posições.

Richard Bamberg caracteriza as cinco fases de leitura seguindo as definições de Schliebe-Lippert e A. Beinlich: De 2 a 5 ou 6 anos - idade dos livros de gravura e dos versos infantis, fase de integração pessoal; de 5 a 8 ou 9 anos, idade do conto de fada, leitura de realismo mágico; de 9 a 12 anos, idade das histórias ambientais, leitura relacionada com acontecimentos vivos; de 12 a 14 ou 15 anos, história de aventuras; de 14 a 17 anos seria a fase da maturidade: o leitor estaria desenvolvido esteticamente^^

⁸⁰ ^ X> i r **FILIPOUSKI**, Ana Mariza Ribeiro. *Literatura Infantil da década de 70: a caminho da Pohfoma*. Porto Alegre, 1988. (tese de doutorado apresentada a PUCRS)

⁹⁰ ^ **BAMBERGER**, Richard. *Como Incentivar o Hábito da Leitura*, trad. Octávio M. Cajado. 5.ed. São Paulo: Atica, 1991. p. 33-35.

Lúcia Pimentel Góes segue a orientação de Bamberg, mas diverge na última fase. ao crer que os adolescentes já são capazes de selecionar suas leituras»!.

Glória Pondé leva em conta as seguintes fases do crescimento, que poderão colaborar na “adequação” obra e leitor: na primeira fase o livro deve proporcionar ao leitor o conhecimento do mundo que o rodeia; segue-se a leitura projetada ou ps.coloc.ca, que proporciona ao leitor a liberação de seus medos interiores exemplificada pelos contos de fadas e contos folclóricos; a terceira fase corresponde à identificação com personagens e, na quarta e última fase, a literatura deve proporcionar uma visão crítica do mundo⁹²

Maria Antonieta Antunes Cunha, por sua vez, baseada na psicologia evolutiva, considera três fases: a do mito, de crianças de 3/4 a 7/8 anos de idade com o predomínio da fantasia, colaborando para leituras de contos de fadas, mitos, lendas e fabulas; a segunda fase corresponderia ao conhecimento da realidade, dos 7/8 a 11/12 anos, com o romance de avemura em tom de verossimilhança; a última fase, dos 11/12 anos até a adolescência, é a do pensamento racional⁹³

Para Betty Coelho, “a história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral”; por isso, esboça um quadro de faixas etárias e interesses que se divide em leitores pré-escolares (fase pré-mágica e fase mágica) e escolares, obedecendo quase que igualmente aos escritores já citados⁹⁴

Ponto comum em todos os autores citados é a observação quanto à flexibilidade dessas informações, que podem diferenciar de indivíduo para indivíduo, segundo fatores internos e subjetivos e externos. Essas informações.

⁹¹ GOÉS, Lúcia Pimentel. *Introdução* “*Utermum Infantil e J: M.* 2.ed., São Paulo: Pioneira, 1991. p. 32-33.

⁹² PONDÉ, *A Arte de Fazer Artes...*, op. cit., p. 26-30.

⁹³ CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. 13.ed. São Paulo; Átila, p. 99-101.

⁹⁴ SILVA, Maria Coelho. *Contar Histórias: Uma Arte sem Idade*. 4.ed. São Paulo, Ática, 1991. p. 14-20.

portamo. devem ,er a toção de orientar, não en,nadrar as crianças e jovens num
receituário padronizado de desenvolvimento

Também os catálogos comerciais das editoras trazem indicações etárias ou
por sene escolar, e isso acaba tornando-se uma faca de dois gumes, pois coloca
todas as crianças, de uma idade determinada, aptas a um tipo de leitura, sob o
mesmo padrao de desenvolvimento, desvinculando o sujeito infantil do mundo em
que está inserido.

A recorrência à psicologia do desenvolvimento remete a seu principal
representante: Piaget. Para este, os processos de desenvolvimento estão ligados aos
processos maturacionais, ou seja, a aprendizagem só se concretiza em função do
desenvolvimento ou maturação do indivíduo. Orientada por essa concepção, a
cnança não deve receber informações além de sua capacidade de desenvolvimento,
haja vista não estar preparada.

Esses conceitos de faixa etária ou características comuns a todos os
ndividuos, no entanto, começam a merecer intensa reflexão devido ao acesso,
recente, das teorias de psicólogos soviéticos, entre eles Vygotsky.

Vygotsky considera a aprendizagem formal e informal como processo
decisório para o desenvolvimento das atividades cognitivas, rejeitando a idéia de
estágios comuns a todos os indivíduos, pois, na sua concepção, a aquisição social
precede a aquisição cognitiva. Levanta assim as características dos dois níveis de
desenvolvimento mental na criança: o real e o potencial. O primeiro diz respeito à
atividade que as crianças podem desenvolver, independentemente do adulto e de
mediações de terceiros, pois se refere às funções que já amadureceram; para o
segundo, no nível de desenvolvimento potencial, a criança necessita da mediação ou
de interferências de terceiros para solucionar algum problema, dizendo respeito
àquelas flinções que ainda estão em processo de maturação. A zona de
desenvolvimento proximal, um dos conceitos principais dos estudos de Vygotsky,
corresponde à distância entre os dois mveis. Visto assim, não será desejável se
voltar somente para as fimções psicológicas desenvolvidas, sim , para as funções
psicológicas emergentes^^.

Refletindo sobre esse prisma, esfacela-se a idéia de leitura voltada somente para as potencialidades já alcançadas das crianças, emergindo uma nova postura: a criança é capaz de ir além do seu comportamento costumeiro, possibilitando a leitura de livros que a despertem para o novo, o desconhecido, tanto no que diz respeito à temática como à linguagem.

Vista dessa forma, a psicologia evolutiva, que se tomou a fada madrinha no auxílio aos escritores, professores, pais, padrinhos e tios, ao escreverem adquirirão ou indicarem uma obra à criança, pode atuar como um suporte na compreensão das necessidades e interesses da criança, nunca como premissa, linha mestra a conduzir o fazer literário ou a seleção do livro. ^

No que concerne ao “pedagogismo”, as críticas são várias à vocação pedagógica dessa categoria literária. Se, no princípio, o gênero se consolidou como leitura edificante e formadora de caráter, com o tempo passou-se a resgatá-lo como puro entretenimento. Essa relação dicotômica pode ser retomada desde Platão, para quem a poesia (literária) devia estar a serviço do Estado, de forma utilitária, com objetivos extrínsecos, pois ao verdadeiro artista caberia a tarefa de mostrar a realidade e não imitações. Horácio, como bom discípulo, difundiu esta concepção didática: a arte tem a função de ensinar de forma agradável. Já para o filósofo grego Anstóteles, a obra de arte teria como fim despertar o prazer. Parece inviável traçar essa relação dicotômica entre entretenimento e o caráter formativo da obra literária, pois eles estão implícitos em qualquer fazer literário: quer seja adulto ou criança. O leitor, ao aproximar-se de um livro, almeja deleitar-se e, ao mesmo tempo, apreender novas formas de (re)ver-se o mundo, (re)conhecer, (a)venturar-se. Enfim, não se trata de negar a antiga má - transmissão de valores - mas de não transformar o fazer literário em discurso didático.

Observa-se, a propósito, que, pelos discursos acirrados contra a existência da literatura infantil e juvenil na escola, esqueceram-se alguns críticos de que a literatura não-infantil também tem sua circulação e recepção marcada pela escola, como o destacam Zilberman e Lajolo:

*Também a literatura não-infantil, através da adoção de livros pela escolas, visitas de autores e organização de feiras e semanas de livro, beneficiou-se muito da vertiginosa expansão de cursos universitários que, a partir de 70, proliferaram nas cidades médias e grandes.*⁹⁶

Arnaldo S. Thiago aponta a importância dos estabelecimentos de ensino para o desenvolvimento cultural de Santa Catarina, no final do século passado e início deste:

*Todo o vigor intelectual dos homens de Santa Catarina decorre, portanto, da ação cultural dos seus estabelecimentos de ensino secundário (...) e do estímulo inicial, recebido na capital do país ou noutros grandes meios educacionais, pelos que nesses meios procuraram instruir-se, para depois voltar à atividade no Estado.*⁹⁷

Vetar a oportunidade de contato com o texto literário, por meio da instituição escolar, é uma reflexão despropositada se admitirmos que, em quase sua totalidade, o primeiro contato da criança com o texto de ficção é concretizado na escola. Credenciar a literatura como a tábua de salvação para um naufrágio eminente da leitura parece utópico.

Negligenciar a existência da produção literária para crianças e jovens, a forma como é tratada e utilizada, todavia, só tem a corroborar para práticas desiguais em busca do sentido pragmático. Sua presença é fato comprovado; cabenos, então, visitar aquele a quem essa literatura se destina: o leitor.

96 LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Histórias & Histórias*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 136.

97 THIAGO, op. cit., p. 41.

2.3 Estética da Recepção: um novo olhar sobre o leitor

Desde o século XIX até os nossos tempos, as análises e os estudos literários enveredaram por rumos diversificados que, em síntese, podem ser definidos como ligando-se, sucessivamente, aos três elementos que constituem o fato literário: num primeiro momento, concentra-se na produção da obra, destacando a figura do autor e o seu contexto histórico (críticas biográficas e deterministas); num segundo momento, sobrevalorizou-se o texto e o que ele tinha para dizer por si só, confiante na sua auto-suficiência, uma visão imanentista que se utilizou da lingüística como ciência prioritária (Formalismo Russo, New Criticism e mesmo a Crítica Estilística, para chegar ao Estruturalismo); dessa forma, as pesquisas voltaram-se para o pólo da textualidade, em detrimento do aspecto comunicativo. A partir das teses desenvolvidas pelos estudiosos de Constança, no final da década de 60, começou-se a enfatizar a figura do leitor, ao privilegiar a relação autor-obra-público.

Essa tentativa aconteceu oficialmente em 13 de abril 1967, no sul da Alemanha, na Universidade de Constança, através da aula inaugural de Hans Robert Jauss, logo a seguir publicada⁹⁹. Em 1961 Hans Georg Gadamer, professor de Jauss, já havia publicado seu livro *Verdade e Método*, constituindo-se antecedente imediato das formulações que Jauss retoma dos conceitos da hermenêutica para a descrição da experiência estética: horizonte de expectativas, a lógica da pergunta e resposta, fiação de horizontes e o efeito.

Jauss propõe uma história da arte e da literatura fiindada em outros princípios: as análises literárias deveriam mudar de enfoque, não mais centrando-se no texto ou no autor e sim no que denominou de “terceiro estado”: o leitor. Ou seja, a perspectiva do sujeito produtor (destinador) interagindo com a do

⁹⁹ Originahtiorte "Was ist und zu welchem aide atudiàit man literaturgeschichte?" / "O que é e com que finalidade se estuda história literária?". A ccHiferência foi logo no mesmo ano publicada em livro, sob o título *Literaturgeschichte ais Provokation der Literaturwissenschaft* e que, com alterações e acréscimos posteriores, aiccMitra-se traduzida no Brasil com o título; *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (Ática, 1994).

consumidor (receptor). A arte obedeceria assim a uma função dialética: formadora e modificadora de percepção^^.

Para Hans Robert Jauss, somente na relação dialógica da obra com o leitor é que se concretizam o caráter estético e o papel social da arte. Voltado para a experiência estética como momento de prazer, formula os conceitos de fruição compreensiva e compreensão fruidora - o leitor gosta daquilo que compreende e só poderá compreender aquilo que aprecia - sendo o prazer e a compreensão processos simultâneos:

O prazer estético que, desta forma, se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo da experiência de si mesmo na capacidade de ser outro, a capacidade a nós aberta pelo comportamento estético. 100

Jauss introduz, assim, as três categorias básicas retiradas da tradição estética, que explicitariam a experiência estética da obra em relação ao seu emissor-criador e receptor, que pode tomar-se seu co-produtor: poiesis, aisthesis e katharsis. Segundo o autor, a poiesis remete ao “prazer ante a obra que nós mesmos realizamos” 101 ; a interação entre texto e leitor possibilita ao segundo tornar-se co-produtor da criação literária. A aisthesis se concretiza por meio do efeito, ou seja, o leitor reconhece os elementos representados e renova o seu conhecimento sobre esses elementos, no que Jauss designa de “o prazer estético da percepção reconhecadora e do reconhecimento perceptivo” 102 a katharsis designa “aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz

99 ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo Ática, 1989. p. 32.

100 JAUSS, Hans Robert. “A Estética da Recepção: Colocações Gerais”. In: LIMA, Luiz Costa (org) *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 77.

101 JAUSS, Hans Robert. “O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis”. In: LIMA, Luiz Costa (oig.). *A Literatura e o Leitor* Rio de Janeiro- Paz e Terra, 1979. p. 79.

102 Id.,p.80.

de conduzir o ouvinte e o expectador tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua **psique**¹⁰³, isto é, por meio da identificação entre os elementos da narrativa e o leitor se processa a katharsis, que não se restringe somente à liberação das emoções, como também é catalisadora de ação, levando o leitor à reflexão frente à sua realidade. Correspondem essas três funções básicas aos aspectos de produção, recepção e comunicação, que conservam o seu caráter de experiência estética se mantiverem o caráter de prazer.

As pesquisas de Jauss se voltam, então, para a reconstrução histórica da forma como o texto foi recebido e interpretado por leitores diversos ao longo do tempo e o seu efeito atual, resultando na flisão de dois horizontes: o do autor que construiu sentido e o do público que (re)interpreta o sentido em confronto com o tempo atual:

O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da praxs histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura. ¹⁰⁴

Ele define, dessa forma, as duas possibilidades de concretização do texto literário pelo leitor: uma orientada para o horizonte implícito de expectativa e outra para a análise das expectativas externas a obra, relacionadas à vivência do leitor. No primeiro, de cunho intraliterário, o efeito é condicionado pela obra. O leitor implícito, criação ficcional, depende das estruturas objetivas da obra; no segundo, de cunho extraliterário, a recepção é condicionado pelo leitor. O leitor explícito depende de fatores externos à obra **literária** ¹⁰⁵.

103 id. *ibid.*, p.80.

¹⁰⁴ JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994. p. 52.

¹⁰⁵ ZILBERMAN, ., *Estética da Recepção...*, op.cit., p.65.

A função social da experiência estética se realiza quando a obra de arte se abre para a experiência do Outro; sua efetivação se dá pela identificação estética. O “herói” é a base para Jauss formular uma tipologia dos modelos de **identificação** 106 □ associativa, admirativa, simpatética, catártica e irônica.

- Associativa - a representação é um jogo em que ambos (obra e receptor) assumem seu papel e seus comportamento devem orientar a vida social.

- Admirativa - o herói, “figura perfeita”, apresenta uma conduta que deve ser seguida pelo leitor.

- Simpatética, o herói é “imperfeito”, familiar e semelhante ao leitor, quebrando a distância gerada pelo modelo admirativo.

- Catártica - liberação interior do leitor ao se afastar efetivamente da sua vida real na identificação, levando-o a uma reflexão livre, liberto também do julgamento moral.

- Irônica - o herói é abolido (anti-herói); rompe com a identificação esperada pelo leitor frente ao objeto representado, levando-o à reflexão e autonomia de uma atitude estética.

Hans Robert Jauss foi duramente criticado por seu olhar à história literária, devido à inviabilidade de fazer a recepção das obras ao longo da história, pela ausência de testemunho individual de leitura.

Outro estudioso, saído da Escola de Constança e que define seus próprios rumos, Wolfgang Iser, enfatiza a participação do leitor pelo preenchimento de vazios, isto é, o leitor é estimulado a preencher os pontos indeterminados e não muito claros da narrativa, a partir de seu horizonte de experiências, ao introduzir as experiências alheias em sua própria experiência de vida.

Iser retoma o conceito de concretização e pontos de indeterminação introduzido por Roman Ingarden, mas difere dele, que vê a indeterminação viável somente quando não produz um hiato, já que para Ingarden a obra é concebida como representação da totalidade; portanto, os pontos de indeterminação devem ser preenchidos. Iser, por sua vez, retoma a indeterminação como “lugares vazios”

106 JAUSS, Hans Robert. *Por une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.

(Leerstelle) e necessários para o processo comunicacional da obra, apoiando a multiplicidade; para tanto os vazios não devem ser preenchidos e sim combinados entre si. A relação dialética do dito e do não-dito é o momemo central da comunicação do texto ficcional 1⁷

Os vazios devem ser combinados mediante as projeções do leitor, que não deve obedecer às expectativas habituais e sim desautomatizá-las, por meio da despragmatização das normas do repertório do leitor, colaborando para induzi-lo a modificar suas expectativas habituais, visto que o horizonte do leitor se amplia pela negação de um saber prévio. A atividade comunicativa, entre texto e leitor mediada pelas projeções, no entanto, tende ao desequilíbrio e ao suposto fracasso quando “as projeções do leitor se impõem independentes do **texto**” 108

O texto não-literário formula um significado, primando pelo caráter de verdade, independente do possível leitor, enquanto o texto literário se faz por outro viés, na medida em que o leitor, no processo de leitura, constrói o significado. A intenção do texto só pode ser encontrada na imaginação do leitor.

Iser, contudo, afirma que a polaridade ficção/realidade deve ser abandonada ao serem vistos ambos os elementos como uma relação de comunicação, já que a ficção comunica algo acerca da realidade, por meio da organização de elementos inseridos nessa mesma realidade; por isso não se deve buscar o seu significado, mas o efeito que produz.

Pois, na relação dialógica entre o texto e o leitor, o vazio cumpre um papel essencial: produz a condição de compreensão, construindo assim uma situação contextuai que permite ao leitor e ao texto encontrar uma convergência O que no caso do uso lingüístico corrente deve preexistir, aqui deve ser produzido. 109

107 isgj^ Wol^g. “A Interação do Texto com o Leitor”. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

108 Id.,p.88.

109 ISER, Wolfgang. “La Realidade de La Ficción”. In: WARNING, Rainer (org.). *Estética de La Recepción*. Madrid: Visor, 1989. p. 166.

No ensaio “Os atos de fingir ou O que é fictício no texto ficcional”¹¹⁰ Iser retoma a questão fundamentado numa justificação heurística, substituindo a polaridade realidade e ficção, pela tríade real, fictício e imaginário. Partindo da constatação de que o texto ficcional carrega consigo elementos do real, não só no aspecto social como sentimental e emocional, contudo não se restringe à repetição em si mesma, mas no ato de fingir que concretiza um imaginário que mantém um vínculo com a realidade retomada pelo texto.

Os atos de fingir obedecem ao processo de seleção e de combinação; o primeiro refere-se “aos sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sócio-cultural ou mesmo literária”¹¹¹; a seleção apresenta a intencionalidade do texto ao apresentar certos campos de referência em detrimento de outros; o segundo corresponde aos elementos intratextuais: abarca “tanto a combinabilidade do significado verbal, o mundo introduzido no texto, quanto os esquemas responsáveis pela organização dos personagens e suas ações”¹¹², resultando que o mundo organizado no texto ficcional se transforma em um “como se” que, por seu caráter de condicionalidade, tem como função provocar reações no leitor.

Para Iser¹¹³ o não-dito, os vazios do discurso constituem os elementos primordiais da comunicação. O texto possui elementos próprios que constituem seu sentido para o leitor. São eles: repertório, estratégias e realizações.

O repertório é formado pelos textos anteriores com que o leitor teve contato e a realidade extratextual: as normas sociais e históricas em que o leitor está inserido. Tais normas podem permitir a sobrevivência do sistema dominante, como

¹¹⁰ ISER, Wolfgang. “Os Atos de Fingir ou O que é Fictício no Texto Ficcional”. h: LIMA, Luiz Costa (org.). *A Teoria da Literatura em Suas Fontes*. Vol. II, 2 ed Rio de Janeiro F. Alves, 1983. p. 384-416.

¹¹¹ W., p. 388.

¹¹² Id. *ibid.*, p. 391.

¹¹³ ISER, Wolfgang. “El Proceso de Lectura”. h: WARNING, Rainer (org.). *Estética de La Recepción*. Madrid: Visor, 1989.

também podem desestmaturá-lo, ao apresentar ao leitor uma represemação diversa da real.

As estratégias seriam as condições formais estabelecidas no texto, que provocariam seus vazios: a técnica de fragmentação e montagem, comentários do narrador, técnica de distanciamento em geral, perturbações na construção de frases como correlatos intencionais.

As realizações são as expectativas superadas ou não pelo leitor freme à leitura da obra.

A leitura, como ato de construção por meio do preenchimento dos espaços vazios, variando de leitor para leitor, depende do horizonte de expectativas e do repertório de cada um.

No ensaio «La estructura apelativa de los textos»!¹⁴, afirma que o aumento das indeterminações do texto literário se toma visível a partir do século XVIII, tomando para análise três textos da literatura inglesa: *Joseph Andrews*, de Fielding (século XVIII) ; *Vanity Fair*, de Thackeray (século XIX); e *Ulisses* , de Joyce (século XX).

Já no ensaio “A interação do texto com o leitor”!¹⁵ ilustra a diversidade dos vazios nos textos ficcionais, como o romance de tese, o romance de folhetim e o romance representado por Ivy Compton-Burnett.

O romance de tese tem caráter informativo; por isso o vazio é restrito e, por conseqüência, limitada à atividade imaginativa do leitor. Forma e conteúdo estão em campos opostos; a primeira submete-se ao segundo, com fim de induzir o leitor á posição correta e planejada para ele. Para Iser, a redução de vazios nesse tipo de texto ficcional obedece a fins políticos, com o intuito de doutrinar o leitor.

Os romances de folhetim, centro de interesse do século XIX, que hoje persistem na forma de história seriada e nas telenovelas, obedecem à técnica de corte, à interrupção no momento exato da espera do desfecho, sendo que essa

¹⁴ ISER, Wol^ang. “La Estructura Apelativa de Los Textos”, h: WARNING, Rainer (org.) *Estética de La Recepción*. Madrid: Visor, 1989.

¹⁵ Cf., nota 105.

pausa vai colaborar para o acréscimo natural de vazio no texto. Nesse tipo de discurso os vazios têm caráter publicitário, na medida em que aparecem de forma fragmentada com o intuito de manter o público interessado pela história, ao acrescentar um vazio adicional ao vazio do texto, aumentando a expectativa e a atividade imaginativa do leitor. Os vazios obedecem a fins comerciais: angariar um público consumidor.

Nos romances de Ivy Compton-Burnett, os vazios não são orientados de forma pragmática; surgem ao longo da narrativa, através dos diálogos, oportunizando ao leitor elaborar suas próprias projeções de significação aos vazios encontrados no texto, propiciando ao leitor uma atividade imaginativa intensa, obedecendo a fins estritamente estéticos.

O texto literário, portanto, possui estruturas apelativas que dependem do leitor para lhes dar sentido.

Segundo Luiz Costa Lima¹¹⁶ «o calcanhar de aquiles» das formulações de Iser se concentra na idealização de um leitor, pois as leituras reguladas pela estrutura do texto hierarquizam as interpretações.

Os dois estudiosos, Jauss e Iser, acabam levantando modalidades diversas de relacionar o texto e o leitor. O primeiro trata da recepção pelo qual a obra se processou historicamente; o segundo, por sua vez, trata do efeito da obra ao ser consumida pelo leitor.

Como ponto comum entre ambos, encontra-se a idéia de repertório, ou seja, para o processo de compreensão da obra literária entra em ação as experiências anteriores do leitor, tanto literárias como extraliterárias.

Jauss e, sobretudo, Iser se fundamentaram no leitor implícito, recorrendo á estrutura textual, detectando nela as estratégias do emissor para captar o interesse do leitor.

¹¹⁶ LIMA, Luiz Costa. "O Leitor Demanda (d)a Leitura", In: *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

2.4 A Estética da Recepção e o Objeto de Pesquisa

O objeto de pesquisa dessa dissertação centra-se no conjunto de textos contemporâneos; por consequência, as correspondências dos leitores também o são. A posição dos dois teóricos, acima relacionados, direcionam-se para a análise interna do texto literário. Jauss, no horizonte de expectativa - pergunta e resposta - e Iser, nas lacunas deixadas pelo escritor ao produzir o texto.

Sabe-se da existência de trabalhos acadêmicos sobre a Literatura Infantil e Juvenil voltados para o seu estatuto estético por meio da sua interação com o leitor, centrados na análise interna da obra, pelo papel que desempenha o narrador 117 .

Mesmo sabendo das dificuldades dessa leitura, no entanto, tentamos direcionar nosso olhar para o que a obra diz e para o que o leitor diz da obra. Num primeiro aspecto, o fazer formal e temático da obra importa, no sentido que está direcionado para um público leitor implícito (infantil e juvenil) e obedece ao fazer desse gênero, em relação às personagens e temas, que aproximam leitor e obra. Num segundo momento, lidamos com o leitor real, de carne e osso, inserido num contexto social, que leu a obra e fez da correspondência o seu meio de mediação com a autora.

Como dar voz àquele que exerce uma atividade anônima; o leitor? Luiza Lobo 118 argumenta que, no Brasil, a tradição oral dificulta a intermediação do leitor; o leitor das obras é muitas vezes o crítico e o próprio autor. Difícil se faz o

¹¹⁷ Cf, a propósito dos trabalhos acadêmicos: VALE, Luiza Vilma Pires. *A Atividade Imagética do Leitor em Corda Bamba, de Lygia Bojunga Nunes*. Porto Alegre: PUCRS, dissertação de mestrado defendida em 1992, ou FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. *Literatura Infantil Brasileira da Década de 70: A Caminho da Polifonia*. Porto Alegre; PUCRS, tese de doutorado defendida em 1988.

¹¹⁸ LOBO, Luiza. "Leitor", bi; JOBIM, José Luiz (org). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro; Imago, 1992. p. 233.

testemunho do leitor comum, aquele “que se entregou à leitura de seu livro sem qualquer empenho crítico, mantendo porém com o texto uma relação viva”¹¹⁹

Nossa proposta, conhecidos os seis textos de Maria de Lourdes Krieger escolhidos para leitura, é de, por meio da opinião do leitor, ver como a narrativa chega até ele, em que medida se aproxima ou se distancia de suas expectativas, pelos elementos que possam ser aclarados por meio das correspondências.

Michelle Perrot, ao se referir às correspondências familiares e à literatura “pessoal”, admite que :

Elas obedecem a regras de boas maneiras e de apresentação de uma imagem pessoal que regem a natureza de sua comunicação e o estatuto de sua ficção. Não há nada menos espontâneo do que uma carta, nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manifestações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza. 120

As correspondências dos leitores, ora espontâneas ora direcionadas, vão desnudando o contato do leitor com o livro, o, atrelamento da leitura com a escola, o prazer da leitura fora do jogo obrigatório, etc, e nos possibilitam “entrar na fortaleza” que é o próprio leitor.

Sabemos que esta pesquisa pode parecer reducionista, já que nem todo leitor entra em contato com o autor; na maioria dos casos essa é uma prática dos leitores infantis e jovens, e são poucas as referências e conhecimento sobre esta prática.

¹¹⁹ LINS, Osman. *Guerra sem Testemunha: O Escritor, sua Condição e a Realidade Social*. São Paulo: Ática, 1974. p. 159.

¹²⁰ PERROT Michelle (org.). *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* Trad. Denise Bottmann. vol. 4. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p. 11.

Não podemos, no entanto, perder a oportunidade frente a material tão vasto e instigante de leituras dos livros de Maria de Lourdes Krieger.

É o leitor que acena, encena e apresenta, na boca da cena, o espetáculo da leitura concretizada.

3 A INTERAÇÃO AUTOR, TEXTO E LEITOR

Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse resposta, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos.

Marcel Proust

3.1 Maria de Lourdes Krieger: uma caminhada literária

Em pleno exercício de seu fazer literário, Maria de Lourdes Krieger possui uma obra invejável para o público infantil e juvenil. Nascida na cidade de Brusque, passou a infância entre os nove irmãos e os livros, ora na pequena biblioteca da casa de uma tia, ora na livraria que o pai abriu para auxiliar o orçamento familiar.

Filha de professora e inspetor escolar, optou pela profissão do magistério e foi com seus alunos que começou a conquistar seus primeiros leitores, através de atividades extra-classe.

Em 1969 publica, pela editora do Brasil, uma coleção didática para alunos de 1^a a 4^a séries. A publicação é comentada em vários jornais do Vale do Itajaí, norte e sul do estado: “Sim. Finalmente, em Santa Catarina temos livros textos para o ensino primário dirigido especialmente às nossas crianças, com leituras que evocam nossa história, nossa gente”¹²¹

As críticas á coleção, a autora mesma as faz: apresentação de uma visão maniqueísta, utilização de seus próprios textos em detrimento de outros, características de uma ingenuidade logo superada, que a leva a não renovar o contrato com a editora¹²²

Em 1972, recebe menção honrosa num concurso de literatura infantil realizado em Santa Catarina, com o livro *Dona Onça da Floresta (histórias do folclore brasileiro)*. A mesma obra recebe menção honrosa em 1977, em concurso realizado pela Revista *Escrita*, de São Paulo, sendo publicada em 1983, em Florianópolis, pela Fundação Catarinense de Cultura e, em 1990, pela editora Santuário, de Aparecida. O livro é composto de onze histórias que giram em torno das artimanhas de Dona Onça sobre os bichos da floresta, que nem sempre dão certo. Recriando histórias do folclore brasileiro com maestria, a autora liga uma história a outra com comentários ao leitor: “Lembram-se que nossa conhecida

¹²¹ “Santa Catarina, Finalmente”. *Jornal Nova Era*, Rio do Sul: 01/03/69.

¹²² Entrevista realizada com a autora em 19 de novembro de 1995.

andava atrás de mestre coelho? Lembram-se que ele a enganou por duas vezes?” (p. 23)

Em 1973 passa a residir em Florianópolis, para aperfeiçoar seus estudos.

Escrevendo desde 1968 uma coluna semanal para o jornal *O Município*, de Brusque, principia a escrever no Suplemento Infantil *O Estadinho*, e é nesse periódico que começa a dar vazão ao seu fazer literário, no qual atua efetivamente até 1975.

Em 1977 publica seus três primeiros livros, pela Editora Lunardelli, com tiragem de 4.000 exemplares cada um; segundo jornal do período, possivelmente a maior edição de um livro literário realizado em Santa Catarina até a época²³ *q* *Natal do Pastorzinho*, *O Destino de Redondinho* e *Leleco e os Ovos de Páscoa* são ilustrados por artistas plásticos catarinenses, respectivamente; Jandira Lorenz, Ernesto Meyer Filho e Marise Maravalhas Cardoso. Nas três narrativas, um narrador em terceira pessoa assume o papel de comador da história. O primeiro reconta o nascimento do menino Jesus, pela ótica do pastor-menino Izaac. O segundo, as aventuras de um grão de areia que, insatisfeito com sua vida marinha, começa a viajar pelo oceano até cair prisioneiro numa imensa concha, para se transformar mais tarde numa pérola. No terceiro livro, o narrador vai contar como os coelhos começaram a distribuir os ovos de Páscoa.

Em 1977 defende o título de mestre, pela Universidade Federal de Santa Catarina, com a dissertação “Influências e estímulos na leitura de alunos da 1ª série do 2º grau da grande Florianópolis”, uma pesquisa realizada por entrevistas com 587 alunos (10%, na época, das matrículas da grande Florianópolis), para avaliar quais os hábitos de leitura e os estímulos que o educando recebe na escola.

Em 1979 seu livro *Recordações de Um Agente Secreto* é publicado pela Brasiliense, na coleção “Jovens do Mundo Todo”. Seguindo o caminho aberto, publica mais dois livros pela mesma editora; *Um Amigo Muito Especial* (1981) e *Uma Família tão Comum* (1982); os dois primeiros reeditados pela Mercado Aberto. No último livro citado, a autora brinca com o fazer literário, numa

²³ Observação de Raimundo Caruso, em 31 de julho de 1977, jornal *O Estado*.

proposta de metalinguagem, ao utilizar o narrador onisciente que perde seu poder com as interferências das personagens. As onze partes que dividem o texto são diferenciadas, no índice, pela numeração, ora em números arábicos, ora romanos, sendo que os romanos obedecem à narrativa do narrador onisciente e nos arábicos a narrativa é realizada pelas personagens. Na IV parte, no entanto, o narrador começa a descrever a personagem Maria do Carmo, quando essa interfere:

- *Calma ai, narrador (interfere a própria). Minha história, quem escreve sou eu.*

Será que o leitor gostará disso? Já houve tanta interferência neste livro!

- *Ele mesmo pode decidir a respeito; se não gostar, escolherá o que fazer. (p. 37)*

Uma Família Tão Comum, na verdade, apresenta personagens que não são tão comuns: D. Maná do Carmo, a mãe, que voa; tia Clara, que crocheteia problemas com fios invisíveis; o menino Pedro e sua cutia invisível; Mirela, que toca um piano inexistente; Murilo, o pai, que retira as pernas, quando tem algum problema; Daniela, amiga de Mirela, que acaba vendo a cutia, e o ladrão, que entra na história e acaba por retirar seus olhos para melhor ver.

Em 1980 é convidada a se candidatar à vaga do acadêmico Prof Barreiros Filho na Academia Catarinense de Letras, mas não aceita.

De 1985 a 1989 é representante da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), junto ao projeto Salas de Leitura, atuando nos Estados do Paraná e Santa Catarina. Em 1984 publica *O Gato que não Sabia Miar*, pela Mercado Aberto, uma história que tem animais como personagens. O gato Rique, que quer tornar-se rei, sem sangue real, conquista o trono ao ajudar o reino animal a se livrar das armadilhas feitas pelos homens.

Em 1985, também pela Mercado Aberto, publica *Nos Ombros Fortes de Papai*, livro considerado altamente recomendável para criança pela FNLIJ. Em 1989 publica *Ana Levada da Breca*, com o qual recebeu menção honrosa - Prêmio Luiz Jardim-, da União Brasileira de Escritores.

Brincando de Olhar Estrelas, publicado em 1990, pela Kuarup, é uma narrativa poética sobre o relacionamento mágico da menina Lila com as estrelas; filha única e sentindo-se limitada pelo espaço do apartamento em que reside, transcende o espaço cotidiano com o jogo de imagens despertadas pelas estrelas. O adulto repressor surge na figura da tia Inês, que lhe inculca superstições;

- Não se deve apontar estrelas,
ainda que muito belas:
ou o dedo apontador
fica cheio de verrugas, por causa delas.

Lila, contudo, que no primeiro momento se deixou influenciar pela tia, consegue superar o conflito, retomando ao seu jogo imaginativo.

Em *Vovó quer Namorar*, publicado em 1990, a narrativa é realizada por Letícia, a neta, surpresa ao descobrir que a avó espera a visita de um homem. O discurso pontuado pelas duas vozes, a da avó e a da neta, vão trazendo as lembranças da mocidade da primeira e a conquista de seu espaço agora na velhice.

Rompe com a representação tradicional da velhice feminina; tricotar, fazer doces e contar histórias para os netos.

Segredos do Coração foi publicados pela Editora Moderna em 1991, juntamente com *Irmão-Sanduiche* (1993).

A convite de escolas, a autora viaja pelo interior do Estado, vendo nesses eventos a oportunidade não só de divulgar sua obra, mas de levar ao leitor infantil várias possibilidades de leitura. Interessando-se pelo que o leitor pensa de seus textos, mantém correspondência com eles. Acredita que toda editora deveria abrir uma caixa postal, através da qual os leitores pudessem dirigir-se ao autor; dessa forma seria rompida a aura sacralizadora que segrega o autor, como um ser à parte. “Os jovens estabelecem contato direto com o escritor. Eles escrevem cartas, contam suas vidas, mandam cartões de Natal, e eu respondo a todos, pois quem se deu ao trabalho de escrever merece **resposta**” 124

¹⁷¹ T24 BASTOS, Jones João. ^ Sucesso de uma escritora de SC”. Jomal *O Estado*.
rlonanqx>us; 14/07/85. p. 41.

3.2 A construção narrativa: em busca do diálogo com o leitor

Dos quatorze livros publicados por Maria de Lourdes Krieger, ater-nos-emos a seis, sendo que três se direcionam ao pequeno leitor; *Nos Ombros Fortes de Papai*, *Ana Levada da Breca* e *Irmão Sanduíche*, enquanto os outros três pressupõem o leitor com mais experiência de leitura; *Recordações de Um Agente Secreto*, *Um Amigo Muito Especial* e *Segredos do Coração*. A intenção constitui-se em verificar de que forma as estratégias textuais e a temática contribuem para a interação texto e leitor. A opção por estes títulos em detrimento dos outros, deve-se a sua qualidade estética e a ampla aceitação pelo público leitor.

A busca do diálogo como leitor nos textos de Maria de Lourdes Krieger é constatada nas histórias publicadas no suplemento *O Estadinho*. A autora lança mão de estratégias que possibilitam a participação do leitor na construção das narrativas, através dos espaços vazios. Adota o esquema de história seriada, com o prosseguimento da narrativa na próxima edição. A continuação se dá pela interferência dos leitores, que mandam suas sugestões, como na história “Os animais da África, na terra de sol e mar”¹²⁵, em que o narrador solicita aos leitores sugestões para o nome da personagem protagonista, tentando assim, mesmo que ligeiramente, o diálogo com o leitor.

No conjunto, sua obra está centrada na realidade cotidiana, com situações radicadas no dia-a-dia, como observa a autora; “Em cada texto existe um pouco da criança e jovens do universo dos alunos e leitores com quem tenho me encontrado, ao longo do tempo”¹²⁶.

Maria de Lourdes deixa transparecer em suas obras fragmentos de sua história de vida, instantes de memória, sem constituir essencialmente uma obra

¹²⁵ KRIEGER, Maria de Lourdes. “Os Animais da África, na terra de sol e mar”. *O Estadinho* - suplemento do jornal *O Estado*. n° 98, Florianópolis; 28/04/74. p. 4.

¹²⁶ KRIEGER, Maria de Lourdes. *Segredos do Coração*. São Paulo; Modema, 1991.

memorialística ou autobiográfica. Em *Recordações de Um Agente Secreto*, o assunto da filatelia não surge por acaso; seu pai Oscar Gustavo Krieger é um dos fiindadores do Clube Filatélico de Brusque; as brincadeiras, as atividades na Páscoa: colônir ovos, procurá-los no jardim, são instantâneos de sua infância na cidade de Brusque.

Em *Um Amigo Muito Especial*, o drama vivido pelo pai de Lauro também traz momentos da vida da autora: seu irmão procurado pela repressão, por incitar uma greve em Volta Redonda; a revista minuciosa de sua casa paterna, pela repressão em busca de seu irmão. Nas demais obras os nomes das personagens dizem respeito a pessoas próximas e fatos de seu cotidiano.

Sua obra, contudo, não se resguarda como um mero espelho da realidade; apropriando-se de dados da realidade, a autora constrói o ficcional, e o ficcional por sua vezes nos revela dados da realidade reelaborados.

Maria de Lourdes Krieger logrou sair do âmbito de circulação regional desde que suas obras foram publicadas pela Brasiliense, na coleção “Jovens do Mundo Todo”, que tinha como proposta inovar a temática até então vigente nesse gênero literário, através de maior realismo, focalizando o jovem atual, com narrativas centradas, temporal e espacialmente, em ambiente de fácil reconhecimento pelo **leitor jovem** 127 Vejamos então dois desses textos: *Recordações de Um Agente Secreto* e *Um Amigo Muito Especial*.

A estrutura narrativa de *Recordações de um Agente Secreto* se concretiza pelo registro diário dos acontecimentos vividos pelo personagem-narrador João Oscar, um garoto de 12 anos. O recurso técnico do diário, utilizado na construção da trama narrativa, aproxima dois pólos, o textual e o extratextual. Literariamente segue uma estratégia muito utilizada nas narrativas policiais, gênero em que a trama está inserida, e no aspecto extratextual liga-se a uma atividade comum aos jovens da década de 70, substituída nos dias de hoje pelas agendas.

127 FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Literatura Infanto-Juvenil: Arte ou Pedagogia Moral?* São Paulo: Cortez, 1982.

Ambientando-se na cidade de Brusque, interior de Santa Catarina, o narrador autodiegético vai apresentando os costumes sociais e culturais da comunidade.

O espaço temporal da narrativa obedece a uma seqüência linear de 16 de junho, domingo, a 10 de julho, quarta-feira. A narração, contudo, é intercalada pelo registro dos acontecimentos ocorridos no dia em que o personagem escreve, por meio de cortes e montagens; não segue uma seqüência rígida, remetendo a fatos passados bem antes do dia em questão.

As reflexões de João Oscar, comum aos adolescentes, aproxima o leitor da narrativa, como a chateação de domingo, o outro eu;

Existirá no mundo, em qualquer parte do mundo, alguém como eu, envolto em trama semelhante? Existirá alguém com mesma idade e feições, igualzinho a mim? Sempre achei que há um outro eu, outra pessoa que nem a gente. Cada homem, mulher e criança tem um homem, mulher e criança que é do mesmo jeito e feitio, com igual nome e que faz as mesmas coisas, noutra parte do mundo que é tal e qual esta parte do mundo em que vivemos- ou noutra mundo, imagem fiel deste.(p.75)

O texto também trabalha a relação conflituosa entre adolescente e adulto, na representação da incompreensão dos pais de João Oscar, que não dão crédito, no primeiro momento, às suas suspeitas.

Em linguagem coloquial, ágil e bem-humorada, o narrador também apresenta palavras que para ele têm responsabilidade; palavras novas que insere em seu vocabulário.

A relação ficcional e real é estabelecida pela personagem, que remete a sua história “real” ao contexto fictício do cinema.

A narrativa mistura dois crimes: o sumiço do valioso selo olho-de-boi e o assalto tramado pelos bandidos. O enigma das mensagens em código, utilizada pelos criminosos, é desvendado em conjunto pela família de João Oscar, quando ele propõe um desafio; desvendar o código utilizado pelos bandidos de um romance policial. A mãe descobre; é o anagrama. Diante da estranheza de Bia (irmã de João

Oscar), o pai explica: “É a formação de palavras pela troca de letras, da mesma palavra ou de outras.”(P-89)

A trama policial é inserida em pequenas doses, sujeita às observações do narrador frente a acontecimentos não rotineiros e a sua prática cotidiana, pequenas pistas, ora verdadeiras ora falsas, que o narrador vai relacionando para desvendar o mistério do roubo do selo “olho-de-boi” e o possível assalto. A retenção das informações retarda o acesso ao desvelamento do crime.

Nelly Novaes Coelho levanta alguns pontos que fazem a narrativa não ter um resultado global satisfatório: as duas intenções da narrativa, as vivências de um adolescente e a intriga policial. Critica a técnica de ir desvendando os fatos ao poucos, pois a autora dilui os índices do possível crime ao longo da narrativa, acabando por fustrar a expectativa do leitor«« . Porém, como ainda observaremos por meio das cartas, o leitor não se sente frustrado com isso e acaba por compreender a obra.

Em *Vm Amigo Muito Especial* a estrutura narrativa é composta de doze capítulos e não obedece a uma seqüência linear; pelas lembranças do menino Lauro, despertado pela chuva no primeiro capítulo, se passa toda a narrativa que, em flash-back, vai descortinando a vida do menino.

A história é centralizada no personagem Lauro que, em sua solidão, devido ao alienamento da mãe, ao silêncio da avó e à ausência do pai desaparecido, refugia-se numa realidade interior, através da criação de um amigo imaginário: o elefante.

Jacqueline Held levanta dois pontos importantes no que se refere à humanização de animais pela criança: permite a projeção de seus desejos e temores diante da sociedade adulta e, também, das situações familiares, inclusa a situação de aprendizagem 129.

128 COELHO, Nelly Novaes. Dicionário Crítico..., op. cit., p. 722.

¹²⁹ HELD, Jacqueline. *Imaginário no Poder: As Crianças e a Literatura Fantástica*. trad. Carlos Rizza. Sao Paulo: Summus, 1980. p. 109.

Transpondo essa reflexão para a narrativa, percebe-se que a personificação do amigo imaginário permite ao menino projetar seus desejos e aflições frente o mundo que o cerca, sua incomunicabilidade com o mundo adulto; o “amigo especial” vem preencher os espaços vazios de sua relação com a mãe e a avó, e a ausência do pai. Com o amigo imaginário ela passa por um processo de aprendizagem, (auto)conhecimento e crescimento interior, que o leva aos poucos a superar os problemas e deixar a fase do animismo.

A narrativa, no entanto, se constrói de tal modo que deixa ambígua a existência do elefante (real ou projeção do menino), provocando, dessa maneira, um vazio que age como elemento estimulador da atividade imaginativa do leitor.

A crítica à escola surge na incompreensão da professora, vinda do espaço urbano, em reconhecer como verdadeiros os animais de estimação das crianças do interior: gambás, lagartos, etc.

O tom coloquial, no discurso das personagens, acentua-se nas falas da avó de Lauro: ‘TSão se lembro dereito...Uma promessa.’(p.17)

Não há uma localização específica do ambiente da narrativa, mas a fábrica, com seus tecelões e o pó dos teares, remete-nos às confecções da região de Brusque, localizada no Vale do Itajaí, pólo têxtil do Estado.

As desigualdades sociais são retratadas na pobreza do lar de Lauro, nas tarefas realizadas pela mãe em um bar, na doença desta e na fila do INPS que ela enfrenta, questionadas pelo menino.

As relações de poder e a repressão ditatorial implícitas no desaparecimento do pai de Lauro, que estava engajado na luta operária, reivindicando condições melhores e mais justas de trabalho, também deixa um espaço vazio, não esclarecendo o fim da personagem.

A investida da polícia, “os homens” na casa de Lauro, à procura do pai, insere a obra de Maria de Lourdes Krieger “entre os textos que abordam a ditadura de extrema **direita**”¹³⁰ instaurada no País pós-64. O que para Celestino Sachet

¹³⁰ HOHLFELDT, Antonio. “Literatura para o Jovem de Hoje” h; KHÉDE, Sonia Salomao (org.). *Literatura Infanto^juvenil um Gênero Polêmico*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 90.

representa “um filio que fazia falta em Santa Catarina: o romance engajado, o romance cheiro-de-povo, o romance cheiro da terra. Melhor, cheiro de fábrica”¹³¹ o tom lírico-poético da narrativa, contudo, não se dilui ao apresentar os problemas sociais e políticos.

A narrativa termina quando o dia está amanhecendo e a chuva começa a cessar; a mãe de Lauro fala ao menino que ela e a avó “ Vamos cuidar mais de ti”(p.68). O menino, então, esclarece à mãe que gostaria de deixar seu elefante partir, A narrativa termina em aberto, mas com a perspectiva de esperança: -

O menino deitou-se e ficou pensando.

Ao longe, um som no silêncio da noite. Passos. Como de quem caminha, carregado de esperanças.

Lauro pôs-se alerta. E seu coração também carregou-se de esperança. (p.70) *

As relações de Lauro e a construção da narrativa são pontuadas de silêncio e ausências que apelam à vivência imaginativa do leitor.

Destaca-se, em *Segredos do Coração*, a quinta e mais recente novela da autora para o público juvenil, o inter-relacionamento de discursos diferentes, isto é, um discurso contemporâneo voltado para a realidade atual, ao representar os dramas de uma adolescente e a referência recorrente ao discurso dos contos consagrados como clássicos infantis (*A Bela Adormecida*, *O Príncipe Rã*, *Branca de Neve* e *O Patinho Feio*). A tessitura novelesca é estruturada por micronarrativas que se relacionam com uma macronarrativa que tem como elemento coordenador a personagem-narradora. A obra está dividida em cinco capítulos, que podem levar à leitura da estrutura invariante proposta por Vladimir Propp¹³². A apropriação de tal estrutura na elaboração dos títulos, contudo, subjaz um jogo de desmistificação.

¹³¹ SACHET, Celestino. “Um Amigo mais do que Especial”. In: jornal *o Estado*. Florianópolis: 06/08/81.

¹³² PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. trad. Jasna »^ch Sartian; Riode Janeiro: ed. Forense Universitária, 1984.

pois a narrativa não segue uma seqüência linear, fragmentando-se num vai-e-vem constante entre passado e presente, desestruturando a unidade de uma possível leitura proppiana¹³³

O primeiro capítulo, relatado por um narrador em terceira pessoa, obedece ao início das efabulações feéricas, indeterminando o espaço e o tempo: “Era uma vez um reino distante” (p.7)

O segundo capítulo recebe uma nova voz, que dará continuidade à narrativa agora em primeira pessoa: “Regina: esse é meu nome” (p. 11). A personagem-narradora assume o discurso feérico, ao contar seu nascimento de forma idêntica à da Bela Adormecida. No castigo da décima terceira fada surge o rompimento com o discurso alheio: “Desejou com a força da inveja e da rejeição: eu deveria nascer desajeitada. Magricela. Espinhenta. Sem graça ou beleza” (p. 12), e é desvendado ao leitor o segredo da personagem: o refúgio nos contos de fadas frente à difícil tarefa de crescer. Ao leitor, já inserido na construção narrativa, é apresentado um problema da realidade brasileira: a decadência da educação formal pela da instituição escola.

Não agüentávamos mais; desde a 4ª série, os professores viriam emjmrando objetos diretos e indiretos, complementos nominais e adjuntos goela abaixo. Ninguém entendia. Mas, também, ninguém explicava direito coisa alguma. (p.17)

Usar ou não sutiã, namorar o colega da classe, ciúmes, etc., são outros assuntos abordados, participando ao leitor a contemporaneidade da obra.

No quarto capítulo, ao se deparar com a perda da figura materna, a personagem retoma a imagem da Bela Adormecida; numa tentativa de fuga, o pai-esposo, como um príncipe, despertaria a mãe-esposa do sono profundo. O discurso alheio é tomado como citação;

133

Assim estão divididos os capítulos: “Do início provável”- situação inicial de equilíbrio (o nascimento de uma menina; ‘Espelho, espelho meu’- situação de desequilíbrio (o encontro de mfenondade da personagem); “Do encontro com os amigos”- provas (nos relacionamentos com os amigos a morte da mãe); “Do sonho de fuga” (os contos de fadas) e “Remcontro”- novo equilíbrio (superação dos conflitos).

Lá estava ela tão linda que o príncipe não conseguia parar de admirá-la. Curvou-se e deu-lhe um beijo. Quando ele a tocou com os lábios, a princesa abriu os olhos e, despertando, olhou-o feliz. (p. 37)

A personagem começa a questionar a existência dos auxílios mágicos.

Onde estão as mulheres sábias do reino, que não desfazem o encanto? (p.37)

Na beira de um rio beije um sapo, ele continuou sapo. Cadê meu príncipe encantado, cadê meus reis, cadê eu? (p.28)

A flexibilidade entre o imaginário e a realidade é uma característica comum à infância. A crítica ao mundo do faz-de-conta se dá na medida em que a personagem já tem 13 anos (“Como é difícil fazer treze anos!” p. 15), idade possível de compreender a complexidade do mundo. Por isso a (re)elaboração do discurso resulta num questionamento às soluções de evasão e conformismo promovidas pelas narrativas tradicionais, em que os problemas são resolvidos num passe de mágica. O equilíbrio relativo no final da narrativa - “Mas tudo bem: a vida é boa” (p.46) - supera o mundo do faz-de-conta, por meio das relações em que alegrias e tristezas têm peso igual, não apontando soluções, onde o real é inacabado.

Segredos do Coração, ao dialogar com textos já “habitados”, procura estabelecer uma visão de mundo diferenciada daquela proposta pelos textos absorvidos, ou seja, essas apropriações são feitas no sentido de contestar os valores que foram secularizados, pelos contos de fadas, e não para cultuá-los como verdade absoluta.

O livro *Nos Ombros Fortes de Papai* tem discurso narrativo construído em terceira pessoa, apresentando as reflexões do personagem-menino sobre seu pai. A imagem do pai é heroificada pela criança. A descrição do pai - alto, forte, valente-, ao mesmo tempo em que envaidece o menino, dá-lhe uma sensação de medo:

*È difícil ter um pai
tão valente.*

*tão incrível,
tão corajoso.
Até parece
que a gente tem de ser
corajoso igual.*

Esse pai, distante e forte, comparado às figuras do Super-Homem e do Homem-Aranha, acaba por desvanecer-se no dia em que o menino surpreende o pai chorando e faz uma descoberta: “PAPAI CHORA DE MEDO!” e descobre que gosta, também, desse pai nem tão alto, nem tão forte, mas do tamanho bom como o de qualquer outro pai.

Construído com uma linguagem simples e poética, sem termos complexos, a narrativa é propícia aos leitores iniciantes.

A crítica à convenção social que impõe ao homem o mascaramento dos sentimentos, muitas vezes ouvida da voz maternal “homem não chora”, também aparece em *Recordações de Um Agente Secreto*, só que na voz do pai:

-Heróis destemidos existem apenas em filmes - disse o pai - ou nos livros. Na vida real, um homem não consegue fugir a algum momento de tristeza, em sua vida (...) É preciso ser muito homem para aceitá-lo e lutar para superar todos eles. (p. 91)

O livro *Ana Levada da Breca* obedece a uma seqüência linear, narrada em terceira pessoa. A narrativa apresenta os conflitos de uma menina que, devido à interferência dos adultos, começa a mudar seu comportamento e imitar o alheio, o da prima Lia, “modelo de comportamento”, segundo a concepção dos adultos. Ana quebra as normas estabelecidas para o sexo feminino, nas brincadeiras infantis: brinca com os meninos, joga futebol, sobe em árvores... . Ao submeter-se ao poder coercitivo do mundo adulto imita a prima Lia, o modelo imposto/proposto pela sociedade: comportada, calada.

O narrador, ao longo da narrativa, coloca vários questionamentos ao leitor, para que este assumira um posicionamento crítico frente ao problema da personagem:

*Ana também era carinhosa,
mas de um jeito especial.
Precisa todo mundo ser igual? (p. 10)
(...)
Então a gente perde tempo em brigar por
coisas bobas com quem a gente não gosta? (p. 11)*

As perguntas, que ficam em aberto ao leitor, oportunizam a interação leitor-obra. A antiga uniformização das idéias é substituída pela convivência dos contrastes entre as personagens, rompendo a moral dogmática, em que o bem é premiado e o mal castigado. Ana supera o conflito ao deparar-se com o seu eu como diferença e não como defeito.

Em *Irmão-Sanduiche*, Leonardo, o personagem-menino, conta as suas peripécias, ao ser criado como irmão-saduiche, irmão do meio; espremido pelos dois lados, entre as gracinhas de Rodrigo, o caçula, e as espertezas de Aminho, o mais velho, sente-se rejeitado e foge de casa. Na fuga, que se resume a um quarteirão, ele encontra seu irmão mais velho com outros colegas e descobre, por meio de Bruno, amigo do irmão, que existem outros *sanduiches*.

Eu também pensava que era esse tipo de irmão. Mas pensava que todo mundo come um sanduiche pela carne, ou queijo, ou presunto, e me sentia o pão: um lixo. Daí descobri que é o pão que segura tudo dentro dele, pro gostoso não fugir ”.(p.38)

A turma acaba indo para a lanchonete do avó de Leonardo, e a garotada começa a contar da fiiga e seu motivo; ser irmão-sanduiche. Ao ouvir a expressão, o avô retoma o início da história;

- Vou contar. Quando ouvi, a primeira vez, eu era assim pequetinho. - Ele se endireitou: - Eu conhecia irmão. Muitos. Eu conhecia sanduiches. Muitos, (p.46)

Nesses últimos três livros, a ilustração participa ativamente da história, como que complementando, numa interação mútua, texto-imagem. Na primeira, a

figura do pai, contrastando com a pequenez do filho; em *Ana*, as duas imagens da diferença. Ana e Lia; em *Irmão-Sanduiche*, o jogo da construção de um sanduíche com partes humanas, ou um humano envolto por um sanduíche.

Os três primeiros textos apresentam similitudes nos seguintes aspectos:

- A estrutura narrativa não obedece a uma seqüência cronológica linear: em *Recordações*, o diário relatado após os acontecimentos, remete a atos distantes do dia; em *Vm Amigo Muilo Especial*, entre a noite chuvosa e o amanhecer do dia, quando a chuva cessa, descortina-se a vida do menino Lauro; em *Segredos do Coração* o discurso se fragmenta entre passado e presente da personagem, entre o remoto e o contemporâneo das narrativas feéricas.

- A tematização de problemas existenciais dos adolescentes, ao criar dentro do ficcional situações referentes aos conflitos interiores dos adolescentes, propicia a identificação e as projeções dos leitores;

- O questionamento de valores sociais, não só no espaço familiar, como no social (escola, comunidade, amigos);

- A relação conflituosa entre adultos e adolescentes: a incompreensão do adulto é levantada nos três textos;

- A inserção da discussão entre o real e o imaginário: As relações simétrica e assimétrica entre o cinema e a vida, a ficcionalização do amigo imaginário e as narrativas dos contos de fadas.

Os outros três textos igualmente apresentam traços comuns:

- As narrativas são curtas e obedecem a uma ordenação cronológica linear;

- Tematizam-se mais os problemas existenciais, envolvendo sobretudo a relação da criança com o adulto, dentro do ambiente familiar;

- Os valores sociais questionados em *Ana Levada da Breca* e *Nos Ombros Fortes de Papai* dizem respeito às relações de gênero - as imposições das convenções sociais à mulher e ao homem.

Com exceção de *Recordações de Um agente Secreto*, ambientado em Brusque, as narrativas não evocam lugares específicos.

Característica comum, nas seis narrativas é o fato de trazerem como personagens principais crianças ou adolescentes, prática constante na literatura infantil e juvenil, a partir da metade do século XIX¹³⁴

¹³⁴ZILBERMAN, Regina. “A Literatura Infantil e o Leitor”, op. cit., p.87.

3.3 A Voz e a Vez do Leitor

*Aquele que escreve cartas
não apenas cola selos
num envelope de nuvens
lançado sobre o horizonte.
Espera que quem recebe
saiba ler na linha d'água
a sede do eterno instante
e jorre afeto e resposta
num diálogo de fontes.*

Affonso Romano de Sant'Anna

Doravante, centrar-nos-emos na voz do leitor, seu testemunho de leitura por meio de cartas à autora. Não falamos aqui da carta como gênero literário, a epistolografia, difundida a partir do século XVII. Os emissores são leitores comuns, que oscilam entre a formalidade e a intimidade. Não são diálogos tramados pelas epístolas de homens famosos, ligados ao fazer literário, que acabam por se constituir como gênero, como os 45 anos de correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, reunidas em *A Barca de Gleyre*-, Mário de Andrade, Graciliano Ramos também tiveram suas cartas publicadas; Hemingway, Virgínia Woolf, Thomas Mann, Flaubert, e tantos outros nos dão testemunhos de sua época e de suas leituras.

As reações dos leitores comuns, destituídas do profissionalismo e da técnica dos críticos literários e do literato, avultam como elemento importante e legítimo da relação comunicacional, viva e dinâmica, estabelecida entre o texto literário e o leitor.

As correspondências, iniciadas no segundo semestre de 1979, encontram-se arquivadas cuidadosamente pela autora. Tínhamos consciência do material riquíssimo que estava ao alcance das nossas mãos; era preciso “chegar mais perto”, como lembra Carlos Drummond de Andrade¹³⁵, “e contemplar as palavras: cada uma tem mil faces sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível que lhe deres: trouxeste a chave?”. Não se tratava da palavra literária, mas era a palavra sobre a palavra literária; que chave usaríamos para penetrar nesse intrincado labirinto de **mostra/esconde**, **Latentes** palpitações, apresentavam-se os testemunhos. Como as palavras constituídas de mil faces, mil faces de leitores que convidavam a desvendar um discurso em nada neutro. Entre tantas correspondências, o perigo de se perder num labirinto; daí a necessidade de seleção. Como selecionar o testemunho de x em detrimento do de y?»

Questão aos poucos resolvida, em razão de outras questões pontuadas pelos próprios discursos dos leitores.

Quem são esses leitores? Em sua maioria, são crianças e jovens em idade escolar, e as leituras dos textos literários são realizadas como dever/ atividade regidas pela instituição escola. O testemunho do adulto surge na figura do professor e de homens e mulheres que, desvinculados da escola, encontram na leitura do texto literário uma porta de comunicação para o prazer estético. A caracterização desses leitores fica restringida às suas próprias informações, facilitadas por aqueles que mantiveram correspondência mais assídua.

A comunicação origina-se de três formas;

1. Por iniciativa individual do leitor, que se dirige à autora.
2. Por atividade escolar, orientada pelo professor.
3. Sem relação com a instituição escolar, o leitor tem contato com o livro e

O desejo irremediável de relatar sua experiência de leitura.

No primeiro caso, temos exemplos de leitores que acabam desencadeando outras correspondências dos colegas de sala, ao mostrar a resposta da autora. No

¹³⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. “Procura da Poesia”. In: *Antologia Poética*. 3.ed. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1963. p. 186-187.

segundo, o próprio professor se dirige à escritora, propondo a atividade. Em terceiro, uma aproximação e identificação com a leitura leva o leitor a comunicar-se com a autora do texto.

Nos dois primeiros encontram-se muitos leitores que se tornam correspondentes, após a atividade escolar realizada.

O emissor é uno, o autor. Mas no caso do destinatário, que virtualmente obedeceria a uma regra geral da literatura infantil e juvenil, desvanece para dividir-se em três tipos; a criança, o adolescente e o adulto, ultrapassando os estreitos limites do público específico.

Tentamos, assim, revelar as condições de recepção do texto literário e as de produção dos enunciados, no caso, as cartas. Com o objetivo de penetrar na relação comunicacional estabelecida entre leitor, obra e autor, buscamos, por meio das cartas, observar como o leitor encara a aproximação com o autor, quais são suas expectativas frente à obra, como acontecem a identificação com as personagens e as suas projeções; como o leitor age fi-ente às estratégias textuais e que papel a escola desempenha nessa atividade.

Adotamos como sistemática a apresentação do primeiro nome dos leitores - porque, apesar de termos a autorização da autora, não entramos em contato direto com os leitores - idade, série escolar, local e data da emissão da correspondência, bem como o do livro que tiveram acesso. As cartas foram transcritas independentes de correção, divididas em subtítulos que nos parecem abarcar a maior incidência de reflexões por parte do leitor.

A (des) mitificação do autor

A imagem do autor, como ser dotado de uma genialidade incompatível ao homem comum, promulgada a partir do Romantismo, continua engendradora na cabeça dos leitores, que se aproximam do escritor como de um ser especial. Se os verbos ler e escrever fazem parte da mesma moeda, na medida em que aquele que

escreve pressupõe um lei.or - cria uma imagem do possível lei.or-, também o leitor. e por que não, idealiza aquele que escreve.

Nágina, 14 anos e Eliana, 13 anos, leitoras de *Recordações de Um Agente Secreto*, alunas da 7* série do I grau. em Jundiaí. São Paulo; escrevem à autora movidas pela colega Liliana. e falam da importância do contato leitor-autor, em carta de 11 de agosto de 1980;

Achamos que o fato de você haver colocado seu endereço para correspondência muito legal, pois acreditamos que o contato com o autor é muito importante, pois um livro não deve ficar somente entre o começo e o fim, por isso vamos direto a uma perguntinha: - Como e que surgiu a ideia de escrever "Recordações"?

As leitoras apresentam uma reflexão amadurecida frente ao contato com a obra. partem da leitura do texto literário para o questionamento da sua criação pelo escritor. Observando que, por trás da obra concluída - início e fim-, anteriormente houve uma atividade de elaboração, daí a pergunta de como surgiu a idéia, o insight, para escrever o texto.

Em 18 de março de 1981, o leitor Paulo Henrique, de 13 anos de idade, aluno da 7* série do I grau em São Bernardo do Campo - São Paulo, leu o livro *Recordações de Um Agente Secreto*, por indicação de sua professora. Os alunos foram orientados a fazer a biografia, com as principais obras da autora. O leitor pede socorro à autora, prometendo que;

Quando terminar de ler o livro lhe mandarei uma carta com a opinião de minha classe e a minha sobre seu livro.

O contato do leitor com a autora, embora tenha ocorrido espontaneamente, foi abrupto, na medida em que o leitor criativamente tentou resolver seu problema escolar recorrendo à escritora. Criativo no sentido em que o leitor poderia ter ficado nas informações (irrisórias) contidas na contracapa do livro.

A autora, ao responder à carta do leitor, desencadeia um processo de troca de 34 correspondências, de 10 de abril a 20 de maio de 1981, com a mediação da

professora. O ponto de referência de todos os leitores é o colega Paulo Henrique. Informados pela autora (bibliografia) sobre o livro *Um Amigo Muito Especial*, os alunos o lêem e alguns se correspondem com a autora, em novembro do mesmo ano.

A leitora de *Recordações de Um Agente Secreto* Silvia, de 16 anos de idade, natural de São Paulo, deixa transparecer a dificuldade dessa aproximação, as limitações e a quebra da própria espontaneidade, em carta de 27 de junho, de 1983:

Percebo como é difícil uma correspondência com escritores. Logo vem aquele receio, aquela coisinha de, será que ela vai me responder? E também a preocupação com a caligrafia e ortografia.

Dois motivos dificultam a aproximação; o primeiro diz respeito à expectativa entre o sim ou não da resposta e o outro à preocupação de apresentar um texto legível e bem escrito. As desculpas quanto à caligrafia e à ortografia são uma constante nas cartas analisadas. Quem de nós já não titubeou ao redigir uma carta e ficou indeciso quanto ao pronome a utilizar? Tu: informalidade, proximidade. Pronomes de tratamento: formalidade, distanciamento. Essa dúvida é uma fi-eqüente em todas as cartas pesquisadas, quer sejam de leitores crianças, jovens e adultos.

Paulo Sérgio, de 14 anos de idade, cursando a 8^a série do I grau, natural de Urupês, “cidade pequena do interior do Estado de São Paulo, próximo a São José do Rio Preto”, escreve, em 19 de março de 1984, sua segunda correspondência, agora motivado pela resposta da autora;

Você deve compreender que há muita curiosidade a respeito da vida de uma pessoa que escreve livros, então Lourdes, eu quero que você conte, como é sua vida no dia-a-dia? Os problemas, as alegrias, etc, que encontra pelo caminho, tá legal?

Frente à resposta da autora, a aura se dilui e instaura-se a curiosidade em relação à vida cotidiana da autora, revela-se o desejo de comprovação do leitor frente à concreitude do autor, ser este um ente de carne e osso, com problemas, dificuldades. Com vida comum à dos mortais.

Bruno, natural de Cotia - São Paulo, 14 anos de idade, leu o livro *Recordações de Um Agente Secreto* por intermédio de um amigo, mantendo correspondência com a autora, de 04 de janeiro de 1993 a 21 de maio de 1994; em sua segunda carta, datada de 16 de fevereiro de 1993, escreve;

Recebi sua carta com muita alegria surpresa. Surpresa, você não foi a primeira que eu escrevi, comentando a obra em questão e o autor(a). Você foi a nona escritora que eu escrevi. E a primeira a responder..

A surpresa do leitor Bruno frente à resposta da autora parte de suas experiências frustradas em tentar contato com outros escritores. A autora perde a forma sobre-humana e distante; segundo o leitor, sua carta deixa transparecer “a humanidade e a simplicidade que fazem parte de sua pessoa”.

Cristiane, 13 anos, estudante da 8^a série do I grau, Guarulhos, leitora de *Segredos do Coração*, em 26 de fevereiro de 1993, diz;

Eu gostaria muito de ser correspondida, eu sei que sou apenas uma criança e talvez você nem leia esta carta, ou se ler não virá a responder, mas pelo menos eu tentei.

A leitora anseia por atendimento individualizado (ser correspondida), merecer atenção. Ser “apenas uma criança” na opinião da leitora dificulta a relação e talvez impeça a correspondência com o escritor aureolado; no caso, o adulto e um leitor iniciante. Sua experiência de vida, possivelmente, a faz pensar assim, a impossibilidade de uma relação via carta com um adulto.

Quebra de expectativas

O leitor, ao se aproximar do texto, traz suas disposições individuais, seu referencial literário, lingüístico, social e ideológico. O texto literário pode confirmar como desestruturar as expectativas do leitor. Nas cartas analisadas

relativas a essa questão, encontramos depoimentos de desapontamento, surpresa e reflexão frente à quebra das expectativas.

Em 13 de setembro de 1985, a leitora Débora, de 13 anos de idade, estudante da 5ª série do I grau em Canoas - RS, escreve, comentando sobre o livro *Um Amigo Muito Especial*, que retirou por empréstimo na biblioteca escolar.

Só não apreciei foi os tipos de algumas palavras que a senhora usa neste livro. Acho que nomes feios não nos levam a nada, não nos eminuñ, nem nos transmitem coisa alguma. É a primeira vez de cinco anos que estudo, que leio um livro com palavrões em seu conteúdo. No colégio o ensino sempre foi contra nomes feios. Aqui o aluno que fala palavrões é levado para uma sala para conversar e reconhecer seu erro com um professor, que cuida da disciplina do colégio

O testemunho da leitora elucidava o estranhamento frente às convenções constituídas pelo seu horizonte de expectativas, tanto no que diz respeito aos fatores lingüísticos, literários, sociais e ideológicos. No primeiro aspecto, a narrativa rompe com o padrão da norma gramatical privilegiada na sua vivência escolar, o que coincide com as outras leituras de textos literários, com que a leitora manteve relação em cinco anos de vida escolar. Socialmente, a leitora está inserida numa hierarquia, no caso a instituição escolar, em que o mais experiente - um professor - reprime os vocábulos considerados palavrões, “nomes feios”; sendo assim, a leitora está presa pelos valores ideológicos de seu contexto social. São poucos, no entanto, os vocábulos no texto que podem ser considerados palavrões. Entre eles; “De tanto rir, não olhou direito onde pisava; enfiou o pé direito numa bosta de vaca” (p. 14); “Esse menino tem bicha, ele vive na privada” (p. 16); “Não é xixi, não posso fazer da porta” (p.23); “vai encher o quarto de catinga de cocô” (p.23). A linguagem usada pelas personagens nos diálogos está dentro de um conjunto de expressões familiares no contexto social da narrativa, que diverge do meio em que convive a leitora.

Na mesma linha, encontra-se a correspondência coletiva de seis leitoras; Adalgisa, Andressa, Kallyeane, Isabel, Laniza e Lisiane, estudantes em Campina

Grande (Paraíba). O texto da carta não traz dados específicos das leitoras, quanto à idade ou série escolar, mas informa quanto ao contato com o livro *Segredos do Coração*, adquirido “para realizar uma tarefa escolar”. Emitida em 4 de maio de 1992, retiramos para análise o seguinte comentário, que parece significativo;

** O fato do livro terminar ainda dizendo que Regina era espinhenta e outras coisas.*

** Ela não terminar com Felipe.*

** Falar tão pouco de seu pai.*

** E ainda no fim sua tia não a compreender.*

Apesar dessas observações gostamos da fantasia. Tem muito a ver com a vida (pessoas maldosas como Parca, ansiosa e cheia de desejos como Regina. E muita rejeição).

Sabe-se que o livro em questão apresenta, em sua tessitura narrativa, o diálogo com os contos de fadas; contudo a autora se distancia dos valores ideológicos, sociais e culturais das narrativas primordiais, com a inserção de um contexto contemporâneo; os enfrentamentos da personagem adolescente, suas perdas (a mãe, o reino encantado, a infância) e seus achados (os amigos, a realidade e a adolescência).

A relação paradoxal - imaginário e verdade, ficção e realidade - é compreendida pelas leitoras, que percebem na trama ficcional a inserção de atitudes e atos presentes no mundo além do ficcional.

Munidas das referências literárias dos contos de fadas, as leitoras exigem da autora a vinculação às normas tradicionais dessas narrativas, que terminavam com o enlace dos pares amorosos (Regina e Felipe não ficam “juntos”, “felizes para sempre”). A representação de Regina (pele espinhenta) não condiz com o ideal de beleza (pele alva e macia) dos contos de fadas, em que todos os problemas têm soluções agradáveis.

A pouca caracterização da personagem pai, adulto e masculino, é referida pelas leitoras como ausência que deveria ser completada. A incompreensão da tia, outra figura adulta, também é destacada pelas leitoras. As leitoras abordam, assim.

a mediação do adulto no mundo do criança e do adolescente, exigindo a sua presença (pai) e compreensão (tia).

Para Marisa Lajolo¹³⁶ os textos contemporâneos direcionados para o público infantil e juvenil apresentam modelos condizentes e tolerados pela escola atual; no entanto, percebe-se que uma visão conservadora ainda permanece, apesar de a sociedade contemporânea já aceitar alguns valores e comportamentos liberais concedidos à criança. Os dois depoimentos abaixo, sobre o texto *Ana Levada da Breca*, confirmam o quanto ligados ainda estão os leitores aos modelos instituídos em tempos não distantes;

A leitora Luiza, aluna da T série do I grau em Campos de Goitacazes, Rio de Janeiro, escreveu em 8 de outubro de 1991;

Eu acho que Ana para ser feliz não precisava deixar de brincar de bola de gude, bola. todas as brincadeiras de menino, pois menino e menina podem brincar juntos. Eu acho que ela precisava para ser feliz era apenas ser uma boa menina como Lia, isto é não brigar com o irmão, cuidar mais dos seus cabelos, pois uma menina deve estar sempre bem cuidada e arrumada.

Conflitante é o testemunho da leitora. Percebe-se que concorda com as brincadeiras entre meninos e meninas; que elas não precisam ser diferenciadas; que valores e comportamentos outorgados pela sociedade contemporânea aos poucos, vão concedendo ao sexo feminino espaço nas brincadeiras instituídas como masculinas; jogar futebol, brincar de bolinha de gude, etc. Por outro lado, discorda do aspecto comportamental de Ana - brigar como irmão e cuidar de seu aspecto físico - “Pois uma menina *deve* estar sempre bem cuidada e arrumada”. O verbo “deve” assinala como obrigação do sexo feminino “estar sempre bem cuidada e arrumada” para o outro, o masculino.

Acredita-se que o texto em questão, *Ana Levada da Breca*, questiona as convenções sociais apontadas de alguma forma pela leitura de Luiza. Parece relevante apresentar as interrogações da leitora Ana Cristina, do município de

¹³⁶ LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura*, q).cit., p.69.

Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, na correspondência de 11 de novembro de 1992, que vem corroborar nosso pensamento;

Olha não queria mandar certamente opiniões sobre Ana ou Lia, só gostaria de lembrar que realmente toda criança é tão ou mais levada que a Ana mas que bem no fundinho o modelo de filhos que nós queremos, é o do tipo da Lia; "quietinha", educada, etc... Você acha que uma criança pode ser assim, sem ser comparada a uma "vaquinha de presépio"? Sem se sentir tão tristonhazinha?.

A leitora percebe a contestação e a tentativa de ruptura que o texto deseja, ao apresentar a criança travessa, capaz de questionar seu papel social, mas reflete que o modelo interiorizado e desejável socialmente é outro; nessa contrapartida, a leitora levanta questões que deixa em aberto para outras leituras; que modelo de criança se quer? Aponta, talvez, o distanciamento entre a teoria e a prática. Teoricamente se sabe que a criança é dinâmica por natureza, mas na prática o modelo condizente é outro.

A reflexão à relação de gênero presente em *Ana Levada da Breca* frente ao papel feminino reaparece na narrativa de *Nos Ombros Fortes de Papai*, agora na figura masculina, que também recebe um papel a cumprir na sociedade dos “homens não choram”.

Sabrina, aluna da 5-^a série do I grau, em Brusque, escreve em 24 de junho de 1992;

O seu livro “Nos Ombros de Papai”, fez lembrar que às vezes nós também não enxergamos as coisas pelo outro lado, assim como Lauro reagiu quando viu seu pai chorar.

O texto aponta o “outro lado” como nos fala a leitora; as coisas não são estanques, os sentimentos também não o são. Tudo tem dois lados e a nós cabe a tarefa de saber olhá-los. A leitora reflete sobre a desautomatização do olhar, por consequência das normas.

Jaíson Lona, aluno da 5^ª série do I grau na cidade de Brusque, escreveu para a autora, em 15 de junho de 1992:

Seus livros são muito bons porque envolve um pouco de cada um, achei como seu melhor livro o livro "Nos ombros fortes de papai" pois fala de que uma criança acha o medo de não crescer como seu herói mas ve que aquele herói não é aquilo que pensava ser mas uma pessoa que tem sentimentos, que pode chorar, ter medo de alguma coisa.

// A imagem feminina de *Ana Levada da Breca* e a idealização da imagem paterna em *Nos Ombros Fortes do Papai* são questionadas, fazendo com que os leitores reflitam e tomem uma posição. Não se opera um mero reconhecimento do já conhecido, mas se realiza uma despragmatização das normas familiares e sociais.

As estratégias textuais: os vazios no texto

As estratégias utilizadas pela autora, na construção de *Um Amigo Muito Especial*, deixam em suspenso informações que provocam seus vazios, tais como a fragmentação do discurso, ora dirigido por um narrador onisciente, ora pelas lembranças da personagem Lauro e seu conflito entre o passado vivido com o pai e o futuro, a esperança de sua volta, interrompendo a coerência do texto. O desaparecimento do personagem pai, implicitamente remete ao processo ditatorial e de censura do período militar - lembrar-se de que o texto foi escrito em 1980, anterior à reabertura democrática no País.

Os esquemas do texto (estratégias) trabalham com dois pontos na construção de imagem pelo leitor: um que apela para o conhecimento existente, outro que oferece informações específicas em que a intenção do objeto não dado exige a sua representação 137 A operação exigida do leitor, no entanto, não se processa de forma idêntica, fato que se pode observar nas seguintes correspondências:

137 ISER, Wol%ang. "A Interação do Texto com o Leitor", qj.cit.

Edmar, estudante da T série do I grau em São Bernardo do Campo, já havia escrito, em 10 de abril de 1981, sobre *Recordações de Um Agente Secreto*; escreve à autora, em 12 de novembro do mesmo ano, com dúvidas, na dificuldade de preencher os espaços vazios do texto *Um Amigo Muito Especial*.

Eu gostaria que você me mandasse uma carta com a resposta, me falando o que aconteceu com o pai de Lauro, pois no livro todo Lauro falava que gostaria que seu pai voltasse, e Lauro sempre se lembrava dele, mas no livro não fala para onde o pai de Lauro havia ido. A outra dúvida que eu tenho, é que se no final nós mesmos teríamos que terminar, se não for para terminarmos, gostaria que me dissesse o que iria acontecer.

A estratégia textual do final em aberto de *Um amigo Muito Especial*, percebido pelo leitor, deixa em suspenso sua expectativa em relação a um final concluído, ao despertar dúvidas em relação ao destino das personagens. O leitor, no entanto, busca uma resposta na autora, como se somente essa pudesse dar o fecho “correto” à narrativa. O leitor quer obras de estruturas plenamente explicitadas, enquanto a autora trabalha com final aberto, uma característica da narrativa moderna, um texto repleto de vazios e indeterminações que desafiam o leitor.

Na mesma linha é a carta da leitora Mara Marly, 13 anos de idade, aluna da 7ª série do I grau em Santo Amaro, São Paulo, cuja carta, de 22 de novembro de 1983, comenta;

D. Lourdes eu não entendi direito o que aconteceu com o pai de Lauro, sei que ele queria que todos tivessem os mesmos direitos, mas qual foi o seu fim?

A interrupção da coerência do texto e a fragmentação do discurso pelo narrador deixam implícitos o destino da personagem pai. As referências sociais e culturais encontradas na narrativa, que poderiam levar o leitor a elaborar o destino da personagem, não encontram eco nas vivências da leitora.

As dificuldades da leitura dos vazios muitas vezes são superadas com a ajuda do adulto, como nos relata Silvia Renata, aluna da T série do I grau em São Paulo, em correspondência do dia 30 de agosto de 1983:

Depois de trocar ideias com papai (que também leu sua obra) entendi parcialmente o significado da luta do pai e avô de Lauro.

A leitora necessita da mediação do adulto, no caso específico o pai, também leitor do texto, que vai auxiliá-la quanto às referências sociais, necessárias para legibilidade da ausência da personagem pai.

A leitora Ana Izabel, aluna da I^a fase de Enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina, leu o livro por sugestão da professora de Língua Portuguesa, apesar da “surpresa com o gênero indicado”, e teve contato com a autora, em debate promovido pela mesma professora, escrevendo depois à autora, a 10 de novembro de 1981:

Há muitos pontos do livro que se tomam 'subentendidos', deixando margem para que pensemos a respeito. Gostaria de saber se numa composição (redação, conto, romance, etc), esse aspecto de 'entre linhas' torna o que escrevemos mais interessante?

A leitora apresenta uma visão mais crítica a respeito da construção narrativa, em relação aos leitores do I grau, visto que seu repertório de leitura é possivelmente mais amplo. Sua leitura e questionamento implicam exatamente com as estratégias utilizadas pela autora, que tomam implícitas algumas questões. A troca de idéias se dá no intuito de desvendar o fazer literário, que é de interesse da leitora, por sua propensão para escrever. Outro recorte se faz elucidativo da relação leitor, obra e autor:

Creio que talvez os autores dos livros, sintam-se motivados com a opinião dos leitores que se comunicam com eles.

Percebe-se que o preenchimento dos interstícios, os vazios, que para Iser deve resultar efetivamente no processo comunicacional entre obra e receptor, não

se processa de forma linear. Pois vai depender da experiência de leitura e da forma como o leitor constrói o mundo que o texto lhe apresenta.

A carta de Sandra Aparecida não traz identificação pessoal da leitora, mas ela está inserida no segundo grupo de leitores de São Bernardo do Campo, em 13 de novembro de 1981:

Eu achei um detalhe muito importante que você expõe no seu livro, que foi a época difícil de muita luta, saiba também que ao começar ao hr o livro eu achei uma frase se eu não me engano, foi quando o pai de Lauro dizia mais ou menos assim: - Se todos se unirem a lei será cumprida. Sabe, isso me lembrou a época das greves aqui, em que os metalúrgicos se uniram e conseguiram o que queriam.

A leitora interagiu sua vivência em São Bernardo do Campo, foco de reivindicações dos trabalhadores metalúrgicos no início da década de 80, com a leitura do livro, que não define o ambiente, mas fala da luta de um trabalhador por melhores condições de trabalho. Dessa forma, a transposição do ficcional para dados de sua vivência, da realidade que o cerca, faz com que o leitor interaja com o texto lido.

As estratégias textuais utilizadas na narrativa de *Um Amigo Muito Especial* acabam por gerar questionamentos dos leitores. As indeterminações e vazios deixados no texto, a problemática do final em aberto, a ambigüidade da linguagem literária, as sugestões entrelinhas, foram constantes nos depoimentos citados. Ora como reconhecimento da elaboração literária, ora como incapacidade de compreensão do texto.

Se pensarmos que as narrativas fechadas, prontas, resultam numa linguagem autoritária, com tendência a impor à criança e jovem à submissão e, que, as narrativas em aberto, ambíguas, com vazios exigem maior participação do leitor; pois ele acaba por atuar como co-produtor do texto; por que tantas dúvidas por parte do leitor? Pelas vozes dos leitores, percebe-se que os textos fechados, prontos e acabados fazem parte de suas vivências leitoras, pois sentem dificuldade em entrar no jogo imaginativo do texto inconcluso.

O leitor que lê e se vê, ao se ver, escreve: a identificação

A representação das personagens (João Oscar, Regina, Ana, Leonardo) gira em torno de suas ações em busca pela afirmação da individualidade, sua identidade no contexto social; contrária as narrativas que destacam o comportamento das personagens. Nesse sentido a trama ficcional colabora para o enriquecimento do leitor como indivíduo, representando conflitos próximos da sua vivência

Na identificação com a personagem é a representação do Outro, que não é o leitor, mas apresenta comportamentos próximos aos seus, que lhe permite interagir com o lido e o vivido, provocando uma rearticulação na realidade extratextual. A identificação se processa não pela norma transmitida pela personagem - prática das narrativas tradicionais, mas por seu comportamento fi-ente aos obstáculos.

Liliana, estudante em Jundiaí, São Paulo, leu o livro *Recordações de Um Agente Secreto*, escolhido numa relação de livros indicados pela professora, e escreve, em 22 de julho de 1980:

Sabe eu fiquei tão envolvida com o livro que perdi até a minha novela predileta. É incrível como você entende nossos pequenos problemas de adolescente, entende até mesmo a chateação do domingo. Eu e João Oscar temos muitas coisas incomum, nosso diário secreto, gostamos os dois de James Bond e até mesmo o outro eu..

Um enunciado marcado pela relação conflituosa e bastante debatida: a leitura e a televisão. Se lermos em voz alta, percebe-se um tom de admiração da leitora em ter “perdido” “até” o seu programa televisivo. Gostaríamos de crer que ela tenha ganho com a perda. As identificações com o diário e James Bond nos remetem a contextos extratextual do período: o registro no diário e os filmes de James Bond fi-quentes no cinema e televisão nessa década. “O outro eu” não é datado, faz parte de uma curiosidade comum ao ser humano.

Luiz Henrique, aluno da 7^a série do I grau, em São Bernardo do Campo, escreve, em 10 de abril de 1981:

Vou confessar uma coisa, toda vez que lia um capítulo, me dava um nó na garganta, ou então, uma alegria muito grande, e começava a rir (minha mãe perguntava-me se o livro era tão bom assim e eu respondia-lhe que sim). Mas eu acho que Recordações de um Agente Secreto, é um livro recomendável à qualquer um, ensinando o que ensina todos deveriam lê-lo.

O depoimento do leitor deixa vir à tona o seu envolvimento emotivo com o livro na realização da leitura. O extravasamento do efeito da leitura se dá pela resposta à mãe.

Regina Antonia, 13 anos, aluna da 7^a série do I grau em São Bernardo do Campo, escreve, em 19 de maio de 1981, sobre o livro; *Recordações de Um Agente Secreto*:

Eu ainda ã tenho idade o bastante para criticar um livro de autora famosa, ótima autora como você, mas gostei demais desse livro, tem muita ação e eu gosto disso sabe? O principal personagem o João Oscar, é um menino de 12 anos, que pela sua idade é inteligente e quer ser compreendido pelos pais, aliás, isso eu também quero. As vezes estou falando com meus pais e eles deixa eu escutar a televisão depois você fala. Eu ã sou tão mais velha que João Oscar tenho apenas 13 anos e com essa idade meus pais dizem que sou criança ainda que estou cheirando leite! Eu acho engraçado, porque que para uma coisa sou criança e para outras sou velha demais ou já estou na idade, por exemplo, pra namorar sou criança e para fazer serviço em casa já está na hora. Sabe?, às vezes fico triste com meus pais por eles me tratarem como criança. Nessa fase de adolescência nós passamos por cada apuro!!! (...) Acho isso de pai ou mãe ou outra pessoa adulta ã acreditar nos adolescentes é ruim, desse modo nós nos sentimos diminuídos e que ã crescemos ainda. Adorei seu livro porque ele nos disse a verdade a respeito da incompreensão dos pais a respeito de seus filhos adolescentes.

No primeiro parágrafo a leitora retoma assuntos já refletidos, como a inferioridade de ser criança, e por isso não ser levada a sério, principalmente suas críticas frente a um texto literário; no entanto, demonstra o despertar de seu espírito crítico ao externar preferência pela narrativa que “tem muita ação”.

O texto se comunica de imediato com a leitora, ao representar um personagem com os mesmos problemas: a incompreensão dos pais. A leitora quer ser valorizada, compreendida pelos pais. Confissões de adolescente, provocadas por sentir na personagem um modelo mais definido, mais decidido, que enfrenta seus problemas e é “considerado gente”. A Projeção da narrativa para o cotidiano do leitor, aparece na insistência da leitora em afirmar que, também, sente-se incompreendida pelos pais.

Elaine Cristina , 12 anos, estudante da 7^a série do I grau, em Joaçaba, Santa Catarina, ao ler o livro *Segredos do Coração*, escreve, em 11 de março de 1994;

No começo pensei que era um reino, como mostra no primeiro capítulo, mas depois que fui lendo, percebi como era e descobri que tinha algo haver comigo: eu me acho feia, magricela, nariguda, cabelo espantado, perna torta, mas minha mãe, meu pai e meus três irmãos sempre fizeram com que eu me achasse linda, uma verdadeira "princesa"; também em partes do livro, como a parte que fala que Regina não gostava de Português, da análise sintática, dos objetos diretos e indiretos, eu também não gosto muito disso. Sinceramente, teve partes que eu quase chorei, meus olhos se encheram de água, e eu não sei porque, me deu um aperto no coração.

A leitora percebe as inovações utilizadas na construção da narrativa, que joga com a repetição dos elementos literários tomados dos contos de fadas e as normas selecionadas na realidade extratextual, que lhe aproxima da personagem adolescente. Aponta como ponto em comum com a personagem o desengonçamento da adolescência e as atividades escolares. A leitora se envolve emocionalmente com a narrativa.

Marianah, natural de Curitiba (PR), em 19 de julho de 1994, escreve, a propósito do livro *Irmão-Sanduiche*:

Eu adorei seu livro! Ele conta uma história muito legal. Vou te contar uma coisa eu sou irmã-sanduiche pois tenho entre mim dois meninos o Tiago e o João, vou te fazer um pedido, que você fizesse o livro irmão pão que é o maior! Ou irmão alface. Para formar um tipo de uma coleção de livro, pois sei que quase ninguém lê mas só sei que eu te curto de montão.

A leitora ousadamente dá sugestões de produção literária; fazer uma coleção com a temática do irmão-sanduíche, possivelmente influenciada por coleções de livros, prática editorial muito freqüente para o público infantil e juvenil; sua sugestão advém de conquistar outros leitores “pois sei que quase ninguém lê”, demonstrando uma consciência crítica.

Na identificação com as personagens, um fato é bastante claro quanto às impregnações de uma formação social machista; as meninas admitem a identificação com personagens masculinos, o que não acontece em relação às cartas dos meninos; por isso, talvez, tenhamos encontrado pouco testemunhos masculinos de identificação com relação a *Ana Levada da Breca* e *Segredos do Coração*, narrativas que trazem personagens femininas como protagonista. Já as meninas identificam-se com as atitudes e conflitos de Leonardo ou João Oscar, como se soubessem que essa identificação não interferirá na sua feminilidade; isso não ocorre, assim parece, em relação aos meninos.

Na maioria das leituras se processa a modalidade catártica, pela identificação imediata do leitor com a personagem. Em alguns depoimentos a catarse se restringe à liberação das emoções; em outras, leva o leitor a uma reflexão e análise sobre o representado.

Se retomarmos as colocações de Hans Robert Jauss, de fruição compreensiva e compreensão fluidora, talvez possamos melhor avaliar a importância de temáticas e personagens próximos à vivência dos leitores, visto que o leitor só poderá gostar daquilo que compreende e compreende com maior intensidade e facilidade aquilo de que gosta, que lhe é próximo.

Dramas e tramas da leitura no espaço escolar

A aprendizagem do código escrito e sua leitura se efetiva no ambiente escolar, e o texto literário inserido nesse contexto deveria propiciar um encontro amistoso entre leitor e leitura, o que muitas vezes não acontece.

Vilma Santos, estudante da T série do I grau, em Florianópolis (SC) escreveu, a 13 de setembro de 1981, com referência ao livro *Recordações de Urn Agente Secreto*:

Adorei o livro mas ao fazer a ficha de leitura não fui muito bem achei que é muito detalhada, infelizmente não posso fazer de outro modo já que a professora Sônia exigiu que fosse a contida no próprio livro.

As fichas de leitura, ou suplemento de trabalho, que vêm encartadas no livro, são seguidas *ipsis litteris* pelo professor, não deixando ao aluno opção fi-ente à obra. Pelo discurso da leitora, percebe-se que o professor resigna-se a regras exatas e perenes para a interpretação do texto literário. Seguindo a receita fornecida pela editoras, o professor busca a interpretação “verdadeira”, limitando a leitura fiiiidora e criativa, num processo embrutecedor. O professor acaba, dessa forma, tomando-se o obstáculo do encontro entre o aluno-leitor e o texto.

Alunos da 2^o série do I grau em Arcos (MG) trabalharam com o livro *Ana Levada da Breca*, e nas cartas fazem referência à ficha literária realizada com o livro; entre vinte e duas cartas, selecionamos a de Jordana, datada de 24 de abril de 1992:

Neste dia tão gostoso, eu fiz uma ficha literária do livro “Ana Levada da Breca ”.

A leitora já está familiarizada com a expressão “ficha literária”, em seu segundo ano de escola. Aparece assim a preocupação do professor em saber se a criança leu o livro e não como o leu.

Em 09 de julho de 1992, a aluna da 2^a série do I grau, em Belo Horizonte, Cintia Aparecida, esclarece a aquisição e o trabalho feito com o livro:

A professora falou para a gente pedir para a nossa mãe comprar o livro “Ana Levada da Breca”, para a gente ler e responder as perguntas que ela passou no quadro.

Sem acesso às perguntas, fica difícil fazermos uma análise mais correta, mas acaba se constatando que a interação com o livro fica restrita a perguntas no quadro.

Fichas de leitura, ou literária, provas, questões no quadro estão explícitas nas atividades elaboradas com o livro nas primeiras séries escolares. A criança, dessa forma, vivência a leitura como um lugar de buscar respostas “corretas” e receber uma nota; perde-se o prazer da leitura. O contato com o livro, contudo, pode dar-se de forma mais prazerosa, despertando na criança o gosto pela leitura, como o exemplo a seguir.

Os alunos da 4^a série do I grau, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, escreveram à autora, a 03 de março de 1995, totalizando 32 cartas. Assim a leitora Daiane, de 10 anos de idade, esclarece o encontro com o livro:

Todas as sextas-feiras nós fizemos a hora do conto, a hora do conto é assim, nós levamos o livro para casa quinta-feira para ler, e sexta-feira a professora sorteia e a gente conta uma história. Sexta-feira passada a Ariziane contou a história da “Ana Levada da Breca”. Eu gostei muito da Ana, a história é tri.

A atividade proposta parece interessante, pois restitui de forma lúdica duas aproximações com o livro: os leitores lêem livros diversos e, na hora do conto, exercitam a compreensão do livro por meio da narrativa oral. Resgata-se de alguma forma a figura do narrador, se não pelo intercâmbio do vivido, por meio do lido.

Não queremos com isso dizer que a ficha literária deva ser abolida totalmente. Nas últimas séries do I grau ela pode atuar como suplemento de trabalho (sua verdadeira função, já esquecida), propiciando ao leitor o contato com os esquemas estruturais do texto. Alguns suplementos de leitura, no entanto, trazem questionamentos superficiais sobre os personagens e suas características, sem aprofundar o diálogo com a construção do texto e o seu contexto.

O professor frente à obra

Em 22 de junho de 1985, a professora Maria Cristina, de Palotina (PR), que teve contato com a autora num curso de aperfeiçoamento de Literatura Infantil, manda à autora a correspondência de seus alunos; observa, no entanto, que:

Eu ainda não li os livros, não param na caixinha, por isso não posso dar minha opinião. Mas os alunos gostam.

Ora, como propor a leitura do livro e a correspondência à escritora sem ao menos conhecer sua obra? As reflexões de Theodoro Ezequiel da ^{silva} 1⁸ retomam esse impasse, pois uma sociedade que busca a democratização da prática da leitura necessita de profissionais, principalmente dos que estão ligados à iniciação da leitura, bons leitores. Vê-se que, no caso específico, a professora responsável pelo rito de iniciação à leitura (alunos da 2-ª série do I grau) não fez a leitura dos textos que as crianças lêem e, pior ainda, encaminha um trabalho de correspondências (instigante), paralelo a questões no quadro. O ponto positivo se dá por parte dos alunos, que não deixam o livro permanecer estante na “caixinha”.

A professora de Língua Portuguesa Donizete Aparecida, de Centralina (MG), ao trabalhar o livro *Um Amigo Muito Especial* com “garotos de 12 à 16 anos”, aplicou uma prova e manda à escritora um modelo. Sugere então a aproximação da escritora com os alunos, por meio de correspondência, visivelmente influenciada pela aluna Eliana, que escreveu espontaneamente para a autora. Vejamos o testemunho da professora, em carta datada de 1º de dezembro de 1983:

Ficamos felizes com a cartinha que você enviou à aluna Eliana. Fiquei zangada por ela não ter me contado que iria escrever-lhe, mas tudo bem.

Por que a zanga? A professora apresenta-se receosa ante a consciência da aluna. O aluno toma-se imprevisível para o professor, ao escrever à autora. Perdido o controle, o mestre apara as arestas, sugerindo a atividade para toda a classe.

O modelo das atividades decorrentes da leitura extensiva (em anexo), proposta pela professora, já deixa claro, no próprio cabeçalho, que a interpretação terá valor e créditos, medindo o desempenho do aluno. Utilizando exercícios de ensaio e erro e imitativo, as questões tornam-se vazias, bastando ao aluno ir ao texto e retirar características das personagens, num processo de reprodução. Somente a última questão proporciona ao leitor a introdução de seu pensamento individual frente ao texto. Percebe-se, assim, uma prática mecanicista da comprovação do ato de leitura.

A professora Márcia, da rede municipal de Belo Horizonte, trabalhou o livro *Ana Levada da Breca* com alunos da 2^a série do I grau, e sugeriu aos alunos que escrevessem à autora. A professora esclarece, em 09 de julho de 1992:

Foi feito um rascunho da cartinha, logo após fiz uma correção e devolvi aos alunos para que esses copiassem, mas alguns persistiram com os erros de português. Peço-lhe desculpas por estes erros.

Observando as correspondências dos alunos, no total de 26, constata-se a mão da professora na correção ortográfica. A relutância de apresentar um texto correto, com compreensíveis incorreções, faz diluir a espontaneidade, cristalizando-se num texto único, sem identidade, diluindo-se as contradições e diferenças de leitura na homogeneização dos discursos.

A professora Jaqueline, de Mato Grosso, em 16 de agosto de 1995, agradece à autora as respostas enviadas aos alunos da 1^a série do I grau, sobre o livro *Ana Levada da Breca* e solicita:

Maria de Lourdes, se for possível me envie alguma obra com roteiro de trabalho, para que eu adote em outras séries, ou mesmo na primeira.

Testemunho que comprova, sem dúvida, o quanto o professor está atrelado a modelos de leitura, a roteiros de trabalho que orientem suas prática escolar, mostrando a deficiência do professor em elaborar suas próprias atividades, seja pela incapacidade, disponibilidade de tempo ou a facilidade das respostas preestabelecidas.

As “fichas do leitor”, “ficha literária”, “suplemento de leitura”, “roteiro de trabalho”... seja qual for a denominação adotada, vêm encartadas em todos os livros dedicados ao público escolar. Nos últimos anos, algumas sofisticaram-se, na tentativa de melhor atender à demanda consumidora (o professor); até a metade da década de 80, a “ficha de leitor”, anexa aos livros da Brasiliense e de outras editoras, era generalizada, podendo atingir qualquer obra. Hoje, todos os livros possuem fichas para a obra específica.

A editora Moderna denomina seu suplemento de “Orientação de Leitura”. Nos livros dedicados aos leitores das primeiras séries iniciais (entram aqui *Ana Levada da Breca* e *Irmão-Sanduiche*), além de apresentar perguntas superficiais sobre as personagens, sugere a ilustração de fatos da narrativa e uma redação. Na orientação para leitores adolescentes (*Segredos do Coração*), o trabalho se toma mais simplificado, o que é estranho, inserindo a discussão reflexiva somente na última questão - “Pensando sobre a História”, em que se pergunta ao leitor que mensagem ele aprendeu com a história.

Vê-se assim que, independente da denominação, as atividades outorgadas pelas editoras (com o aval do professor) para a orientação de leitura não passam de um engodo, se forem trabalhadas por si só.

Marisa Lajolo¹³⁹ diverge da maioria dos questionamentos do “como trabalhar” e aponta os caminhos de “como não trabalhar” a leitura, levantando a negatividade de uma leitura uniformizadora, por meio de “script de autoria alheia”. A autora argumenta, também, que o texto não deve servir de pretexto. Concordamos que os modelos “interpretativos” instituídos pelas editoras não

¹³⁹ Essas reflexões são levantadas pela autora no aasai “O texto não é pi«exto”. In: ZILBERMAN, R. (org.). *Leitura em Crise na escola: alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. Também, no livro *Do Mundo da Leitura...*, op. cit., p.25-32.

colaboram para um trabalho em busca da sensibilização para a leitura. Acreditamos, porém, que algumas atividades podem servir de pretexto para propiciar ao leitor o gosto pela leitura. Contar histórias para crianças não-leitoras, não seria um “pretexto” para sensibilizá-las à leitura do texto escrito?

Uma literatura específica? critérios do leitor

O leitor adolescente estabelece os critérios temáticos e formais para uma literatura específica, que corresponda às suas necessidades cognitivas e emotivas. Vejamos alguns depoimentos de adolescentes, todos cursando a 7ª série do I grau, em São Bernardo do Campo, e leitores de *Recordações de Um Agente Secreto*. Eles escrevem, em 10 de abril de 1981.

A leitora Lucília comenta a respeito da linguagem do livro;

Pessoalmente, eu gostei muito, pois você sabe expressar-se muito bem, através de seus personagens, sempre usando uma linguagem jovem e clara.

A linguagem jovem e clara das personagens traduz a exigência do leitor, que quer narrativas com uma linguagem próxima à sua. Isso, no entanto, não se refere a uma adequação de linguagem, ou redução do fazer literário. Corresponde ao seu acesso lingüístico a textos mais complexos, que exijam maior conhecimento vocabular. A narrativa de *Recordações de Um Agente Secreto* não se exime a termos complexos; pelo contrário, trabalha com eles inseridos no contexto da narrativa, com as palavras que para o personagem João Oscar têm “responsabilidade”.

O leitor Paulo Henrique, em sua segunda carta, já resolvida a atividade escolar, comenta a temática do livro;

Não é um livro de fantasias como outros que já li, que fala de montanhas encantadas, príncipes, anões, etc, é um livro que fala sobre a adolescência de um personagem como nós.

O testemunho do leitor diz respeito às necessidades do adolescente de encontrar nos livros temas contemporâneos e próprios à sua idade, com personagens que passam pelos mesmos problemas que os seus. No seu repertório literário, encontram-se os contos de fadas (“montanhas encantadas, príncipes, anões...”), textos enxertados de fantasias que o leitor já não almeja.

A leitora Maura deixa transparecer em seu relato a surpresa pelo contato com o texto sem ilustração:

Pois bem, seu livro é um dos primeiros a me chamar tanta atenção. Não é ilustrado, mais sua estória meiga e pura, nos faz prestarmos atenção e ilustrarmos em nossas cabeças, imaginar-mos João Oscar e sua família e tudo mais.

Observa-se como a leitura verbal ainda depende muito - o que é natural no início - da leitura visualizada. A ausência de ilustrações, no entanto, dá oportunidade à leitora de exercitar a imaginação para criar as imagens referenciais, e isso a surpreende.

O adulto lê a obra

Pode um texto ultrapassar os limites de seu virtual consumidor (crianças e jovens) e chegar até o leitor adulto?

Encontramos três vozes de leitores do livro *Segredos do Coração* que parecem confirmar essa pergunta. Vejamos.

A leitora Sandra, psicóloga, 40 anos de idade, escreve de São Paulo, em 30 de outubro de 1992;

Estou lhe escrevendo não para contar minha difícil aventura de crescer, nem para lhe dizer que me emocionei, ri e chorei, e senti ser de uma poesia rica e criativa o seu livro “Segredos do Coração”.
Estou lhe escrevendo porque acredito que um anjo tenha me mandado este livro como um sinal.

Uma leitura feita com sentimento, numa empatia emotiva - a partir do próprio título da obra. A mulher adulta que acolhe o livro como um sinal; o texto ficcional e a figura real da autora se confundem, como que um pedido de socorro para problemas pessoais externos à obra.

A leitora Lady, de Mato Grosso, entrou em contato com o livro por meio de uma amiga que o recebeu de presente do namorado. Assim ela descreve a identificação com a personagem, em 25 de outubro de 1994;

E mais eu me coloquei no lugar de Regina a personagem principal e sofri as emoções de uma adolescente. Até chorei a hora em que ela perdeu sua mãe e comeu os bombons que comprara para ela. Fiquei indignada quando a tia dela a julgou sem conhecer seus sentimentos. E é por esse motivo que resolvi escrever-lhe para lhe fazer saber como o seu livro me fez viajar em sentimentos alheios.

A identificação com a personagem, Regina, provoca na leitora uma atitude de expectativa que a mantém emocionalmente solidária com a narrativa e o destino da personagem. A narrativa ficcional transpôs a leitora para sentimentos alheios, transcende seu papel e vive a emoção do outro, sabendo que não é a sua, transubstanciando a imaginação em realidade, no momento da leitura; com a clareza de que são “sentimentos alheios”.

O leitor índio Guilherme, 48 anos de idade, residente em Porto Alegre, escreve, a 31 de agosto de 1995, a respeito do livros;

Maria de Lourdes, não sou um jovem para cuja faixa de idade dedicaste a obra mas, um homem de 48 anos de idade, nasci em 06/07/1947. Eu estava lendo "O Crime do Padre Amaro" de Eça de Queiroz, obra que não conclui pois estou na página 88, de um total de 272 páginas, cuja leitura interrompi devido a necessidade de consulta constante ao dicionário e, resolvi fazer uma pausa com a leitura de "Segredos do Coração". Gostei imensamente de tua obra a qual li de um único lance. Confesso que um sorriso brotou em meus lábios ao ler a frase: "E para que a princesa não beijasse sapo errado, a fim de não ter apenas sapinhos.

O desinteresse por uma obra levou o leitor ao livro *impróprio para sudi faixa de idade*, mas que lhe fez sorrir, um sorriso que poderia ser resgatado pela ironia - o leitor capaz de perceber a intertextualidade do texto, pois a recorrência aos contos de fadas surge na narrativa, para logo em seguida ser ironizada. Por outro lado, o trecho destacado pelo leitor pode fazer referência à sua experiência de vida; os desencontros de experiências amorosas.

A linguagem é mais acessível, pois não há a recorrência ao dicionário; isso não implica uma redução do aspecto literário, isso implica que o texto pode ser lido por um leitor de 12, como por um de 48 anos. Ambos conseguem interagir com o texto, o que fatalmente não ocorreria se um leitor de doze anos tivesse à sua frente *O Crime do Padre Amaro*. Da parte do leitor adulto, percebe-se o pouco preparo para obras mais complexas, a falta de sintonia com o estilo da época.

Nos três depoimentos acima constata-se que, de forma diversa, o texto literário conquistou também o adulto. Mostra assim que a leitura das obras infantis e juvenis não obedece a uma linearidade e rigidez etária. A própria autora esclarece, quanto ao fazer literário para crianças e jovens; “Primeiro, eu não me preocupo com a linguagem, mas com a história em si. Não fico pensando se é para criança ou não. Às vezes a história surge em função de uma **preocupação**” 140

140 “A arte Infantil de Maria de Lourdes”. jornal *Palavramundo*. Florianópolis' ano 1 n^o 1, 1990. p. 12.

3.4 As Cartas: além do papel e da tinta

As correspondências caracterizam-se por uma relação dual: aproximação/distanciamento da figura do autor. No primeiro caso, o leitor sente-se próximo do escritor, que até então era uma figura abstrata de papel e tinta, para tornar-se agora de carne, osso e sentimento; por outro lado, a distância propicia o desabafo, levando o leitor a interagir com fatores extratextuais; seus sentimentos, conflitos e dificuldades.

A mesma relação de duplicidade constata-se entre o discurso do leitor real (carta) e a representação do leitor virtual (ficção) - a crítica e a criação literária se voltam para a representação do segundo.

A aproximação, dá-se no sentido em que o leitor real se utiliza na leitura de seus conhecimentos prévios; lingüístico, textual e contextual; portanto, para o leitor que começa a se aventurar no mundo da leitura e da escrita, os textos mais complexos lhe dificultam a tarefa de dar significado e sentido ao lido. Fica mais claro identificar um texto infantil e a projeção do leitor virtual pelo emissor.

No caso do leitor com um repertório mais vasto, o adolescente e o jovem, fica mais difícil; as cartas assim comprovam, pois o leitor exige aproximação de representação de seus anseios e desejos no texto ficcional, o que corresponde à imagem que o emissor constrói. Apresenta, contudo, um distanciamento, pois nem todos leitores conseguem operar as suas vivências imaginativas nos textos, que não seguem uma ordem cronológica linear.

As cartas dos leitores revelam e desvelam as práticas de leitura e percebe-se que a correspondência é motivada por um programa editorial que pode ser fiiitífero ou não, dependendo da atitude do escritor. Pelas pesquisas e consultas a escritores, a única editora atualmente que promove esse encontro via correspondência é a editora Moderna. A coleção “Jovens do Mundo Todo”, da Brasiliense, inseriu essa prática nas décadas de 70 e 80.

Nos livros *Recordações de Um Agente Secreto* e *Um Amigo Muito Especial*, editados pela Brasiliense, a editora estimulava a correspondência entre leitor e

escritor, colocando o endereço para correspondência na contracapa do livro (Caixa Postal 994 - 88.000 -Florianópolis, SC).

Atualmente, a editora Modema adota a mesma atividade, porém tendo-a encartada junto à ficha de leitura dos seus livros. A influência desse fato surge transparentemente na incidência de cartas para as duas primeiras obras, no período que eram editadas pela Brasiliense; quando começam a ser publicadas pela Mercado Aberto, a partir da metade da década de 80, enfraquecem. Por isso, percebe-se um maior número de cartas para os livros *Ana Levada da Breca*, *Segredos do Coração* e *Irmão-Sanduiche*, editados pela Modema. As cartas esporádicas, comentando textos além desses, são reflexos dos comentários da autora de suas outras obras, a pedido do leitor.

Cabe ao autor, sem o vínculo obrigatório com a editora, responder ou não às cartas. No caso específico de Maria de Lourdes Krieger, a atividade rendeu bons frutos, porque a autora se dispôs a entrar em contato com o leitor, sem recorrer a cartas pré-fabricadas, respondendo individualmente a cada um. Sabemos, contudo, que, de alguma forma, é ilusório que os autores se incumbam dessa tarefa, pois é exaustiva; mas, ao mesmo tempo, teriam uma resposta imediata de seu público leitor e isso poderia contribuir para o seu fazer literário.

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

Dã construção do sentimento da infância a suas leituras, trilhamos um caminho amplo, histórias marcadas por outras histórias. Tramamos alguns fios, outros ficaram soltos na tessitura da trama, à procura de outros tecedores que possam continuar a sua confecção.

Não concebíamos a obra de Maria de Lourdes Krieger isolada, regionalizada e restrita ao espaço catarinense. Por isso, nos permitimos visitar outros instantes da construção histórico-social da literatura infantil e juvenil; do seu surgimento à sua inserção no Brasil, para então chegarmos a visualizar o que se tem produzido em Santa Catarina, tentativa esboçada no primeiro capítulo.

Na leitura das vozes dos leitores fomos observando quão importante se faziam as práticas de leitura na escola e a sua vinculação com o gênero pesquisado; daí o diálogo com vários autores a respeito da leitura e da conceituação da literatura infantil e juvenil, no segundo capítulo.

Ao chegarmos ao terceiro capítulo tínhamos todo um referencial teórico para dar voz às leituras dos leitores (minhas, deles, nossas) que nos possibilitaram algumas reflexões, aqui esboçadas.

O texto literário mais abre portas do que fecha, deflagrando a entrada ao labirinto de múltiplas leituras, possibilitando ao leitor garimpar o máximo e em profundidade as suas possibilidades de interagir com o texto; diversamente acontece com o texto não/literário que, circunscrito em quatro paredes, apresenta ao leitor um mundo acabado, sem necessidade de (re)construção.

O texto literário atinge de forma distinta cada leitor , principalmente no que diz respeito à faixa etária, pois leitores da mesma idade e nível de escolaridade relacionam-se com o mesmo livro de formas diversas, não se podendo estabelecer critérios rígidos para a sua recepção. A atividade imaginativa vai depender da relação estabelecida entre o texto e o repertório do leitor, seja esse lingüístico.

literário, social ou ideológico, entre o texto e a enciclopédia do leitor, segundo Umberto Eco.

Retomando as colocações teóricas de Jauss e Iser, percebe-se que o repertório do leitor é de grande importância para a compreensão da obra, e para a combinação de vazios.

As três categorias básicas da experiência estética propostas por Jauss - poiesis, aisthesis e katharsis - encontram-se salientadas em muitas cartas. As obras de Maria de Lourdes Krieger proporcionam, pelas estratégias textuais, um espaço de elaboração reflexiva por parte do leitor; isso pode ser observado no subtítulo destinado às estratégias textuais, percebendo-se que houve a participação do leitor no preenchimento dos vazios: a incerteza quanto ao paradeiro do pai de Lauro e a existência do elefante agem como elementos estimuladores da atividade imaginativa do leitor; esse fato o torna co-produtor da obra; poiesis .

A aisthesis se dá na quebra das expectativas do leitor; o texto literário, ao alargar o conhecimento, provoca um efeito que pressupõe uma renovação do leitor frente à sua realidade. Viu-se nas cartas a respeito da quebra de expectativas que o texto colaborou para reflexão do leitor, ao apresentar um modelo estético que rompe com as normas preestabelecidas, tanto para o gênero como para as relações sociais; por meio da temática e da estrutura formal da obra ao romper com as expectativas habituais dos leitores, por vezes até condicionadas pelo modelo pedagógico.

Na katharsis, a experiência comunicativa dá-se pela identificação com as personagens ou a temática, influencia cognitiva e/ou emocionalmente o leitor. No caso específico dos livros analisados, colaboram eles mais no sentido de inaugurar novas posturas do que legitimar normas vigentes.

Muitas leituras-correspondências trazem as marcas da leitura escolar; contudo, crianças, jovens e adultos mostram, demonstram que o livro destinado às crianças e jovens, apesar de apresentar o estigma de uma leitura “menor”, consegue atingir o “maior”, o adulto. A criança e o jovem também conseguem forjar as amarras e apoderar-se de um sentido, que não se quer único, singular.

O leitor adolescente, contudo, levanta critérios temáticos e formais para uma literatura que corresponda às suas necessidades: linguagem clara e acessível, temáticas próximas à sua vivência. Enfim, que o autor fale “com” ele e não “para” ele. Demarcando, assim, as especificidades desse gênero.

Pelas cartas, vê-se que a instituição escolar contemporânea acaba homogeneizando o discurso dos alunos, pelas práticas uniformizadoras que não divergem das práticas tradicionais. Os questionamentos sobre o texto se voltam para seus explícitos e não para o que cala, apagando as diferenças subjetivas da leitura.

O professor, no entanto, pode ser o mediador, o organizador do processo de recepção, ao levar o leitor a observar as estratégias do texto, a ler no silêncio do texto, contribuindo para a produção de um discurso crítico pelo leitor, para esse não ser um mero reprodutor, mas um co-produtor, contribuindo para práticas leitoras plurais e não convergentes.

A leitura socializada deve ter o seu espaço na escola, pois toma-se uma oportunidade para alunos-leitores partilharem entre si e se enriquecerem com outras leituras diversas e pessoais, comparadas nesse momento de partilha. Mas isso não pode ser feito com atividades que tragam respostas prontas, e sim que levem o leitor a interagir com o vivido.

Um aspecto interessante, nas correspondências analisadas, foi o fato de não encontrarmos nenhuma carta de pais ou mães. Mas suas presenças surgem nos depoimentos dos leitores, quando estes compartilham suas leituras com os familiares. Eis um outro fator a ser levantado: o gosto pela leitura, que deveria começar no lar e se estender a vida, acontece de forma inversa. Na sociedade contemporânea, na maioria das vezes, o leitor em idade escolar é que traz a leitura para o lar.

Fica-nos a curiosidade em saber o que são aqueles leitores, que um dia escreveram a autora e obtiveram resposta. Paulo Henrique, Liliana, Sandra e tantos outros, hoje homens e mulheres feitas, o que lêem? Que influência teve esse contato com o escritor em sua vida?

Mas isso já é outra história ...

BIBLIOGRAFIA

Publicações de Maria de Lourdes Krieger

- KRIEGER, Maria de Lourdes. *Um Amigo Muito Especial*. 6.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- _____. *Ana Levada da Breca*. 7.ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- _____. *Brincando de Olhar Estrelas*. Porto Alegre: Kuarup, 1990.
- _____. *O Destino do Redondinho*. Florianópolis; Lunardelli, s/d.
- _____. *Dona Onça da Floresta (Histórias do Folclore Brasileiro)* São Paulo; Santuário, 1990.
- _____. *Uma Família Tão Comum*. 2.ed. São Paulo; Brasiliense, 1983.
- _____. *O Gato que Não Sabia Miar*. 2.ed. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1989.
- _____. *Irmão-Sanduiche*. 3.ed. São Paulo; Moderna, 1994.
- _____. *Leleco e os Ovos de Páscoa*. Florianópolis; Lunardelli, s/d.
- _____. *O Natal do Pastorzinho*. Florianópolis; Lunardelli, s/d.
- _____. ~~Os~~ *Nos Outros Fortes do Papai*. 4.ed. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1991.
- _____. *Recordações de Um Agente Secreto*. 8.ed. Porto Alegre; Mercado Aberto 1992.
- _____. *Segredos do Coração*. 4.ed. São Paulo; Moderna, 1991.
- _____. *Vovó quer Namorar*. São Paulo; FTD, 1990.

Publicações de Escritores Catarinenses para Crianças e Jovens

- ABREU, Augusto de. *Quem Faz o Ovo?* Florianópolis; Magic Arts, 1995.
- ALBERTON, Deisi. *Um Planeta Diferente*. Florianópolis; LADESC, 1986.
- ARECO, Neide M.S.M. *O Pintalho*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- ASSUMPTÃO, Lucy. *Coração Verde*. Rio de Janeiro; José Olympio, 1979.
- ATAÍDE, Vicente. *O Dragão da Boca Maldita*. 3 .ed. Curitiba; Livro HDV, 1982.
- ÀVILA, Raquel Régis. *Renata Cara de Batata*. Florianópolis; LADESC, 1986.
- BAYESTORFF, Vilma. *O Empinador de Pipas*. Florianópolis; Ed. da autora, 1994.
- BRANCHER, Ana Lice. *Gugu da Barriga Verde*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- BRUM, Else Sant'Anna. *Cri-Cró*. Blumenau; Eko, 1992.
- _____. *Miguelito, o Pirulito*. Florianópolis; LADESC, 1986.
- _____. *Retetêú: o primo do sapo que foi à festa no céu*. Blumenau; Eko, s/d.
- BRUM, Sílvia. *A Palavra Mágica*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- BRÜGGEMANN, Fábio & MENEGHELLO, Danuza. *A Lenda do Peixe Boi*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- BUSS, Alcides. *A POESIA do ABC*. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1989.
- CALAZANS, Carla. *Kinkin, o Pingüim*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- CARNEIRO, Maria Sylvia C. *A Lenda das Cores*. Florianópolis; LADESC, 1986.
- CENTENO, José Vitor. *A Família Dudu: La Granda Kunveno*. Florianópolis; Papa-Livro, 1994.
- COLDEBELLA, Ivana. *O Senhor Zero*. Blumenau; Livraria alemã/ ed. Eko, s/d.
- CORAL, Ruth de Farias. *Amigos Inseparáveis*. Florianópolis; LADESC, 1986.
- CORAL, Silvia Karina & LEVIS SKY, Anne G. *O Chapéu e a Chapela*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- CRISTOFOLINI, Gloriá Maria Alves Ferreira. *Chico Preguiça*. Florianópolis; Papa-Livro, 1994.
- CRUZ, Vera Maria Silvestri. *Uma Sociedade Interessante*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- DUTRA, Patrícia Angélica. *Seis Peças Infantis*. Florianópolis; UDESC, 1976.
- FREITAS, Luiz. *A Floresta do Rima Tudo*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- GASPAR, Janete. *As Três Irmãs*. Criciúma; Ed. Ribeiro, s/d.
- GOMES, Roberto. *Carolina do Nariz Vermelho*. São Paulo; FTD, 1993.
- _____. *O Menino que Descobriu o Sol*. São Paulo; FTD, 1995.

- _____. *Terceiro Tempo*. Curitiba; Criar, 1985.
- HOFFMANN, Ricardo. *O Circo das Plantas*. São Paulo; Ed. do Brasil, 1988.
- _____. *O Hotel dos Bichos Desamparados*. 5.ed. São Paulo; FTD, 1992.
- _____. *Pequeno Coração*. São Paulo; FTD, 1990.
- _____. *O Trenzinho Fora da Linha*. Porto Alegre; Tchê!, 1987.
- HUSMANN, Irene Ritzmann. *Um Dia na Vida do Sol*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- KOVÁCS, AnaMaria. *Sonhos de Criança*. Belo Horizonte/Blumenau; Nova Safra/FURB, 1988.
- LAUS, Lausimar. *As Aventuras de Zé Colaço*. Rio de Janeiro; Ed. Pongetti, s/d.
- _____. *Brincando no Olimpo*. Publicado em capítulos em *Vida Juvenil*, em 1949, e editado em sua totalidade em 1953, no Rio de Janeiro.
- _____. *Histórias do Mundo Azul*. Rio de Janeiro; Ed. Pongetti, s/d.
- _____. *O Sonho de Candoquinha*. Rio de Janeiro; Ministério da Agricultura, 1955.
- LOPES, Ana Janete Pedri de Andrade. *O Amiguinho Circulo*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- LOPES, Ana Rita dos Santos. *A Mais Fabulosa Confeitaria do Mundo*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- MACHADO, Juarez. *Domingo de Manhã*. São Paulo; Agir, 1976.
- _____. *Ida e Volta*. São Paulo; Agir, 1976.
- MACHADO, Paulo R. A. *O Pingo de Chuva*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- MALHEIROS, Eglê. *Desça, menino!* Curitiba; Criar, 1986.
- MELLO, Nilson. *As Aventuras de Boca-Doce*. Florianópolis; Ed. do autor, 1985.
- _____. *Bendita Chupeta*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.
- _____. *Companheiros*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.
- _____. *Contando Histórias*. Florianópolis; Ed. do autor, 1986.
- _____. *Degraus*. Florianópolis, Ed. do autor, s/d.
- _____. *Dez Toques*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.
- _____. *Estrelinha de Cristal*. Florianópolis, Ed. do autor, s/d.
- _____. *A Grande Caçada*. Caxias do Sul; Ed. São Miguel, s/d.
- _____. *Lições da Fantasia*. Florianópolis; Ed. do autor, 1987.
- _____. *Os Mensageiros*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.
- _____. *Meu Mundo Imaginário*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.
- _____. *Momentos*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.
- _____. *Missões de um Pássaro*. Florianópolis; Ed. do autor, s/d.

- _____. *O Mundo dos Pequenos*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Na Terra dos Gigantes*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Pequenos Heróis*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Sementinhas*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Sementes e Fantasias*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Tiquinhos*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Trilhas da Fantasia*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- _____. *Os Vaga-Lumes*. Florianópolis: Ed. do autor, 1988.
- MENDES, Luis Antonio Martins. ...*E Desligaram a Televisão*. Florianópolis: Ed. do autor e Associação Catarinense de Escritores, 1980.
- MENEGHELLO, Danuza. *A Terra do Passavento*. Florianópolis: LADESC, 1986.
- MEURER, Sérgio José. *Palito Cabeça de TV*. Florianópolis: LADESC, 1986.
- _____. *Mino, O Passarinho do Sino*. Florianópolis: LADESC, 1985.
- MORAES, Marília Crispi de. *As Aventuras dos Três Primos*. Ed. da autora, 1988
- _____. *A Longa Viagem de Splin*. Ed. da autora, 1990.
- NASPOLINI, Stela Maria. *Florianópolis conta sua História para a Crianças*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- NETO, Augusto Alberto. *Deu Mico no Milharal*. 2.ed. São Miguel do Oeste: Ed. do autor, 1985.
- _____. *Xiiiil... Roubaram Um Pedaco da Lua*. 2.ed. São Miguel do Oeste: Ed. do autor, 1985.
- NEVES, Amilcar. *Pai Sem Computador*. São Paulo: Atual, 1993.
- NORONHA, Miguel Alexandre Pires. *Um Pequeno Inventor*. Florianópolis: Ed. do autor, s/d.
- PAVAN, Janice Cardoso de Bittencourt. *Amor-Criança*. Florianópolis: Ed. da autora, 1990.
- _____. *Luz no Jardim*. Florianópolis: Papa-Livro, 1993.
- PEDRO, Albertina Moreira. *Quando os Anjos Vieram a Terra*. Florianópolis: Lunardelli, 1980.
- POLTRONIERI, Edith K. *Pituca*. Florianópolis: LADESC, 1985.
- RAMOS, Júlio César. *Presente da Natureza*. Florianópolis: LADESC, 1986.
- SAAVEDRA, Eduardo. *As Traquinagens da Tainha Troe*. Florianópolis: LADESC, 1985.
- SANTOS, Marcelo dos. *Massa Dura*. Florianópolis: ed. Ribeirinha, 1995.
- SASSE, Marita Deeke. *Blumenau: Sua História*. Florianópolis: Lunardelli, 1980.
- _____. *Uma Família Feliz*. Florianópolis: LADESC, 1986.

- SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. *O Coelhozinho do Halo Azul*. Joinville: Ed. do autor, 1959.
- SCHUTEL, Roseli. *A Laranja Bailarina*. Florianópolis: LADESC, 1985.
- SCOTTINI, Maria de Lourdes. *Crutsana: Os Defensores da Natureza*. Blumenau : Eko, 1989.
- SHÄFFER, Vanda Lúcia. *A Dança das Flores*. São Paulo: Paulus, 1995.
- SILVA, Deonísio da. *Adão e Eva Felizes no Paraíso*. 2.ed., Curitiba; Criar, 1984.
- _____. *As Maravilhosa Invenções de seu Mané*. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1986.
- _____. *A Melhor Amiga do Lobo*. 3.ed. São Paulo: FTD, 1991.
- _____. *Os Segredos do Baú*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- SILVA, Giovana Terezinha da. *O Sonho de Juvenal*. Florianópolis- Papa-Livro 1991.
- _____. *El Suenõ de Juvenal*. Florianópolis; Papa-Livro, 1993.
- SILVA, Marta Martins da. *História sem Nome ou Pra Quem Tem Macaquinhos no Sótão*. Florianópolis; Cuca Fresca, 1988.
- _____. *Maria Mania*. São Paulo; Loyola, s/d.
- _____. *Maricota e Cocota*. São Paulo/ Florianópolis: Edicon/ Livraria Cuca Fresca, 1984.
- _____. *Semana Suada*. Belo Horizonte: Migüilim, 1986.
- SILVA, Paulo J. da. *Dr. Barbado, o Rei da Lagoa*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- SILVA, Sinclair. *A Minhoquinha Dançarina*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- SOUZA, Sérgio Jeremias de. *Anjos de Uma Asa Só*. São Paulo; AM edições, 1992.
- _____. *Um Anjinho Apaixonado*. São Paulo; AM edições, 1990.
- _____. *As Aventuras dos Gnomos Tchulks*. São Paulo; AM edições, 1990.
- _____. *A Bengala Luminosa*. São Paulo; AM edições, 1990.
- _____. *Benina Bemunça com Dor de Barriga*. Florianópolis; LADESC, 1985.
- _____. *Uma Chama Adormecida*. São Paulo: Santuário, 1989.
- _____. *O Deus-poeta que Amava a Noite*. São Paulo; AM edições, 1992.
- _____. *A Floresta dos Sentimentos*. São Paulo; AM edições, 1991.
- _____. *O Guardião dos Sonhos no Labirinto de Vidro*. São Paulo; AM edições. 1991.
- _____. *Ismukis Azuis e Ismukis Vermelhos*. São Paulo; AM edições, 1994.
- _____. *A Menina que Entendia os Corações*. São Paulo; AM edições, 1991.
- _____. *Meu Amiguinho Drumps*. São Paulo; Santuário, 1988.

- _____. *O Mistério na Lua de Egborn*. São Paulo; AM edições, 1990.
- _____. *Um Monstrinho no Coração*. São Paulo: AM edições, 1991.
- _____. *No Mundo da Lua*. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.
- _____. *O Pequeno Duende Guerreiro*. São Paulo: AM edições, 1992.
- _____. *O Pequeno Mugli*. São Paulo: AM edições, 1994.
- _____. *Querem Derrubar Nossa Árvore*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- _____. *O Samurai e a Caixa de Cristal*. São Paulo: AM edições, 1990.
- _____. *Tob, O Dinossauro*. São Paulo: AM edições, 1993.
- _____. *A Verdadeira História do Coelhinho da Páscoa*. São Paulo: AM edições, 1993.
- STEEN, Edla Van. *Manto de Nuvem*. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.
- TEIVE, Gladys M.G. *A Baleia da Praia da Armação*. Florianópolis: LADESC 1985.
- _____. *Dorotéia e o Vento Sul*. Florianópolis: LADESC, 1986.
- TEZZA, Cristovão. *Gran Circo das Américas*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- TOMÉ, Elizabete Verônica. *Fresquinhas e Vaidosas*. Florianópolis Papa-Livro 1995.
- _____. *Vivinha para Sempre*. Florianópolis: LADESC, 1986.
- VIEIRA, Alzemiros Lidio. *Gotas de Afeto*. Florianópolis: Ed. do autor, 1990.
- VITOR, Léo. *Amor de Mãe É...* Rio de Janeiro: Lia, ed. S.A., 1973. Série: Humor.
- VITOR, Léo & SALDANHA, Paula. *O Circo: A Chegada*. Rio de Janeiro: Lia, ed. S. A., 1973. Série: Aventuras do Zé Lambão
- _____. & _____. *O Macaco Inventor*. Rio de Janeiro: Lia, ed. S.A., 1973. Série: Fábula.
- _____. & _____. *Ei, Touro*. Rio de Janeiro: Lia, ed. S.A., 1973. Série: Aventuras do Zé Lambão.
- _____. & _____. *A Surpresa do Natal*. Rio de Janeiro: Lia, ed. S.A., 1973. Série: Aventuras do Zé Lambão.
- _____. & _____. *O Tiro de Sal*. Rio de Janeiro: Lia, ed. S.A., 1973. Série: Aventuras do Zé Lambão.
- WOLFF, Rodrigo. *Certezas*. Florianópolis: Papa-Livro, 1993.
- ZAMONER, Airo. *O Quintal*. Curitiba: COO editora, 1980.
- ZOTZ, Wemer. *Apenas um Curumim*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.
- _____. *Barco Branco em Mar Azul*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.
- _____. *Garnisé Gabola Acabou Gabiru*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

- _____. *Mamãe é Mulher do Pai e Outras Histórias*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.
- _____- *Não-me-Toque em Pé de Guerra*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- _____. • *Presente de um Domingo Chuvoso*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.
- _____. *Rio Liberdade*. 3 .ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

Bibliografia Teórica

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Trad. Dora Fiaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (org.). *História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes*. Foi. III. Trad. Heldegard Feist. São Paulo; Companhia das Letras, 1992.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril S/A, 1973.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira: Ensaio de Preliminares para a sua História e suas Fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (a teoria do romance)*. 3.ed. São Paulo: UNESP, 1993.
- BASTOS, Jones João. “O Sucesso de uma escritora de SC”. *Jornal O Estado*. Florianópolis: 14/07/85, p.41.
- BAMBERGER, Richard. *Como Incentivar o Hábito da leitura*. Trad. Octávio M. Cajado. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BAUMGARTNER, Alfred Clemens. *Le Livre Allemand pour la Jeunesse Actuel*. Friedrich Verlag: Velber, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus V. Mazzari. 4.ed. São Paulo: Summus, 1984.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BORTOLUSSI, Maria. *Análisis Teórico dei Cuento Infantil*. Madrid: Allamba, 1985.
- CABRAL, Oswaldo R. *Os Jesuítas em Santa Catarina e o Ensino de Humanidades na Província*. Florianópolis: Publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1940.
- _____. *História de Santa Catarina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.
- CAGNETI, Sueli de Souza. *A Inventividade e a Transgressão nas Obras de Lobato e Lygia: Confronto*. 1988. (Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina)
- CAGNETI, Sueli de Souza & ZOTZ, Werner. *Livro que te quero Livre*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- CÂNDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

- _____. *Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária*. 2.ª ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1985.
- CARUSO, Raimundo. “Redondinho, Leleco e Pastorzinho, a nossa literatura infantil”. In: *O Estado*. Florianópolis: 31 de julho de 1977.
- CHARTIER, Roger. “As Práticas da Escrita”. In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (org.). *História da Vida Privada*. Trad. Hildegard Feist. Vol. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira (1882/1982)*. 2.ª ed. São Paulo: Quíron/Brasília, INL, 1984.
- _____. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 1995.
- _____. *Literatura Infantil* 5.ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COUTINHO, Marilda. *O Conto Catarinense na Década de 70*. Florianópolis: 1986. (Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina)
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. 13.ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- DARNTON, Robert. “História que os Camponeses Contam: O Significado de Mamã Ganso”. In: *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. “História da Leitura”. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Trad. M.T. da Costa Albuquerque. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- ESCARPITT, Robert & BAKER, Ronald. *A Fome de Ler*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/MEC, 1975.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Literatura Infanto-Juvenil: Arte ou Pedagogia Moral?* São Paulo: Cortez, 1982.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. *Literatura Infantil Brasileira da Década de 70: A Caminho da Polifonia*. Porto Alegre: 1988 (Tese de doutorado defendida na PUCRS)
- _____. & ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*. 2.ª ed. Porto Alegre: ed. da Universidade, UFRGS, 1982.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 30.ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- GOÉS, Lúcia Pimentel. *Introdução a Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

- Guia de Leitura para alunos de 1º e 2º graus*. Centro de Pesquisas Literárias, PUCRS. São Paulo: Cortez, 1989.
- HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: As Crianças e a Literatura Fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. "A historiografia Feminista: algumas questões de fiindo". In: FUNCK, Susana B., org. *Trocando Idéia Sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis; Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1994.
- HOHLFELDT, Antonio. "Literatura para o Jovem de Hoje". In: KHEDÉ, Sonia Salomão (org.). *Literatura Infanto-Juvenil um Gênero Polêmico*. 2.ed. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1986.
- ISER, Wolfgang. "La estructura apelativa de los textos". In: WARNING, Rainer (org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989.
- _____. ' □ 'El Proceso de Lectura". In; WARNING, Rainer, (org.). *Estética de la recepción*. Madrid; Visor, 1989.
- _____. • "La realidade de La Ficción". In; WARNING, Rainer (org.). *Estética de La recepción*. Madrid: Visor, 1989.
- _____. "A Interação do Texto com o Leitor". In; LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1979.
- _____. ' 'Os Atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". In; LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Literatura em suas Fontes*. 2.ed. Rio de Janeiro; F. Alves, 1983.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo; Ática, 1994.
- _____. ' 'O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis". In; LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor: texto de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. "A Estética da Recepção; colocações Gerais". In; LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Pour une esthétique de la réception*. Paris; Galimardi, 1978.
- JORNAL DO SINEPE* - Sindicato das Escolas Particulares- Florianópolis; nº 37, ano 3, março de" 1996.
- JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. da UFSC/ Lunardelli, 1982.
- _____. *A Literatura de Santa Catarina: Síntese Informativa*. Florianópolis; Ed. do autor/UFSC , 1992.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 2.ed. São Paulo; Ática, 1994.
- _____. ' 'A Modernidade em Monteiro Lobato". In; *Letras de Hoje*. Porto Alegre; 15 (49); 15-22, setembro, 1982.

- _____. “O Texto não é Pretexto”. In; ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para Crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.
- _____. & _____. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 3.ed. São Paulo; Ática, 1987.
- _____. & _____. *A Literatura Rarefeita: Livro e Literatura no Brasil*. São Paulo; Brasiliense, 1991.
- LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Coimbra: Almedina, 1980.
- LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LINS, Osman. *Guerra Sem Testemunha: O Escritor, sua condição e a Realidade Social*. São Paulo: Ática, 1974.
- LIVRO EM REVISTA - Revista da Associação Catarinense de Editores e Livreiros. Florianópolis; agosto de 1994.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre* 14.ed. São Paulo, Brasiliense, 1972.
- _____. “Cara de Coruja”. In: *Reinações de Narizinho*. 50 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Hans Staden*. 27.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LOBO, Luiza. “Leitor”. In; JOBIM, José Luiz (org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KRIEGER, Maria de Lourdes. “Os Animais da África, na Terra de sol e mar”. In; *O Estadinho - Suplemento do jornal O Estado*, nº 8, Florianópolis; 28 de abril de 1974.
- _____. (org.), *Livro, Criança, Lazer*. Florianópolis: APUFSC, 1986.
- KRISTEVA, Julia. *La Revolution du Langage*. Poétique: Seuil, 1974.
- MACHADO, Ana Maria. “A Literatura Infantil nos anos 70”. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (63): 26-33, out-dez, 1980.
- MARTINS, Maria Helena. *O Que é Leitura*. 19.ed. São Paulo; Brasiliense, 1994.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- NETO, Gustavo Adolfo R. Mello. “O Discurso Especializado sobre Literatura Infanto-Juvenil na Década de 50”. In; *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo (72): 17-28, fevereiro de 1990.
- NOVA ERA. “Santa Catarina, Finalmente!”. Rio do Sul; 01 de março de 1969.
- NUNES, Cassiano (iprg.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro; MPM Propaganda, Record, 1986.

ORTHOFF, Sílvia. “As (re)descobertas e mudanças agitam a literatura infantil”. In: *Diário Catarinense*. Domingo, 06 de julho de 1986, p.8-9.

X PALAVRAMUNDO: “A Arte Infantil de Maria de Lourdes”. Florianópolis: ano 1, nº 1, outubro de 1990. -

PERROT, Michelle (org.) *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottmann. Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PERROTTI, Edmir. *O Texto Sedutor na Literatura Infantil*. São Paulo ícone : , 1986.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. *A Arte de Fazer Artes: como escrever para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

_____. “ Como Despertar o Prazer da Leitura” In: *Leitura: Teoria e Prática*. Ano 2 - Abril 1983 (n- 1)

PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto Maravilhoso*, trad. Jasna P. Sarhan; Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

PROUST, Marcel. *Sobre a Leitura*. Trad. Carlos Vogt. 2.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1991.

ROTHER, Arnold. “O papel do leitor na crítica alemã contemporânea”. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre; 13 (39); 7-18, mar., 1980.

SACHET, Celestino. “Um Amigo mais do que Especial”. In; Jomal *O Estado*. Florianópolis; 06/08/81.

_____. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

_____. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis; Lunardelli, 1979.

_____ & SOARES, Iaponan (org.). *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis; Lunardelli, 1989.

_____. *As Transformações Estético-Literárias dos Anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis; UDESC-EDEME, s/d.

SANTIAGO, Silviano. “O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano”. In: *Uma Literatura nos Trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo; Perspectiva, 1978. '

SCHMITZ, Paulo Clóvis. “Às Brincas e Às Veras”. In; *Ô Catarina!* nº 2, Florianópolis; abril de 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura*. São Paulo; Cortez, 1981.

_____. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. 3.ed. Campinas, SP; Papirus, 1991.

_____. *Leitura & Realidade Brasileira*. 4.ed. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1988.

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar História: Uma Arte sem Idade*. 4. ed. São Paulo; Ática, 1991.

- STAROBINSKI, Jean. "A Literatura" . In: GOFF, Jacques Le & NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- THIAGO, Arnaldo São. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: 1957.
- VALE, Luiza Vilma Pires. *A Atividade Imagética em Corda Bamba de Lygia Bojunga Nunes*. Porto Alegre: 1992. (Dissertação de mestrado defendida na PUCRS)
- VYGOTSKI, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *A Literatura Infantil na Escola*. 2.ed. São Paulo: Global, 1982.
- _____. (org.) *A Produção Cultural para a Criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____ & MAGALHÃES, Ligia Cadernatori. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. 3. ed. São Paulo: Atica, 1987.

ANEXOS

Fundiaí agosto de 19 SD.,

Prezada Maria de

Não sei uma amiga nossa, chamada Liliانا,
que a oportunidade de por mente a post. mi
Lemos a que você man-
deu para ela e gostamos muito, assim
resolvemos lhe escrever
estamos mesma
que ela a D. Albertina (nossa professora
leu a sua sim-ica carta para a classe
Nossos nomes são Eliana e Náquina

Gostamos muito e
gostaríamos de saber se
você tem outras obras além dessa. Acha-
mos que Recordações de um Agente Se-
creto é um livro sensacional, tanto que
de já resolvemos
lhe escrever, de tão bacana que o achamos.
Esperamos que você continue fazendo
obras tão bonitas quanto esta.

Achamos

ver colocado seu endereço para correspon-
dência muito legal, pois acreditamos que
com... er 000A>>rv. é muito important
pois um livro deve ficar somente entre
o começo e o fim, por... vames... C^wILNSÜO
a uma perquinha: Co... 0CX...%... 0...
que a ideia C^sü-c^ig^i^v>^<^fs^V^...^sIT j^ \ <::^ (^^... ão 77
Pa... r^rÁ^rVvX, nos despedimos esperan-
do resp: f-xSÍ^Í^S;X_SÍ>- ma^AI=> WUJO^ ^>r^gat^aJ^rv><LV
3Íj>oô^ .Jbií^ já destas suas fãs

Náquina

e

Eliana

PS: -C^s5l-5^J>^>r; >^5SI^ - nos gsf^ -<j-r^ -gy gfts Y-4<t. patuquês.

§ as Bernardo

cio Xa.ynjpOjJ. f Ae >roG>rcida ^<S>i.

Prezada

câvâdDiô 'V^öcfö.-àe ifòom-cief,

^JelTe ©i^r -'ô^í5y\W3w<^xôte3to6?i> vi <iS vv> cowiifce=

O q

LÄ c^cj&vêiece e'j^A^ce eáôs4jc -via^'^'^ do A? dtc.éc-

sérpe

gr

tau

le/A^ ofa&-^É^vfo "eco;(^p&s_c^e^w>rv^yb^ ^ecr^i^ò ^eo*^

fessora

(^e 'iâr&^juL#*^ <^3 viofv\^_<^cú\â ^ §>)

que é d b

P

(5 <"cÍA-c'^^v<^'icsvv^sco dS^e-J-^5—e^velJt-^fbc,v

W não pedem que

^alúEQ^f<^x^câ e

suds

Jf3rPvici?pc3^oW<3ii>

lhe

^^ouL^eio, porque ^C>ISa/P-O ^yt<S^ -CQ^^ç^>7T) ^UJCh

^P-r^cf^

Q5ra-b

e

"Kob

jpr6c?3cUjibox5

-ol^yi^

dtfd

23

de'noörc

(^o>e^ díââ^ cAe EA^TeQd^^ ^Çc2ID^^Lc^._cjaleíe^e _<5o^ cfiisjajQ.

sro

<5 e \Aj:>->-.vee'öe Jlpot<<^c&LsdbAejS-^jC<3r;4ô^ res:^^

o chego

Cäv^S^'^^câ

data fechar

k<^>0rXD'S>-,CiBcva^ie/v5^fi^YVTncJ^ ,>vT,Tê<ô^VvvO

que cheque

depois

^-50 rô" >TYX.oã3o o^?L

Qj^wAo _WçYY\£^n<â.'Cl_ ^æ^4&f-olsv^:o.AV71û'^^,^ya^^cP^^

um

carta

-CJ>m C3 Ö^-V<£a5 c^ vvvS>aW-X-WiAa® J33-JYr&se^t-^ôu-IS-vif O

----- 33e3^c6 - e aio r ôçof> dLe> -se^ líitc

..xXo Mev7r?^^

P.S. J-ico

-vvJsVo CÆn,^^S^e-^v>::>_>:rrie_cX3tCLE5>Y:>çvx::;^er C©>V7 OJL^o ou

tora

j>pC)^ ^vvuvvxGksi^<^^ Gc>cr e^'piév^câf>

são Paulo, 27 de junho de 1983.

Cara Maria,

Confesso que não sei como começar a escrever-te. Já comecei. Desculpe-me se preferes ser chamada de Lourdes. No entanto, os dois nomes são bonitos.

Percebo como é difícil uma correspondência com escritores. Logo vem aquele receio, aquela coisinha de, será que ela vai me responder? E também a preocupação com a caligrafia e ortografia.

Maria, li o' seu livro "HECOHDAÇÕES DE UM AGENTE SECHETO", isso a uns dois anos atrás. Achei interessante, gostei muito. É incrível como a leitura nos transporta a um outro* mundo, e eu sempre me colocava no lugar da 'Lea' Nelci. Piquei tão contente quando li aquela passagem onde você descrevia o João Oscar pensando se no mundo havia outro igualzinho a ele. Isso porque sempre me indaguei se não haveria no mtindo ou no universo outra Silvia conj costumes e hábitos iguaizinhos aos meus, defeitos e problemas também. Parece coisa absurda não? Mas acho que só você sabe bem como era esse barato. (Desculpe-me se demonstrei um vocabulário tão dos jovens). Continusrido, foi uma bonita fase na minha adolescência.É, mais ainda não sai dessa cruel fase. Tenho ainda 16 anos,

Acho que a cada novo dia, a cada nova experiência, acabamos por tomar novas atitudes.É por isso que 'so agora resolvi escrever-te. Descobri em mim uma facilidade de entendimento de leituras. (Josto muito de ler» Em consequência disso, a vontade de escrever. Parece estranho, uma garota tão nova, já com essa ideia meio absurda: Ser escritora.

Oque você acha disso Maria de Lourdes?

Desculper-me, mas nessa idade é comum divergirem as aptidões. E eu, as vezes, me confundo. Felismente essa idéia é fixa.

Estou escrevendo algo que mais tarde possa ser um livia

Alguém me disse que escrever é uma forma de responder as nos-
sas indagações. Acabei por achar mais um motivo p«ra escre-
ver. São inúmeras as minnas indagações.

Maria de Lourdes, peço—te que me escrevas uma cartinha.
Não sabes como irias me fazer feliz. Na§ sei o que pensas dis-
to, ach.o tão importante conhecer pessoa,s novas. Mesmo que seja
por correspondência.

Ja ia me esquecendo, mande-me informações sobre novos
lançamentos seus. Espero i^uito que mé escreva«.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Lourdes', with a long, sweeping underline that extends to the right.

Urupês, 13 de março de 1984.

Oi Waria de Lourdes!

É, você não tinha respondido a minha carta, já estava me conformando por não ter notícias sua. Mas quando recebi sua carta fiquei contente e ainda estou contente por receber sua amizade!

Obrigado pelos elogios, mas na máquina de escrever eu me solto mais e vou mais rápido. es

Você deve compreender que há muita curiosidade a respeito da vida de uma pessoa que escreve livros, então Lourdes, eu quero que você conte, como é sua vida no dia-a-dia? Os problemas, as alegrias, etc, que encontra pelo caminho, tá legal?

Passei as férias de dezembro em Campinas-SP, lá eu comecei a ler seu livro mas não deu tempo de terminá-lo de ler. Minha cidade é pequena e não tem nem livrarias, pedi para várias pessoas se tinham o seu livro e nada. Essa falta de livrarias faz muita falta para uma pessoa que gosta muito de ler, eu neste caso. Peço a você, se não for incômodo, para enviar o livro que escrevi para eu poder lê-lo e guardá-lo com carinho. es

Faço votos que seus alunos voltem mansinhos e BS^H aplicados.

Espero que nossa amizade selada dure eternidade.

Por enquanto e so.

Um abraço do amigo


Paulo S. Contado/

Cotia | SP - 16 | 21 | 93

Prezada Maria de Lurdes:

Recebi sua carta com muita alegria surpresa.

Surpresa, você não foi a primeira que eu escrevi comentando a obra em questão e o autor(a). Você foi a nona escritora que eu escrevi. E a primeira a responder.

Em sua carta li sua a humanidade e a simplicidade que fazem parte da sua pessoa.

Agora você para mim é mais do que uma escritora e uma grande amiga.

E procurarei ler seu dois livros "Regredos do coração" e um amigo muito especial.

Principalmente porque, deles trata de questões políticas da ditadura. Uma época que me interessa muito.

Espero ter conseguido uma nova amiga, uma nova chance de me abrir para uma pessoa tão genial como é você.

De C

Quaerellos

vereiro cLu J. '3' a3

Di maria! Tudo bem! como você vai?
Eu me chamo Cristiano, tenho 13 anos,
irei completar 14 anos em maio,
dia 18, estudo a 3ª série sou do
signo de touro, também adoro
escrever poesias, (mas ler suas histórias),
adoro ler poemas, poesias, já escrevi
um livrinho (sobre uma fada que
vai ao mundo como um dia e lá
vive muitas aventuras, um livro
que ao mesmo tempo, que é um
conto, fala sobre as divindades de
um adolescente sobre as drogas,
prostituição, os problemas do mundo,
como a poluição (até) disso?

Eu sou uma fada número 3,
você é a mentia mentosa predileta,
li o seu livro, regidos do coração,
e adorei muito, esse livro muito
gostoso de ler, eu aprendi muitas
coisas, entre elas, que a vida não
é apenas um conto de fadas, que
precisamos lutar pelo que queremos.

Eu gostaria muito de ser
correspondido, eu sei que sou apenas
uma criança e talvez você nem
leia esta carta, ou se ler não irá
responder, mas pelo menos me
tentar.

você terminando com muitos
beijos para você e seu filhos (Laila,
mirla e Fabiano) e espero que um

dia me responde,

com muito carinho à maria

Louder Kueger

-2- id 51 AtkS*

Os seus livros:

vão quer namorar, ritmos, família
tão comum, segredos do coração,
recordações de tempo agente secreto, e
se fosse possível, gostaria muito
de receber o livro de um amigo
muito especial.

Ai rainha dos sonhos
poetas (sonetos) uma história

sonhos realidade

contos de fada, meus sonhos

E naquele lindo momento

Eu por ti me apaixonei

E conheci um amor profundo

Agora só reparação

Eu não conseguia entender

Uma grande paixão

Passou sem ninguém perceber

E naquele triste momento

Queria-lhe o último desejo

Amor, um sentimento

Pensei ser um sonho de verdade

Uma triste maldade

Mas era a pura realidade

Teodoro

Maria de Lourdes

Sou uma menina de 13 anos. Sou gaúcha. Estou na 5ª série e estudo no Colégio Estadual Marechal Rondon. Esses dias fui até a biblioteca de meu colégio e retirei o livro "Um Amigo Muito Achado".

Achei tudo muito real. Só não apreciei foi os tipos de palavras que a senhora acho que nem os filhos não nos levam a nada, não nos ensinam a transmitir algum conhecimento que estudo, que li um livro com conteúdo. No colégio o livro nem foi lido. Aqui o aluno que para de reconhecer seu professor, que cuida da direção do colégio.

É claro que não podemos discutir em leitura. Mas como no fim do livro, fala quem gostaria de escrever para senhora, eu tomei a liberdade de escrever-lhe e dizer-lhe francamente o que pensei de

Um abraço
carinhosamente
da leitora

Anaíja

60Ä
J

Querida Maria de Lourdes, lemos um dos seus livros "Sugestão de leituras" na nossa classe, tivemos que comprar livros para

taxa de leitura e o seu.

Todos queremos parabenizá-la por seu maravilhoso trabalho, gostamos do seu livro mas também a liberdade de ingerirmos al

ções:

que Regina era espantoso e outros. Ela é ainda mais a compreender.

* Falar tão pouco de seu pai. * É ainda no fim sua na mão a compreender. Apesar dessas observações gostamos da

o ver com a vida. Ameiosa e cheio de desejos como Regina é muita rejeição.

Finalizamos com parabenos, desejando

felicidade.

Andressa, Kallyeyane, Izabel, Tamiza e Lúsiame.

M&E

Com, parabéns por ^{pm/} trabalho que
 que é ANA - LEVANA DA BRECA. Você sabia que com isso se
 mundo que se acha que sou eu fui mundo como ANA?
 É, pois é isso mesmo que acontece.

Alto, mas queria mandar realmente coisas
 sobre ^{Ô&E&A} só gostaria de lembrar que mesmo
 te todo carinho e todo eu mais leveza que a Co.

bem no fundo o modo de falar que
 não, quimmas, e do tipo da brisa: "quietinha;
 -sua-est-...". Você acha que uma criança pra
 er. assim, sem ser compreendida a uma "vaquinha
 de Rorópolis"? Sem se sentir, tão "tristezinha"?

Porque, ^{^55?^ JYM} mais me irrita quando é
 timorosa, ^{J. V. □ m} me tinha que pensar por tudo que
 mãe de Om passou para conseguir entender um pouco
 inho mais a realidade dessas crianças.

Não gostaria mesmo, porque si que gostaria de ler
 , pessoalmente eu pra carta; particular

mas enguei
 "e adrei
 vou tentar ler toda"

M&E

Bem, M

terminar por aqui com um

Urao

Iná/AMLdNYB/iP'sca/CaIy/^\

TE

seGuiry

"

//

ú)6.- CSM ronf! rams/i Buf ziaí Tg-M, 4WÚA' 's/m i^/c^

SOU

PAA TÊH fa^Bs.

Novo úye/4'^4'jf"

Beijão Te quem mesmo sou
Te conhecer Te certo
de Montão



Ai Maria de Lourdes

Gostei muito de sua palestra. ¹⁰ legal não de termos sobre ^{CIX^...rvTKÁii} livros ^{0^i-0} sua vida real.

A sua palestra mostrou que ^{^<3-r-ê} é pessoa culta ^{j.-<áFÁ>co.}

O seu livro ^{..Lii} "Oshbrós in papai" ^{Je^AVE^H .aMIL} fez ^{às rs3tp^} nós também não ^{enxergant^AT- /Q^} enxergamos as coisas ^{assim} como Laura reagiu quando viu seu pai chorar. ^{LiQCX:^ /66^vV^} Ucho também que esse livro ^{um do nós} é lembrança a cada um de nós

⁷⁷ ¹ AuJbii^ To

Eu gosto muito ^{re mais} a ^{contos como} ^{ucJL JLBj>X^ .x- /v^i} esta ^{sa para saber do seu próximo lan} ^{comento.}

^{TT-G->Q|f^Q ^tiJL4} e a ^{op^<gv7^>G/} ^{me!^cLiJj? JjL-} ^{conhe-} ^{âCZ^ y^- A^v-»~toC<SL-----a,} ^{qui o meu} ^{jn.1/9^<^C0-} ^{j^^ieJfS^LLiVX- a}

Brousque, ^{^ 4} ^{to.Q. -j/(v^kv/^'AciL} 992

belégio "Dão k"

Bulpa du 15^

ho d. 1992.

Professora: "3^i^jJL P. 1?iaP . 29

Disciplina: V - L S I L U Q x A J ? J ^

Aluno: Talison r^DVYI.

serie: 5. U

Nº 15

Alô

Gostei muito do seu discurso feito em nosso belégio, mas acho que você deveria ter falado mais de sua vida, gostei pois você falou bastante de seus livros e de sua carreira. Mas respostas pois c-000 c tirvWS. C<xJüC.Cg:>TTiL. nhe a sua pergunta.

Quis ler um pouco de porque envolve um pouco de c odü. sem, o.c hei melhor livro o livro "Nos ombros fortes de papai" que a ga ach o não crescer aquele he aqui que pensava ser mas uma que ~~temporariamente~~ alguma coisa.

Uau! por aqui! Thau!

São Bernardo - CS Camp, 12

Querida Maria de Lourdes

Eu fiz para você um livro, e também

Te a prof

felela que eu fiz, e também

que eu fiz, e também

gostaria de fazer uma carta com o livro

o que eu fiz, e também

felela que gostava que seu pai voltasse, e Paulo sempre se

dele que eu fiz, e também

que eu fiz, e também

foi para terminar

que eu gostei de fazer

português e receber as cartas

e fazer o livro

que eu fiz, e também

j::^JO>i. ,OJ;xr<^CJoãLci^ jCO'r«^ OiÃ*,^ «a». ^3raAj|i-ic< vSLTV**

^jOOT'SrNÔ-'auô <--Ç:»6*V crasj *paí* Jjrs».. 'çx-VBf'Cr-JJ>XX

ry^-f-xc>fa. *Coeli Jf^XcnfiJiK3txs<^x. o *>r\Xinrr*a.

cLo JIJL^o^» *paí* -JfÚJ>i cka- O-O&níJâ Oyrrv Ct

iKi^OSk^iix -

^jRúXi^jü-*>ÂjSr áxfvAio cyjo. juu^ 3>C *»V* *foi* IAiW OrnnM^ H^rvu^XS-

Especial

Eu Cij^o^JjuL 'nrv-ujÔCo *do personagem* ^np\jjvAiLbC\& o <^«Xixa^

éjOL <5 JO-CÔAJU. -T<nX>jis<i<ca>ioso, *país apesar ck^ viver na*

peleja >aoiLPro *amigos* " ^çwLrOLer aj ^Js^oLCX C_C0=CU; *era*

JCjJUJC^vx *procurou* o_CKj<v>*j^a.Âs. A>jUKTST\oJLxJ^ifu-ríS<- -

D. <JLs>w?^JÓoco.>&>Ji_ ^tmS» " J^r<vCl^ *direito* o cy-<-í- oxxrs""^^

jCXjuí cjer^* <5 *paí* è*~iL SiDoük>Â *sei* o^<-v. *#iU. CY'JtaA>X>*que*

;_XiCtoU2D 3C^AMÂrasj-rY\^e=>*mesmos direitos*, '-r>-iXXC) *qual*

foi o seu fim ^

ê-*A. ojcû-vjÚi^ o. *Stf'ôjòSjçs<^c>*. jurrvcAc^.

Q|<:vX&J-Úx T^fjs ÂOlyíJ. ->afl jO, ^j^jIToSaxwCi *tem* -rr-iCo^ vj^IPvâ<u_

<•. □^30>^ Sj^ Cí^O'^SÂ?N>-éc >. *fbsu...*

^i>çatûy\X> ojr\cX©00rr'^A/'<^^<a_ *resposta.*

Beijos da sua admiradora de hoje e de sempre

*Mara *~V^oySj^*

00^ ~ f^ Msr, 00cU. a^ ^U-lcisL i 9^ ^

j |β|.- U>VT. XWv>Ú^

muito especial"

Prezada autora:

T1aaxLô- JU.âii A1^ JÜJ^

em referência (^©U-OaaA.- cLSL, !I

registrar que gostei muito de sua obra.

Sou (xê*A.>^yXL. cLQ-%^y^jüCi^A^

Colégio 6ZA<g^-/cvt-<jXA><v-<3-//

ái^:W: □ ji/vw

São Paulo, cuja professora da matéria de Língua Portuguesa sugeriu tal leitura. No xisoc&xnji^ CÍCL leitura, embora goste muito

JJyy^/ç.^grvJÍ^Ci^ ClB<^A>c<^v^ dificuldade principalmente

i^/jt/IX'V'4r'3' «OL.Ôparadeiro do pai de lauro, identificar sua posição. -VvXXo C<S'vvV:e,;^>tAAvci^ -j^eAXWv^ / ^ /ytscJa ^ ^

Si^-ic /U^kryv^Xi^ loyv^JsB^:

foi encontrado

"yTôX^ "VYA^v^9^-öA

colegas de classe

JyâijTGL^ oíi_kcflLlA^

ideias com papai (que

|C^/nrV^?/rv\ leu sua obra) entendi parci-

/Cxû/WNÎlvJkA/S<-^p^ liado da luta do pai

il.c.vô de JUA^A^.

^I^A/uCL' (<X/vvi^ estou sugerindo, modestamente), que você dê continuidade

iC^ Ct JL^it 7v8vvva/vA.X-€..^j dando ênfase

^ trágica cUk^ 'inj^ do pai de

/cUcA^r.

Atenciosamente

Silvia Perata Marques



Em princípio devo me apresentar. Meu nome é Ana Izabel e faço a 11.ª fase de Enfermagem, na Universidade. Estive presente no dia em que a senhora foi até a Universidade a pedido do professor de Português. Não consigo recordar a data exata. A senhora foi até lá, às 13:30 hs. para responder nossas perguntas a respeito do livro "Um Amigo muito especial".

É sobre isso minha carta.

Fiquei surpresa com o gênero indicado pelo professor. Entretanto, li o livro. Tive várias impressões a medida que o tempo passava. A primeira foi de que a história e a sequência foi oposta, mesmo porque as ideias e colocações feitas através do pai, do personagem Mauro, chamaram minha atenção; a última impressão que tive a respeito do livro foi quando a conheci na aula. Talvez esta tenha sido a mais importante, uma vez que os conceitos anteriores não estavam considerando os aspectos e o clima da criação do livro.

Há muitos pontos do livro que se tornam "subentendidos", deixando margem para que pensemos a respeito. Gostaria de saber se minha composição (redação, conto, romance, etc.), esse aspecto de "entre linhas" torna o que escrevemos mais interessante? E, quais as maneiras que deveriam ser seguidas para a obtenção desses objetivos?

Faço tais perguntas, porque gosto de escrever. Só que até hoje não entrei em nenhum concurso a esse respeito. Tenho interesse nesse tipo de assunto. Suponho que quem correspondendo com alguém que já escreveu alguns livros possa, melhor, dar nos pontos certos. Principalmente devido ao fato de já a conhecer, o que facilita um pouco. Não conheço mais nenhum escritor(a) e gostaria que surgisse oportunidades como essa. Creio que talvez os autores dos livros, sintam-se motivados com a opinião dos leitores que se comu-

com eles.

Talvez o salobro e minhas opiniões acer-
sua livro "Um (2^o) oit-
sido positiv-
Agora ele me é simpático e assim a autora.
uma valorização maior naquilo que leio.

Não tenho a pretensão de que
seja respeitada, mas pelo menos deixo as
opiniões de uma leitora que passa a conhecer
um pouco da literatura latamense.

Sinceramente, espero que
os escritos pela senhora
sejam sucessos quanto
obras.

Sinto muito pelo erro
técnicos e possam
em dia haja mais

Atenciosamente

Ana Izabel

880

ÄjLHAXx3io3bDdo Campo, 13 Ai VLicyi>f/v-r-Jó>IP nlo4 981

£Xw». iLJuuJLex. J)008JHLX

di Spaurd IV

opinion. Opiniões especiais

ser fi

ajôcif paubesse que achei que era importante que eu expôe no seu livro, que foi a época difícil de muita luta, raíba também

eu achei uma época que foi quando o pai

será cumprida, na época das metaleúrgicas que se uniram

que eu sempre retra

Bom, chego ao fim desejando um Feliz Natal e Próspero Novo, que consiga as meas

que eu tenho, com os meus votos sinceros de

Um abraço e um beijo

0-^4Xr^v:=GLOÍL£) - C2kVy>ol^vri>

Fundiaí, 22 de julho pUu—JLS^ZX

fflüxIúL (Ô4u^lpQuXCiXÁ (2cLrm^//ih'fi.r^f

Sei que para você isto não passa de mais

U^3onCL.^ihrx-pbJ.^MÁl.uL:7LJym-jtO...

Oi^LrrKli, llfirr, jCí/áf. /AtúM-nriXio^ jfui. iirj9Iti.murú/~/

J^££JLÖiA.r.aiCtOA dJUSStS =fíf^'-ttTP^ /nt'Mtf^ndiL fHS. parabola

gpT^to.^?a9T.. seu livro md37PdhEMA de um agente

toyEZIO, era tão KJinrrrie, yrJx^s /-T<^;^ oiente

Quando eu imaginei

j^eíAf./ds .-m^MXOÁ /3/oennhtx.OA S iPiKClx^ compra-ên^

confesso-lhe que ao vê-lo perdi parte da

TTVD^" jriOA Mmrciy0-0^ .cAl^C) Xy^Orx.Irmij^h maraX Jlíhjc^

^é^ft^CiyiOCOjU9d>n^yrituAfnX^ynIn

Sabe eu fiquei tão envolvida com o

iuoxo^AAji^y2i^úf^f.^rx.mífmaA,-YüPsn^i^ci^p^.. eta

momento nde

70s^m^L7n^S?7A.CiA /fÁ^XX^OU^atjyy'itjP^mjal^y-nU. até mesmo

du chateação do demônio

Eu e foas tantas coisas

nesso diário, gostamos &nCC^ (Xl yOb->-rUA Piprr^..?

até mesmo X) o Oobj^ jii..

do seu livro,

com afeição AÁXO>^ .m^úrirYirjô^yC^c^

eu pai, sua mãe, seus irmãos, sua cidade e sua

gente

Gostar

que adoraria

ter amiga

sei

impossível

custa

tantos, eu queria pedir

lhe que por favor Responder minha carta

caso

De apenas mais uma admiradora

Biliana Antonia Mattiassi

R. XXôZiii^ .fi2aIá3L A: ^ v/g

-f- S^Zc^L

r4i^hCUXk X,..

S. Paulo

13.200

Obs: Tenho 13 anos e estou na 7ª

baA [] ^ ernando do -Cawv\va0j--^0----- öfc - O'iO'A „,öc. 1981

Prezada Maria de Lourdes

-----S)t> Vqv» '---aOM---Cfc débie, e.,»---ipco.fe^pyA----- sía----->>irQVVva>s>>E&orA>>i f

'Su-nos tfev O aeo Vig<o fto« ->>g>ys&v-- maravilhoso Esse \Ckiv^

ão ae.co'wrs.^fjfa.---fsOCfli---sy^c^Kv^'m ..' oo\va----- que tenhalido.

oáúo--'S)ecaw< ___ier>>6(c,)_*K>6^Ä.^-----«acn---cada---SA^DQ---^e___=rMÔ^ ^i Êr_cox<vo

e. foosse -O:-OvA vo ia.^0... da vida, mas c^se SSLA-MC^ ow* quam.

o. ^ -7y9^ -r\&e's e- <lo> <S?ai'0Ä... TOob,^Ä... isso não vTw^aoif. ^eWe. ta

(je. 0'«e->r\|VNO ^v-w@& -_c^«s»_wnoaDy_____ ^rô^rACi>e. lição cx&^N,

>>O'^ ensinou-nos »- d'©-'* mais vaAov ök-^«-oN^di» c|oe.

z: «Venno j x^oY-cv»*^ de.'poxo, o^v5&vv\i^ Qe fscY-dle. não adiam

>>- •reclawx>a^v".

vloo cOVN^e^^O-V o.-<rrNou oO\<>St. ^ ^OCÍ-Oc>ic "s^ «a^oe. V» Bc %jc-rv\

apifujst>o« c)>>Meo . vJk/^or» . ->>i:r -«Tv^ _____ <>ö.-T ganta. QVJ -e^-rNntakia ^ vA^nr>©».

ee^rtôL muito 0)«a^dLe.) c- co-w^ ç.â.s^ ô- VxT Ivv>*wV>ä mãe

e^ ^or>\Ä.wac—TY',« t><- o V'>>iro e<i^dx> bo-YrN (d^6nr>^S\ vr% e. co-re.*&po<

iOk.*IKe e^oc. &|>v^ ^ . "YY^BJÖ.....eo , d<_Vso _____ c^s^e-'Beocrrtä-ö^c.'b

evjwrrs d^eoPk'^e, ^acvVo ^ ^ um liv'TO -reco'Tv^enr^cC'^e. ^ ^

o©w\ cyoc-c .v^ [] '^ , Cnr>>(t)\-i>ö^ci^ o c^oe. ensina Vodot> c)eve-

&/vv% le-\ô•

S<>àc. livv'o -ÿ-iv^'v'Cöw ,\v-cÀ c.^c\0è.cÄv. É.o-v%Âo 0o-^*\ei0 ->>r\c

<^<©^>5>./ CjQVTPk Y^&-|sL\jr«Ä'^ , -poxoyv>^ «-W» ^>olâ -V^Co ^ou oaÄ> ^ mas

latsro que COTV3 >^<-eeor>^J'a. -vve*»*& e©-r>VivK\c^O^ ^ o O c^o<«w^4-0

öA-ou co'^Ve^le- -/ö«is ^ .a>- primeira cec<A&- que e.»c-vc\<0 -

-ator^o^ rtfe & CO le.^or. Swig. HenV » e^o c^ P forse*

áiō ^^ / :zynCi. / ^ cío Qlo ^ J9 çL T^ QAJO GU JSdJ

(V/GlipXI/QU)u.Ctu .JeU^

des,

Eu-rvckx> ^-J^ok)JL^

para criticae jum

ülyxi du-lhuCtj20u. ...Jji^m, <r7fc-mQ, Qajoiu2nu^;4>yx3jQLJ^m

mas

LOC^:~üU:Ur>nOA^ - duisse>xibãuã3t.Cúco'

e eu

gosto disso sabe?

- ^ Úf)^r^C>.púJL- f2Jif^AcrtnOJ^r^0

Jaão dAcCüQ. p wC^C-O-O 'YYV^~YlyLn^XAD

□ otc J<v<? Âvi^ ^ qui pda.

sua. jüdoâju ^c^tLügl-vTtZ ^ Ouxç

eu também

y^K2. ComnpBAJLyicUObo fu.JjC^f)oL<h^ CiLu dl ^/Mo

ÿ^OOLföO -

js jC^iA Xoto^ ^OiaO^ncAC) ú&y^ -r7-i/€>otA pCLc^ X /Xt-'S CÍJULI^

Eu rô" ^, -^ieoo

ju^j^CuJäh CU tZlt ljlAx^ OUpouà cocx^B^io<^ -

tao f-núuà o(JIÉ<CLjr ~pL-yTCAO (J)lma J^

X úc7>r? X^oo j^chúLx, y-yxijiji

país de 3^>r7 Chju- J^Qu, (UO^ (XyiÇiu

CXendCL CjAxx, JMCLC CMAA. f^cxyncto JIL^C! ifu^ ani^j^p^r^cJ-r^m

porque que foQ^Mck. cJu-r>nCL ôCfJxOb JUXx. CJoicir^CX ->C pOJi. (X^

OuhoÀ ykXotxAo. OÍL

mais a fã jji^rynCL JuQ^oOÜL ^ ^302- JifOUipn

plo, ^i?sa, -rPÄ-a'T'oOSi^X^ Jbou^ cy^*-y^qO-> J^P>OAJOC>

faz o serviço

J2m 60<íia.

fa' está -rxCL JUjOf^Ou . douòi ^OA ?

vezes ^oojâati

corn m'xsLuJ^ pOÜJ po© JiljA n->L yföa'H^rj CXTrr^ C-*<2<^ooC^ -

^X-bihChB(xJ^ CLu ÜJ^JLO^JL^CL YICAJ^ ^ YVQL pexÁA^C/DC^Q^

apuro!!! com

país de pão

Q:€0/Z JUaOu cU^2JLrn^CC

JLLI) JLQQjy/(-) -j-riQuA

comprensivos, Ty^oA ^ WL-ry^ Jj^Üö

assim

fQA quO^ -n aoj<ziOU JähJa?'r', CjuM. o 7-nJL-rui, ^rxjO no

balava

QPAEo C^MJI^ CobuJ3Q^

Stúpidos Jjüü

Cidit 7? <y/2yCuXy^ (ooo ^^ (X^A2AJD^O^fa

qdo ÔJU^ l^xxjoiurj>uo □

(do ^jpão (3A(MJ düj^ CpLjj^ -^Gü OCi^otxAc

acho que isso de pai de mãe ou outra

^ÜibooLilb>

Yi C^C^oLlú^ riod (XoLoJLACL^AA

e ruim, CAJiAU.r^CXÜ^

riX^> ^TvcA Uy^TnAV^>

de mi mãe dos e

n^cse^nos

ai nada. ^AOIQx^ J^>u^

iL^utao pa/<2Cju^UL: AJL, -ynJDi aUjAJL CU

ÜC^αCMU. C^ IQiA^2u>t3

da
filhos

^y^<^tr^p|QM^idZ? QILO^ pCÜA^Öo

respeito (^-LuA

OdOl^hiÁOVLiÁ.

üZüL /30 dizer mais, Íp6c IAJÔ^ Xyr-iOLua yiXi UÊLK,OUcJr^(M^

püdo COÊcXjôh^ CD'yy\X) ^A^hhú já tendo feito há muito

^Yi^pOy CCCcLiâéQ, "pULCLD^OU^shoCO^ fechada >C. oAic V70. >tiit

taÜO^.. à<2A:~Ql..Jjyil^ pais e filhos goste il^y^i^ihs oL^ihz

XX. ÚÊAOi,j^iAQjSúri.v)Cú^ \sùnkAAiÉtiLiL com uma

lhcoblt Ot/2,-yJLCÊitUjff^ ÁJf^iÁ^la^jr-úí^-/jr)~>rijMr yn^/XQ/^ XI usci toca que compreende os adolescentes. Foi bom

áPix2-ar:>a^jXôJ.^nrj2l^ry\U>iO/jL.Ô^o sua. ilii^lj^JQrk

que muito A.-.rJiA^í<-l-^?oíni2Li^_Lc3^ mesmo. lru conlu

ic^ie.^ yiTiOÁ^ JLA^jQO J^it>0—C>LCOU^.- concluir pessoal

Regina Antonia Pinto

La A 6.6. P.5 g. "Org: Francisco Restes Maiou"

■ - SB SP - ' ^ - .r

OMÚA^C^A-PX^.-v.palBxt ^ (h letra .j. JjL, haves

al^Ttryj.,fibf<IC>., OCL parte. Q^JjJ^U^yy).OLA^JQJL.J^y-r^CX,e^3Cl,

fo c2^-?r7 muito cari lru jL JiA^TMCjQL^

Quarta, 11 de março de 1994

Maria

Meu nome é Elaine Cristina de Souza, tenho 12 anos
vivo no Colégio Brito Rui / Jacarã, São Paulo

que foi convidada a participar da Feira do Livro de
Pedagogia do Colégio, por isso é ela quem pede a
segunda obração para

no dia 11 de março, mas depois que
você vai fazer algo de bom, magistral, maravilhoso
e lindo, primeira

gostaria de receber
você e sua família para
fazer um curso de

pedagogia, da análise sintática
e da análise morfológica
e da análise fonológica

em São Paulo, no dia 11 de março
às 14h, no Colégio Brito Rui / Jacarã

até às 18h, com o tema
"A Pedagogia e a Análise Sintática"

com o objetivo de
propiciar a troca de experiências
e a atualização dos conhecimentos

dos participantes
e a discussão de temas
relacionados à prática pedagógica

em sala de aula
e a elaboração de projetos
de trabalho pedagógico

para o próximo ano
e a avaliação do curso
e dos participantes

com a finalidade
de proporcionar
a troca de experiências
e a atualização dos conhecimentos

dos participantes
e a discussão de temas
relacionados à prática pedagógica



Quem tem o (U) Açucúcar chux) dz amofi,
temi' mnpjatQoaá ur.

encharam de água, e eu não sei porq UJL y/hy\iMr/cKsuu^
um aposto no coração.

Quando cheguei no quarto de minha Mãe, eu foiz
li a ela que eu havia aderado o meu livro, e co-
meu a contar a história para ela, seus olhos também
mchram /Ei* água, foi muito bom.

Não sei mais o que dizer, só sei que o meu
livro é o MAXIMO, e agora quero ler todos os
meus livros, pedi eles para a minha mãe e ela
ficou muito feliz, pois eu liu muito pouco.

Espero te conheer pessoalmente logo.

Bijós e abraços.

Gláucia C. XThaUha/U'eUM



Nani.

£)» io^ Of momentos Uida
^comfanhUmrfazttmttofiiz



JībILŪL

Eu adorei esse livro! Ele conta *ijymo Jll*

fMui^ i â g ũ l *Uou te l n f o . ^lAv^ ^fti>oOu uu^*

IL n. ÔAAnâ. *tanAr^u/IO. i:ij(30^* tenha *itAtlig. VTÔt/»^^*

memória o Tiago e o João, vou te fazer
n pedido, que você lizesse o livro ir-
o não que é o maior! Du irmão alça e

D*-
Para formar um tipo de uma coleção

tü- *^iUA^* , pois sei *^(fjusj^OCLAE* *Iyühi^xSiU^* li

ü. *ãl* usá que *^iIJL, ^tôn^t^t^*

1.000, 000, 000

Beijos *JL jßJlyki^^* HA fi(l:i:l/At4

JG»7H À, ma

final!

22ki—pôdb JYY)0 escrever

imlAn^ cú:ik JoAf/wiU .la^ j! : @

mJ 3it adoro?

7Wn passa, tudo piorng me *fnO/Y^ãii :*

mas o AMOR há de ficar!
(São Paulo)

outra carta!
Estou esperando
em!



Lorainópolis, 13 de Setembro de 1981.

Prezada Sr^{ta} J^o < 2A.C0^

Jfi4v^ JTiCw .c(i^(>€yvW, i^dyi .A/i/Eai/)>>><<nacip-jUjfeu _eÂÂlôja: que tiree —Bf>>/i}xiyrvL<^GAfi .de
^,%ou çji/o/'jooû^môoêè cUo-ö outros .oro. po^ii^H^ .Gico^Axcix—ivj-Q^ instituto Estadual
£/iu<^>o. ?-l.Poai^î^ além de querer --jLrr^jUyvo^m que ívilbi—!L'/Aa^E Alsytixj<i. ^côio^3ci-
JgA.Vtambém acho q... n ^A^tairviXn.0 'ísSo^/jfrog/yrAUS^li<^□>» _ _ ^

5biçju alguns _ú/>ru'^^..-j3r\e^ /noh.J^oiLuigOTiJo _ livro, inclusive eu, houve
H>7. _o?>.<yrrJ>/dcgkam j2*#..QcAt' -ft-it-^^vO-jU^ .^^iOu/Cô_ ^cÍ3Ôli-iJÍ2ôà>_ ^lo^ _ja^>Qxiro,
IXo.que .i>^ J^j(p(. &pifru.'do. jQo ô<îlibi.^UZÂai^fi<kO<g^os. -oJlo-zi^a
^ /Tóii—<^jeràam oU. ÍUMJe-âr\ò2>.,^zfií:h'(7r}ádXés^.<:lL-Jbki-Cú7)^-jJ^*^j^juis one fala -
yyn. pcyt%oonJto _/MÂ..yOc/a^ -.CipyM^c^ _ limon, aliqô j m' < ; pegam um li-
/) ^/tc- ler.

fcu vOOvc ciprente sou muito quieta, dizem q sou triste —0>>aC->i ^vrN,<^C.u>Vo.
^/vc/g^ _>><ac-Jlloi stego. que existe nos meus íJLíá^ p.A>^ Ítrv.^-rîLi<43 _ ^---.< . -
julô _isto é', CO-uÔAA Y>r>€Í^uô-i-a, ..no-jO^-. pjkrx/r^ — qz4<tuô S o o ^ a Â ' » —toi-ilcc .
a<4<a _<^J22>><íwÍ5.,ot< . ^>V0a'.» . /rvo que era ^cLeo/i^JbaAju*>>efi-

?kxo.yEtuas sempre p^hgçct^ .>c^/>7.-JI>bva>. peuxOu_itciLv^-jfl:y^g^ente não leio JL<y^
UU&y'^ÔJf> Aoi^yn.JÚrrt^j^loa'^^ . talvez jrvov.que aqui em C<yua. o^ ha: livros dt
ü^yiÉa -Pô^ru^l&a. x (i'^Cihnb7^J3jf _CGn^3/l^ _ livros mais interessantes por que ^
uo jl4C—/Môio /^^câuSAÛx. JfJcoiiu/i ou^vniêlô:ô —ixcoo. —«Â no ortes^a-Ow^cái? _

\yLO -^>yíhrxj&i .sJ^icaL^J^ . Sei q pegaria qualques livro q —t^lfl^TACú-vifl-ír?-.^-----
S^çxt^Cf. ZícCQ ixrm escrever que quise esqueci _oU-Mu—digo^voZtäs-o.^ve-^-
sol _lhjian^, que deveria —JrOC/xB^iísta.côta .desculpe mas eu ^Jk3-.dí^a^Ci^-
a, como a rei e pelo que senti o rei lo acho que posso ser sua amiga
I b achei que ' □ . Í<iíojyrxé^- /: ^Jit/xí,ydt -que tinha i^feva^Í2%a^—oo'Ctfrí-^-CsyrJ^
-J)o, . ÜkiOF^<^ Q -JlíÚTno ./>r'^-XKo..ji-c^m_o. ^/cJk^ danJiUla----- í>^ _yiMA..ii2<^*ú/o bem

chei que - muito

JKMELQ

, e infelizmente não posso

^^«^fc_cie_j0ii^bç»_i32it<2_

? g- / u g u a o - o O ^ . - ^ Ô n i a - , i i f a ^ . i ù

que

JLoa-du-C. caudibla—fU^p/^H,\

to. ySi>yj/ ^ -afin q u r u a v < a . ^

dizer - lre mais

jUi»*iH3_n, ^ g o s t a i , o 4 >

vro j i 4 > . y l c - p y \ j y * M ' y u c . o , n n c i . û - i ^ c o S o , f

Também assegurar que 'j^Q o-o»a<5 o

« joão c^icô'i eu gosto Jex fLala/iyio.

res - ß4>n - sa - bi _ i f . ^ (Í£v^ . cij . ^ ä . o ^ ^ ^ ra

^p4>y)Ó^> Ä CA/do. j i t i ^ l l e x ^ ^ v O c i C ' « ^ j ? B i A L ^

que uma lista de Obitários jL.1

□(n, Oo - < l ^ * ^ l i n e a s . 4 ^ . c b e / o , ' i ù S ? ... O J < y ^

escrever p j O i ^ i l A ^ . i j L u g t ^ a d o ç õ e s

Eja << d b . f l > c ^ : > ^

ora. Salmia, do 2º série de I.E.E. turma 20?

'ICH'^UA Xi/ytn oia/XO-Co-

JÂ.^â)rux_i

Incos, 24 de abril de 1992

Querida Maria dos Santos

Mãe Maria dos Santos

Eu estou muito feliz

Estude mais um pouco de história e de geografia

Neste dia são gostosos, eu tenho uma ficha literária do livro "A vida de Beca"

Parabéns, iii. miaxf^ deslumbrada com o meu livro
Você pode fazer a continuação do meu livro!

lilliK^Riv (lysjj 'JXL...üimnß) du>^>V::afiAflh--

an dia

m

felizes igual à Ana

Al-|,

Você poderia responder a minhas cartas üiilfe; I:

Também quero que você venha aqui, na minha casa, para conhecer a minha família e para que eu possa conhecê-la pessoalmente

Moro em Chico

Beijos de sua mãe,

godana

Belo Horizonte, 09 de julho de 1992.

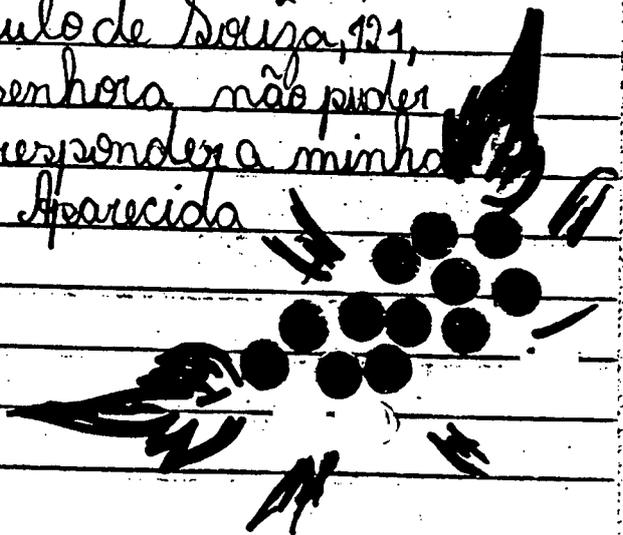
Amiã.

Maria de Azevedo

Eu gostei muito do seu livro, *Amã*
levada da breca. Eu gostei muito do *Amã*
porque ela é *levada da breca*, mas também
gostei da *Lia*. Eu gostei mais da *Amã* porque
ela também é engracada, porque ela é
levada e depois ela fica boazinha e
depois ela volta a ser *levada da breca*.

A *Lia* ela parece doente mas eu não sei se
ela é, ela também é engracada mas eu
gostei mais da *Amã*. Eu também sou igual
à *Lia*, mas às vezes eu converso em sala
de aula. Eu gostaria que a senhora continuasse
escrevendo livros porque eu gostei muito do
seu livro *Amã levada da breca*. A professora
falou para a gente pedir para a nossa mãe
comprar o livro *Amã levada da breca*, para
a gente ler e responder as perguntas que ela
passou no quadro. Eu gostaria que a senhora
viesse aqui em nossa escola. O endereço é,
Brimida Expedicionário Paulo de Souza, 921,
sala 4, 2º turno. Mas se a senhora não puder
vir aqui, eu peço para você responder a minha
cartinha. Abraços de: Cintia Aparecida
Avernaz Marques.

Beijos!



Palatina, 22 de junho de 1985

Estimada colega,

iW ocasião àa- CVuVfal*' _ ^ii Q_<ytAj^>^jOrM>TnA>»iCo <Ae.

40^iL.Oir>Ír>A infantil Xi^ Cif pan-Ctba, comprei meus li-

mos _ ^pniiiAi-rmtM^--- /sAuingrS-j^A^ufo^ ^ IA/Yvxot vez que já tra^

.í^yi.tfcvftnrYMTS--- jutxrr>---^fcJZL^Ck-fjcao- J>aJ^ de aula (região da

.Qrvsniff^i?^ . Qd ufQ<a2k----- gada rL covite* ^

.Mites :^QL-Aouamrw---h^f*A^---L/ôn/Er^

gruítas - lbe o/v>v:ijw^g" rLi >^ ^ continhas <□<<

_Oife^AOrvfX^n----- rY<»*----- ^AeJnAr----- tffn&t-^y^" -xif^2t. be J^LAAB^.

responder, para usg..... ^"ww^P^ y>et>v^ Ci. ciLv.^v^- .^AJ-

comei muito c^nl <v.j.

ca C^AifvcLow-m^QLO----- i^âJ- lúnes ^nr.A^'vc^r^OLr^

^aexa- <^X^>ac^Jpf^ . □ □ □ .; □ -qpSa.- é^isóaei----- 3Ciâu-^v>OWwv^ha Op. <

não chas os alunos gostam.

Quanto a: repasse CXO^A>Q^J^A>i: |flrLefILgAr|

Os professores gostaram e estão Q/v>/;w-iiar-wajana neu-

benem as sacolas que díAifáaei. cLi <^!Uv_ *A^ a^p>

É como está &L- JaA<>~Íi>^C^IlmiZfijt-^ VTi" > . 0/>/r>^i3LA.

mais algum J'Wvg? Gostaria rL IrA^Ov.

-CX>A^c^----- £----- mites ;fdjwCAÍÍÁxie- jc3Â faá.Axi---

carreira,

Sua CJB^ ga

WV^rvn.

VOV^A>QV, IpokLt "tv-vcwvcíAv ~r/~- Tvla** <<wgUa*^.<.',

QfcYáÁjcJbívCU-, íl'cL dezembro ck Ü9S5.

jftoAxxx Jt üeuüJL»,

P«

Ficamos felizes OOTO OL cxxÄitf^Jux c|ju>. oeca envicou

1«
TÍK

à c«Xuk/ttiOL íJLcvocx*

4AA:|UJX ^oni^aoloL ;|3^v .ila TOÖJ© Ílx c«>nfeol&me

c^vOL. jüLco. í^bCAxeo. - *the, mas* jÄjk«te •íx/m.

SftuL oc |jvie|LM«v<x oL *Português,* Ifecutcilí«x jLvmAX-

jWtn-f^CVr^O— Ç-erra o i nMuunj&S. m^y.CtdQaak Çj^CLCÍXe-díU-

romance " IUm xhVQwThesjindQaxCÁCAol'4v»oi OAA

,|jQ!tCVÍTO 0<A5CJLOUC *Um um* nrracAl»^; C^ÍJHCXAAXqTUL ^>©î

(Urrot.icvvs*. <w>W © ijpe cU |9UHXX.,:íÜ?

Depois JU JLum. © JÄOOô i|o<xi>!-<« *is que* *escrevesse*

à -o»^cí.^ ySÖu& *garotos* eif- dS «.4<ó o>n@i>.

Ji|i| MujišAe A*JUÍ*MV *outros* Xi.)0@^

^3w jii

em *lourdes* ficarei contente *uma cartinha* /UA<X.M.V

tenho •CaÁliaO'. tilque *meus* alunos *fic*XxKIW' CIAyV^X- •rOCvi.

**Qente amiga iguaí a i/océ
6 gente muito 68(36Ctai**

*Beijos,
Luzete Sparacida*



"A"

• I

• I

Lvidaaes ligea/i^ntes flo Ls-itarci Extensiva "ULX andgo mito ospeo:'-.'

mo (a) 5-«-----'-----Valor:-----Créditos:-----

óiesao3?£H3Doni3Qlie Ap?,Tocida de Oliveira« 3)a,*eaf-'»-----

Identifique as personagens pelas caraci;cs'£sticGs:

-Velhajxaagra^taljdnliaítinto o rosto em pregas e o cabelo bioiicoj

txás na oal>eça,>e!a caracol«-----A-----j-----

-«era seoarada do laarido,nossa vlsdialia«-----

-««havia dado uma foUüjaha com os dias do ^o,no ITatal passadora sSe

L©rtarij.nofaia faxina em saa casa*-----c,

-««sempre contava historias do elefante laribo»-«-''=-----

-Ela não pintava mais o rosto nem os láhiosoOs vestidos ficaram feios^

^stos*diferente dos que usava no tempo em ^ue o marido estava em casa»

-----III-----I-----r

1-o« ele pegava o estrume no pasto tuna vez por semana,-----«-----

=>Belacione os personagens seusanimais de estimação t

1) Lauro () tinha um lagarto»

a) Gílson () tinha um coalho^

2) Clóvis () tinha um elefantSo

a) liliane () tinha um gamháo

-Beconheça as personagens de acordo com a frase pronunciada i

)- L já e deaais'«^^*?^ Ce tolices quem vai falar sobre um anl^srl 0

Bstimação simplsscomo um gato^un caeh03a^»un cav3,lo?«-«-»^»-

)»—:§ cla3S)-Mora2ido onde eles aoraa^l normal que noms2 que os animai a

B estimaçãẽ deles se^am esses«««»-----

)« nEo fossem o estiume de vaca por todo lado^—relatou â iindE^î

ia um hom lugar para o menino« Porque asf^cas são mansas e esi^o piQUb.8

or cordaSo -----ir nmj-TiB-JI III -mt-----tm-tiw □ □ Ti-m-n.□ marifri,mvi-w-i.□ mwmn\ i m r-rf

»liauro falava de seu elefante e os colegas de classe ficaram curiosos»

Então «cada im disse al^«Belacionet

a) Faulo Boherto (h) iËircelo (c) Clovis (d) Zezínho^ (e) Bodrlgo«

)« »'disse que Í3^a levar sat>ão em po»umã caixa grande«

) «r<> Como I que -bi esfregas as orelhas dele?

) — Como “fei fasses para sahir na costa dsle?

) ««« Hão vi elefante nenhum,nem porcaria nenhu-aa de elefante

) -=> Se tu deixas eu lavar ele,eii levo uma. escova nova«

1. Assim, a alternativa **C** é a correta.

1.- *ii*ey. 'i aoaprc coasor1«va c fcelhnao ar; cr.a-i fle Xtatro exv.

() Sio v£-ior () lio Bete () Ho Cailos

.)-0 piimeiro aalnaj. äs estifEção de lauro foi»

{ } ua eXefoute () um cachorro () tim pato

)-Qaaaao pequeno.» único neaino eom qjiem laaxo poâla

brincar *exat*

{ } AÍnier () Amo { } pedra

.)»lio Beto eia irnãõ:

() do pai àe leura

() ã& sãe ão Eauro

- Asaincae (C) *qaanõ* a alternativa *for* certa e (B) quando for ôpada* ;

) A casa de líiaro era de madeiia^'com dois quartos,tuaa p.la e a cozisihã,

) A sala era o lugar da casa de que *IBvLxo* e&ís gostava*

) Atras das caioas ficava um pequeno guarda-roupa^

) A uãe de laurô^cuidava^doa sofás oon caziaUo e cobiiã-os coã plástico, irando-o no dia de viaita.

▫ (^ea ôisso esaas "belas palavaas?

^ Algursas pessoas pensan errado dos outros^porgue so átodo elas I que £IO erssdas. e,f?aleaaõ dos outros,querem se ezignar.

Poi:—>>—

S-Con suas pelavi^s^justifique a fi^set

· **=—^SG eu p6rcs.3r este ivffii.sojnoã ssi o que vou faaei^

Belo Horizonte, U_±Æ

julho A IIIUI

1 a 1

MO K r d L M M

0

Apreciei seu livro "Uma Levada da Breca".
Após a leitura decidi indicá-lo para a minha
classe. Os alunos "amaram" seu livroinho e

AjMm a du. não PA a t i ^

cartinha um

cartinha, logo após copias e
devoei aos alunos pedir que estes copiassem,
alguns persistiram com os erros de

J'Choà

português. Recb. lhe desculpas por estes erros.

Decidi enviar-lhe todas as carti-
nhas porque os alunos ficaram bastante
empolgados ao lhe escrever.

Trabalho com a 2ª série em uma
escola da rede municipal. Alguns alunos
desta escola são bastante carentes.

Minha sala é de nível melhor mas
alguns alunos são bastante fracos e
precisam de muito incentivo.

Atenciosamente

Márcia Santiago



Juina - MT, 16 de agosto de 1995.

Presidente, Krieger,
Como vai?

Sou Jacqueline, professora de literatura
do Colégio Sistema, leciono de primeira
à terceira séries;

alunos da primeira série leram
o livro "Breca". Foi um
sucesso todos adoraram inclusive rece-
bi muitos elogios por parte dos pais,
adoração.

em, estes são alguns dos
para te dizer como foi o
que as crianças receberam os seus
cartinhas e eu não podia deixar
agradecer
um foi a primeira carta

alguma obra, se for possível me
trabalho, para que eu adote em outras
ou mesmo na primeira.
Ah! não esqueça de agendar

M/yyiO'. visita a nossa cidade; pois
nunca a) escritor(e) e fica-
ríamos visita,
programa autógrafo,
seria um sucesso.

No terceiro bimestre a primeira
série vai ler "irmão-Sanduíche", eles irão
te assim que terminarem de ler.

visita de a grande sua
primeira série cartas
sua

Um grande
sua já
faqueline.

P.S.: Yy>E ligue, oy(> g66-J^ë9.

5>So Be>t'v>oie<lo do C(»/vn|7o, Ao,, ie

Abril Je l^bi

Rie^acl—^AX»jeio .fie Loyjtcle«

Li aau L<^vie, o^ R<>cairrJa/^A«â dr Ür(»v) —Aotnoie—ftcl(leiül^ S, pûKi,
^eKmrjtjio de fimrind |7rif L ~~fuora~~ —cIl em.ÍuG^TKa^~nr>fea fi\p.t/w<ie> ÍÍ>Aí^A/m^
e -Uu- |>aftd Vo<ios dà rfr^inr, ^ .^da^ae JLÍÉJ8) —.d _____ .C«.xdia _Cjioje—v/o_ c€ ev^víou
rr>o*ic cole^â i^vilo .MeonJweJOfroy^iK<do>lada«.^ . soube ...enjt Vocc^

»ftlávô Sâben. à 0|>inniào .de. Cddd v>onr>^O^As. O Aev.tiMYí,o .

Pe aóüiâi^ nnenri'l'e, 6u c osiei pnoui^ j jso«« voe* Adte €xj>jv€s5dTv-AA-

no iüü beonr\ ^ d'i'iauej ck >^«05 |7en.^V\ d^errvA , A<^Y>ij«AA.

usando

r>ò 1 í nrtcjuagem j)erm. fe claRd.

Uo mio ào ~~bas~~ il'^5C<iIU, Aeo ^eA; ^T%<Xg&xrv, ele eT o <-yv>»»o i^ÇAÂViônnVe^

-r, cie 'Új- <jonn, L IcvYAÔ^irYNdcâo' OHnvj | O 0>jí^íiv»a , VOCÍ 4Aa^crr\<4e

âveí ciele vçiéias nnn^iüü írm|>o>t'lâ<v.íeA. CO«VYNO e>€rro|>los, ^OóíO

iaKí, Cjue cy>'»'i'ci nnnjuujlo des 'v>>o Je CUiOnr» o fo. €!r<^Qu<^Xacl> O

rvjotlêivná dô FÒllâ CUL aonrvium iCô^aO Coa+JV^ 400Lb 1'DV.F vocer C AfcjUA

íó^Cj «oe o CXclôvennn <j oro mn©nolÍJV050, CJD^vJlo OCOJVJVft. CX>Ort>

Yuuü'05 outras j^vCnrv^

ü/o'5VX3 assumto C'ó <W^ôcl>»Í6fv>-iO clo6 'U omens, que fad B>ócn

AÂja pai com,^wl<anrrs, . ^íoclo<i dev^e^T» odlaer». CpAfi. fvído .^€orw

ue AAJV cl'tv^'cliclo 6v>»int. Ko-^nneofxA 6, omulUouA ^ ooa^korwx AckS

s é or Y-%elKojv do que e*^4; no.

P" Orz-e-m , O ÔcJAonr»io Q me OmÔÍ5 WdTe;C. ,íof d Corrr>p3a.âcS'ú , pa

bas il/s3CâA.j ^«Yn' JVí, à v/idd .JVli.^L 6- â v/iciô JoÓ Pt Irmft/s ^ â »<TnriaOíiADt^

V^ J I I I 6
VOc€ orr*€ TjVdntvs onr'.4ew ^ £ dC.no CjsJt rr.âb ^Jct Ô CrrM svr^ ,

e orvoó onôO <Ae.veomocJ AtA 4o4ôIorr.«mie jU/wb Aory,UacLjvBA ^ de v

emos

Qc VQA Co'vys o e'oe e jaOisvielt c.

scneditor Cjue á \J, A& -ju-cll

rv^ao.e 3) igual a. 003. |'i'vr>64., |qQAa .OD^Ai^AXtnmiOJ. ôl^ é preciso

4»errv»jpi. - om Onti.wilô. Í.O.*s.ça-oi>ocfe avio Co^o^ccâá

----- . - B tem ----- e^iá ----- ^6 ----- d-XJocxiooKs ----- fi.|>inniSo. ----- NÍAO |0LaçO_ ja.ar>A... vo

^fr&jaoroc^&v-ô, XA.Tá-OâA.ÍA_j_|ca.lA-Lamôf^»nO ----- U d e f i At. ex. _ti.cro0 ----- que ----- ^ti^60 ----- vV

-m^vüo .d*tàiv<<|/'ôd<3. Ajoe/v;>ad |P&^Í2-S^*-<< ^ouui ----- eâiâ ----- gA%4a ----- V<<fyv.,%_

^\$j^wÇ/3r>d. Véro>>b?iônrr>gd-.

.....Co'tT> -Cò»ÁimKo.

l-uCi^Lid. ^lcionr»e

P. S. aO N. S'ci Aí, ^odid olôOTind''** U <ie ooce ^ onf^»ô4 4oorn>e* fc^-V> LibeA.<iâlL

São Bernardo <_Viv&comp, A-I_ de A.Vvi> de

Querido Morro de Mourões

Seu livro, que é, "Recordações" muito bom, pois fala do problema familiar. Não é livro de fantasias como outros que já li, me fala de montanhas, rios, etc, é um livro que é um

Amigo "pergunta

foi de

A professora faltou dois dias se não me falhou o tempo.

Quanto a seu novo livro que irá sair, depois lhe mandarei opinião.

Espero que você esqueça de mim e esquecerá

yáWGcjfe c^^=bQj->- 'EQ^iãöv.

VauJo Henrique. colegas que não será você fizes

aÄ-J3f1\$usr>r5Cvvd0-JCTX>do^)0/^ ojlwlf _____ de <09>\

Q.AJL^Ofr. ">nr^CLAJL.CX.cLJL

bandes

do estudante curso a 7ª série do primeiro

da "p\X?jeAX.^ , lemas seu tE\^iQ., □ %°S

Opiniã

voce -Uol^vuCcv viLcU.cU> (vu^iAi - _____ permissão pra

rwNCuA - JIIL IO KX i^rv^OW^ □ ioL f^C^>^i>I-gX.K^ Wy vr3cr-llryx.

^aAo^ ^y\OCXA.Ov.. C^AjLJt-x^jCa^ \u*jg/i>^Vvy>^ IOcrvYv< V13(«gi>^do LoCmc.

levo aqui i.a^cu.. espero Cl iua. a LuL+éA/Lr>C^ t □

alguma voal)^/^, □

?^jO0:>^nV><v^i^ I^ju y ^ jC^TAjLnrvi /otos y2AÄ>>rve>Lup^ giv Vvyg.

w\cvv.^QcMa. aJLyxc^âb "Y7dD.a" jLlui:foato ^ ^gcL& Aa>^

cia meiga JL pura, nos faz <p iA-/otvi>VW^ Ofev-><yr^> i

ASx^OJ^yy^----- f.ûQn^:nrvtu^QL> , <VqXm.<^Oia ^ _____ imaginamos João

LCCc^v e sua família e tx>üdo -vv%<g>iA

iOX.v^ ^ .g:"y^CL. . v.va- w.eLn da a dia -r^ -HL> <Le.a

iryx- C^O^Ax:?'c>nr>.0. XTttS^^er^ i J^iOc. tip^cOp/wi jil v^ (?t/yq±(q ^

<x_ yvcvw^uXo>- Y^cxL:ic0^D^ um gA-i9ar) vwixju:4o c^i^xo^jir.^

e queria p c^o IKg.-v\A 3a- jLo. y^oAo^ seu

espero -CY^h^cu fi^vcjicxdOL^svUJA^olí.

JjtA.o Jij^ .^^\Aj:t->fX>rrO Hxnnx?^ 'tpV\)i?vO I^t7y.. de que

aa -jt-stirvuuQ ACX>\>oJL<-LOC/L.

kp_ QJHa^O>Tr>A . qm^ci^noWA

as meleros,

Opiniã

rVirm ~~alraro sairhoso,~~ ~~^yy, ^O^> ^t <-^t~~ ~~queina~~

Ae\CA. ~~De~~ ~~r^*gi-i-iArwn~~ ~~qu>ff-xy>a:ifO<^/q.^KPA~~ ~~de~~

.f ~~CAgvxA.^CA,~~ ~~□.w^Y7mO.ry?<=>Z,t~~ ~~responden (c.~~

Maunakuisa Rendi Luxembes

~~ir~~ ~~é~~ ~~fp~~ ~~>~~ ~~K~~ ~~ii~~ ~~At~~ ~~.n~~ ~~^A~~ ~~^x~~ ~~mac~~ ~~Leo~~ ~~Puster~~ ~~VW~~ ~~^.~~ ~~>~~ ~~V~~ ~~**~~

2.0U:c^Q<7fa. ~~e seja feliz~~

Och^1/^\80e^iitiAsorbD9P.

V«

hlajzia <dc !noerli'a !

SiA; "?-
W»y.

Estou jLL/'Arefijijrc /ria onen. co) &v.' j-

»f. gjULLiliCk. rlilxnlaiMij/fiea'^r.lirefisriyvié

JUPOa jllrfjffE ntii /HP. -ffimrin-C...

cl 'gx < rknbfyC, jcAjyi.i-i!'/p <4i

euua

j/mcJ. iZLCCif cyieJcJiiJc^r> ÖQU/n)iprs

Segre hf^c^as^ dc^entO'

Estou /Ae'örbtyf'jprJn naenn, acpt-

t/n qca q. — .111 — QjJjo Va)/n^liif 'nimiAnAA:

xt. ia.c/^0 <Tn(u)h auL áii'n/

---- il. ááá nóáááL-In />/// ;

Xllg tr Ö/Ä)rir. (

S^A^üü Paemi'jcJore ii/n. nrln

luocw

∴ cuao U(3t) jdf.ce.npcxs. 40

F.ö'fuiS eouu ^Cjijia. Diou^fin p e n -

rmioJa .OCUL it? à X2r,iPja,)ap^'jé

á /U<itO> Üééht^Bäej. aiL '^nhi^ia/ze

-cLLAIO- /iaaqjii — — — — ^ncLrniAo jüdo.rmUn

LÜÜOÜL^G^ ^Ojh^{as}nif</>fjuí

rezolui

Jl)te<XB.g. rucex" ^ rjtie iP^/fur>4^/UP

e |Oí^ -lacLo r Jif/i

potencial em ação

-----i,ffx)e.co.0CÜS çU^Pnü/a\42 p^p/l

noia^açndí r>A)cLc eji € cnfím jk>?/^ fft

-jli^ Qi íc^ cLtw. CUaiçLcin j 0^ rjtnfei?' ^ p.mir\

-cUjDÔ ct<B.^IZÜ-çxe. dl QH\ n' iH<Aci 'nirt) í^,-

sigaldifcL j CQiii_ (JLJCiir^ i-^c^r)üiafirn. >-

pfl^ <Ac coplkljo_ (^üco^e auüo jania^ -^ Cir^

i-in/i/ncJnô 'afüaa é üè ifi\ \ ^

-----/ú OpQBwÄxiÄo^ir c>IL (B à ~l~2^ein-j(JC

poAn C5 ÓR.(^ÍÍ.J _ ^pnnj_ n_ riu)hnJ/i ^/e □

.(i i i i u _ QuiUc'ri _ jnf_ rimpciP_ nl ^ f' ^f~/o/

UUi-lo-<fa- /róJa.fa..rouj. ca eiin<^inj.\ ^n.

-----^OO_ PARA eCitÁurfer r'A^H:/? n.

-CÀ.ÁacLc , iDncPo óqihé. o^ ní

poderei

:j)rofiicaE.euice<r<^o^ rr.n^

e boa

<^aaAnLpoóh/jnAnnen. tilrnn

felhos.

-/Jq>. cotÁeca ^ji/kiadu CJJ

, uas /cuho

-iii?aqaxt paco (TA)/<g/;Áj? (neiiot Áy'ün

-Uiclo, ÖC -yilJilP n'pneiffiAl/cinrL

V'

gfeKiii^A-/

□ □ ('<|□

□ vsFiv - <□

ahúCL, MCO, -

eu psicóloga mas quando não
li criar meus filhos
il tempo passado e agora, depois
de 17 anos deoperto (ou fui obriga
da q)

CiJ<ictl.OúqQ q^Jocl ^^ lan %>lt.cm t%; | ^ cuu

i-ir, LBi O cJHacIf^ e.órnlsl.. t'iii pe'rt^o. [i:" r

CA-IIourJir \jor>a/ <í. i/taiVg ailn / Ácjie Cn/-

àa) <- 'icuJLioau Or/ pe.'S^driuc

t ðüclo das cci?ft3 ('.^'/neíjdUfxiK~i

Mdcí ch<x é cú H dx üniriljke.O . /IfJo

f?npln ß'cehiß. cJJUUa f?t'Apofi/r. riOm n/úJ

ifcj cb -IB^-----^

/ ^Pnrhra oV /opaçao

V Õn/:rZãã

Obs: caso você q a UBC. CJUU /if-neíjr/iejJ,
telefone e
íki(jcu a cobrar)

5e2P2-S3L3 ráckao ÔU

10. 25 de Outubro de 1994

Cara Maria de Lódes

Estou escrevendo esta carta

para dar o meu

obrigado um livro

que em que li "Segredos do
Coação"

Esse livro veio às minhas
mãos assim: Uma amiga

minha está namorando e

o seu namorado resolveu-lhe

fazer um presente

de presente

ela é ela amiga,

empolgada com o

presente trouxe para mim

admira-

livros, leitura, li

me simpatizei

na história.

mas eu me coloquei

Ponto Alegre (RS), 31 de agosto de 1985

Prezada Opuntaria,

que escrevo estas linhas
segredos

Oficialmente peço permissão para di-
a-la pelo nome, Maria de Lourdes, e destinar do
- jo/ma... Morrinha para trata-la pelo
nome.

peço a sua. gosto mas, independente de sua
ação manar a utilizar o tratamento por
um

expressar as minhas ideias.

de ... não sou um jovem
faixa

um homem de 48 anos de idade, moro em
07/1912 que estava na ...

obra
ajl, Df-B^ t^(-)tf< Wou 9^fcèi^

próximos

>. (i.en(/t5k>4. ^ til:tAe<vtci'^ Q-/ AMW tW'- IA>>^ itou<-

mensalmente de sua obra a qual li de um livro
ance.

Depressa que
as na a frase! E pui, que a
os por isso para fim de mais ter a-

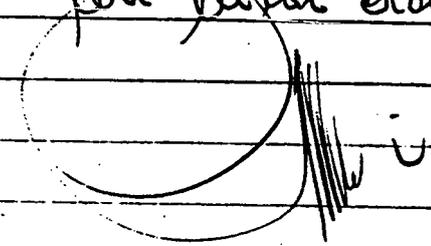
Queo resposta contentar-me-ei 9^ ûiJI/Ww/^iAriî:

Mo porume que posmos jQ^ JÍ:QI_Í3A)^
Mo unasei 6x:5v1\Ü Ät-G

profiter a manter contato com esta feminilidade
habite que expomes e que tanto me (M<D)'KJ^

O grejo-fey LOM" is de homens, muita felicidade
Mo peio de tua familia e um êxito cada

Ney myai presente em tuas obras.
Do tem voltar acidental



^kk[Q Ä±[MM^^
S> t^c^LoHI,-Tiii
PASSO P^/ÜgM ~

^l.o^o-o^i'O^/ir^ /ti'S'SAi Cfi)